

Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae
CEPIS

Retomar a Teologia da Libertação na América Latina

**Seminário com Pe. José Comblin
25 e 26 de Setembro de 2006
CEPIS - São Paulo - Brasil**



Retomar a Teologia da Libertação na América Latina

**Seminário Com Pe. José Comblin
25 e 26 de Setembro de 2006
CEPIS - São Paulo**

2007

EXPEDIENTE

O Caderno **SEMINÁRIO RETOMAR A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA** é uma publicação do CEPIS – Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae.

Editado pela Equipe do Cepis

EQUIPE DO CEPIS

Celeste Fon, Mauro Kano, Ranulfo Peloso da Silva, Rubens Paolucci Júnior e Patrícia Gonçalves Vieira (secretária).

PEDIDOS AO CEPIS

Rua Ministro Godoy, 1484 – Perdizes.
05015-900 - São Paulo, SP – Brasil
Fone/Fax – 55-11-3866-2760
Endereço eletrônico – cepis@sedes.org.br
Site – www.sedes.org.br

São Paulo, Março de 2007

ÍNDICE

Carta de Pedro Casaldáliga 04

Introdução..... 05

A Libertação no século XXI

Abertura..... 07

I - A Situação Mundial..... 10

II - A Situação da Igreja Católica 23

III - Nova Concepção de História 29

IV - A Realização do Reino de Deus..... 33

V - Libertação e Poder 42

VI - Escatologia Cristã e Mitologias..... 58

VII - As Igrejas e o Processo de Libertação 65

VIII - Os Profetas e a Libertação 68

IX - A Luta de Libertação Hoje 75

X - Comentários sobre perguntas do Plenário 97

XI - Espiritualidade da Libertação 117

Anexos

Agradecimentos 126

Valores e Ética na Militância128

Sobre Pe. Comblin133

Carta de Dom Pedro Casaldáliga

Irmãs, irmãos,

O seminário sobre Teologia da Libertação, animado pelo grande teólogo militante Comblin, é uma benção de Deus, oportuníssima.

Sempre é hora de reassumir essa visão livre e libertadora de nossa fé sobre a asfixiante massa de cativo que pesa em cima das pessoas, em cima do mundo. Na sociedade e nas religiões e concretamente, muitas vezes, nas Igrejas "Nosso Deus é um Deus libertador que sabe libertar da morte". "Para que fossemos livres, Cristo nos libertou".

Comblin tem insistido, muito lucidamente, em vincular sempre mais a liberdade e a libertação, como inseparáveis. Digo que sempre é hora de reassumir essa visão; hoje mais do que nunca, frente a tantas claudicações ou ambigüidades em política e em religião.

Uma visão que deve ser práxis: espiritualidade e militância, na radicalidade do Evangelho do Deus que opta pelos pobres e que é Amor.

Devemos levantar o ânimo, viver a esperança pascal, anunciar, denunciar, confortar; como seguidores de Jesus de Nazaré, como profetas servidores do Reino.

Os mártires da caminhada nos acompanham nesta aventura de libertação.

Um forte abraço, neste compromisso e com esta esperança, de seu velho irmão,

Pedro Casaldáliga

INTRODUÇÃO

Houve um momento, na trajetória da Igreja no Brasil e na América Latina, onde um conjunto de idéias-força, alimentadas por valores bíblico/ teológico/ pastoral, animou a prática dos cristãos e impulsionou seu compromisso com os pobres, no campo e na cidade. Foi inegável a importância da militância cristã nos processos de reorganização popular e no enfrentamento dos regimes ditatoriais, com repercussão na postura das igrejas oficiais e na sua organização interna.

Vivemos agora outro momento. A igreja hierárquica faz um caminho de *volta à sacristia e à grande disciplina*. Afora vozes isoladas, já não se percebe a dimensão profética e o testemunho cristão, na atual conjuntura, agora mais e mais desafiante. Muitos agentes, outrora ativos, parecem viver alheios e apáticos em relação aos apelos da hora presente. Às vezes, tornam-se até "apoiadores" da situação que afeta a maioria do povo. A militância cristã, sobretudo leiga, parece meio "perdida", ainda que sedenta. É com essa porção que queremos contribuir oferecendo um espaço de discussão, de fundamentação e de animação. O objetivo do CEPIS ao publicar a fala do Padre José Comblin é:

Olhar para trás e perceber o quanto esta Teologia animou, influenciou e repercutiu na caminhada histórica de nossos povos latino-americanos.

Olhar para frente e, após o acúmulo de sujeitos e militância que tivemos, descobrir a grande e atual contribuição que esta Teologia, resgatada, pode trazer a nossa sociedade Abia Yala¹.

Que a Teologia da Libertação, instrumento e base para uma prática social transformadora, continue como espaço de vivência, discussão, fundamento e animação para militantes dos movimentos populares, pastorais e organizações sociais, e o seu maior engajamento junto à classe oprimida. Que os conflitos sociais se tornem evidentes para quem "tendo olhos, veja, tendo ouvidos, escute".

Que a Teologia da Libertação impulsiona a vida das pessoas para o compromisso com os oprimidos.

Que possamos tirar o melhor proveito dessas reflexões e dar-lhes continuidade, nos nossos espaços de atuação

Pe. Comblin é um conhecido teólogo que fez da América Latina sua nova pátria e que dedicou sua vida à Teologia da Libertação. Continua militante da igreja, na Paraíba e no nordeste, e sempre se reivindicou amigo e discípulo de D. Helder Câmara.

Equipe do CEPIS

¹ Abia Yala = Terra Fecunda.

A LIBERTAÇÃO NO SÉCULO XXI

ABERTURA

Sinto-me numa situação um pouco paradoxal. Trata-se do futuro da Teologia da Libertação e sou o mais velho de todos; aos 83 anos, para falar do futuro... Para quem estiver mais interessado no assunto, o mais recente livro sobre Teologia da Libertação saiu, há poucas semanas, "*Tejiendo redes de vida y esperanza*", publicado em Bogotá. Ver este livro é significativo. Quem escreve são todos velhos. É uma consequência da virada da Igreja Católica, nos últimos 30 anos, onde se produziu uma reviravolta completa.

Todo(a)s sabem e, em São Paulo talvez se saiba melhor que em outros lugares, o que aconteceu. De certo modo, era previsível - cada vez que a sociedade começa a ficar um pouco perturbada, as religiões se fecham em si mesmas e reforçam sua identidade. Sentem a necessidade de se defender, no meio de uma contestação mais ampla e geral. Para realizar essa tarefa, chegou um polonês que já vinha com essa interpretação da *Igreja em estado de guerra contra o inimigo*. Esta idéia da *Igreja em estado de guerra permanente*, vem desde Constantino. É uma trajetória enorme que deu no que deu. Onde estão os jovens? Onde está a voz dos jovens? Os jovens estão calados. Até quando? O que vai despertá-los? São já 30 anos. Em geral, a História muda, a cada 30 anos. Agora, deveria haver uma mudança; estamos olhando em toda parte e não vemos aparecer a mudança.

Em função de futuros desenvolvimentos de Teologia da Libertação temos que retomar alguns conceitos fundamentais. Alguém já disse que os generais sempre preparam a última guerra passada. Surge uma nova guerra e eles perdem. A burocracia dos Estados

Maiores prevalece e, diante de um novo desafio, os generais não sabem como reagir. É o que acontece com os Estados Unidos - não entenderam nada das condições novas da sociedade mundial e estão fazendo a guerra como no tempo da guerra da Coréia. Pensam que as armas mais sofisticadas do mundo vão poder esmagar um povo e impedir seu avanço. Estão começando a descobrir que essa estratégia está multiplicando o terrorismo no mundo. É assim: os generais perdem uma guerra e os vencedores dessa guerra são os vencidos da guerra seguinte porque não levam em conta a evolução da sociedade.

A mesma coisa acontece na Igreja católica. Fazem inúmeras reuniões para preparar a pastoral do século XX, quando, na verdade, preparam a pastoral do século XIX. Também acontece com movimentos sociais e políticos de esquerda e movimentos de transformações sociais. Preparam, hoje, a revolução de 1970. Não é estranho? No Chile, durante o breve governo de Allende, assisti a reuniões onde se debatia para saber se estavam em abril de 1917, em julho ou em outubro. A tomada de poder pelos bolcheviques na Rússia, em outubro de 1917, era a referência. Assim, enquanto os militares estavam preparando o golpe de 11 de Setembro 1973, os partidos de esquerda ou não sabiam ou negavam o que estava acontecendo. Da mesma forma, o Concílio Vaticano II, nos anos 60, resolveu os problemas do século XVI. Fez o que devia ter sido o Concílio de Trento e não foi porque os jesuítas não quiseram. O Vaticano II não respondeu aos novos problemas da sociedade atual e, muito menos, da pós-modernidade que estava nascendo naquela época.

Pode ser que a Teologia da Libertação esteja preparando a guerra passada. A nostalgia de 30 anos atrás é tão grande, tão forte... só que o mundo mudou. A primeira atitude é partir de situações novas. É difícil porque o dogmatismo entra facilmente. Por isso,

devemos evitar viver, mentalmente, em 1968 ou 1972. Desde lá, muitos anos se passaram e muitas coisas daqueles tempos já não têm mais significado, hoje, quando muitas coisas novas apareceram. Embora isso seja quase inevitável em velhos ex-combatentes que somos. Ex-combatentes têm dificuldade de emancipar-se das lembranças e dos combates passados. Mas, é preciso fazer esse exercício - passado é passado, é para os historiadores. Estamos em um mundo diferente, em circunstâncias diferentes.

I. A SITUAÇÃO MUNDIAL

A. A situação política

Os Estados Unidos acabam de sofrer um grave revés, no Oriente Médio, com o fracasso de Israel, na invasão do Sul do Líbano e o bombardeio de muitas cidades libanesas, incluída a capital. Israel não conseguiu seus objetivos e teve que se retirar. As suas forças armadas sofreram perdas sérias e não conseguiu destruir a força militar do Hezbollah². Com isso, o Hezbollah adquiriu um imenso prestígio, no Oriente e no mundo. Tornou-se vanguarda de todo o islamismo na sua luta contra a invasão do Ocidente. Israel sai da guerra desprestigiado e fragilizado interiormente porque, pouco a pouco, os israelenses descobrem que a guerra foi uma ilusão, uma imprudência, sem inteligência política, um gesto absurdo de violência gratuita. Deixemos aos comentaristas militares a tarefa de analisar as razões do erro estratégico.

É bem possível que como vingança, os israelenses aumentem a sua opressão aos palestinos. O que eles queriam era que todos os palestinos fugissem do país. Muitos já fugiram, mas é pouco provável que consigam a saída de todos. Em todo caso, o Hezbollah poderá recrutar muitos combatentes entre eles. Com isso, parece que os Estados Unidos desistiram, pelo menos momentaneamente, do projeto de atacar a Síria e o Irã. O fracasso da sua política no Iraque não os anima muito. A resistência, no Irã, seria muito mais forte do que no Iraque. Visivelmente, o exército estadunidense não foi preparado para enfrentar o novo tipo de guerra que é a

²O **Hezbollah**, que significa "Partido de Deus", é uma organização política e militar dos muçulmanos xiitas do Líbano, criada em 1982 no contexto da invasão de Israel ao sul do Líbano. O secretário geral da organização é o xeque Hassan Nasrallah, que ocupa este cargo desde 1992. Luta principalmente contra Israel e os Estados Unidos da América

guerrilha popular, com a ajuda do povo ou de grandes setores do povo, escondendo os soldados que vão sacrificar-se em "atos de terrorismo". As armas mais sofisticadas não conseguem vencer a mobilidade e a surpresa dos militantes sunitas escondidos pela população. Uma população resistente pode vencer o exército mais sofisticado do mundo.

O segundo grande acontecimento é a guerra pelo petróleo. Os preços vão subindo e as previsões são de subir mais ainda. Os EUA precisam de petróleo e de fontes seguras. Por isso, procuram controlar todo o petróleo da África. Conhecem a precariedade do petróleo do Oriente Médio. Até agora, conseguiram manter as ditaduras dos países árabes, grandes fornecedores de petróleo, mas dada a agitação no mundo árabe, revoluções podem ocorrer tanto na Arábia Saudita como no Kuwait e nos Emirados. Os EUA precisam do petróleo latino-americano. Por enquanto, podem contar com o petróleo mexicano. Eles precisam do petróleo da Venezuela o que constitui quase como uma imunidade para Chávez. Uma invasão da Venezuela poderia prejudicar a produção de petróleo.

Recentemente, apareceram sinais de uma possível recessão econômica, nos EUA, o que produziria conseqüências nefastas na América latina, porque todos exportam para lá e não seria tão fácil encontrar novos mercados diante de uma recessão globalizada. A Europa exerce, cada vez menos, papel importante no mundo. Sobretudo, desde a abertura para novos membros da Comunidade Econômica Européia, ela está cada vez mais alinhada aos EUA. Os novos membros são todos satélites dos EUA e a Inglaterra conduz a manobra de integração na política americana. Na guerra do Líbano, a Europa não teve nenhuma interferência. Assistiu à destruição do Líbano, sem reagir. As potências emergentes, China, Índia, Japão e agora Rússia, em vias de recuperação, ainda não ameaçam a liderança mundial, a potência

econômica, a potência política, cultural ou militar dos EUA.

No entanto, há sinais de possibilidade de crises, a médio prazo. Já que a direita religiosa tomou conta da política do atual governo, pode se esperar um endurecimento da violência, novas intervenções militares e mais controle interno pelos serviços secretos. As liberdades democráticas estão cada vez mais ameaçadas. O partido religioso dominante não tem nenhum interesse na democracia. Quando um Império está decadente, aumenta a violência para se manter.

Se examinarmos o outro lado do mundo, o que está acontecendo? Na África, há alguns progressos, mas a África está longe de desempenhar um papel mundial, salvo como fornecedor de matérias primas, sobretudo petróleo e metais. Já o Sudeste asiático é, cada vez mais, o centro do comércio internacional e irá crescer. Os "tigres" asiáticos fornecem um modelo que envolve, cada vez mais, os países do setor: China tem a liderança, depois vem Coréia do Sul, Taiwan, Cingapura, Indonésia, Vietnã, Filipinas, Malásia, Tailândia. O Japão se constitui o centro econômico do futuro.

A América Latina está entrando num processo de mudança política. À frente da mudança, está a Venezuela com Hugo Chávez. Hugo Chávez é presidente de Venezuela contra toda a burguesia, contra os meios de comunicação, contra as forças econômicas e culturais e contra a Igreja que está à frente, na luta contra ele. Ele se mantém firme graças ao apoio, sem falha, das massas populares. É a entrada das massas populares na política, fator relativamente novo, embora haja precedentes como Getúlio Vargas, Perón. As massas levantam-se contra a classe dominante. Desaparece a aliança tradicional entre os mais ricos e os mais pobres. A aristocracia tradicional já não consegue manipular os pobres. O que aconteceu na Bolívia confirma. No Equador, o movimento indígena

já conquistou várias posições. As eleições do México mostram um fenômeno semelhante, apesar da fraude que acabou fazendo de Calderón o presidente. Jamais um líder popular conquistou tanta adesão das massas populares como Obrador, salvo nos tempos de Emiliano Zapata. Na Argentina, com Kirchner, parece acontecer algo semelhante e também no Brasil, com Lula.

A adesão das massas a Lula significa uma ruptura do laço de dependência dos caciques tradicionais. Significa que as massas populares se tornam virtualmente uma força política, pela primeira vez, na maioria dos países latino-americanos. O problema é que as massas populares não têm projeto de sociedade - querem sobreviver, suas expectativas são muito curtas. Querem crescer e melhorar de vida, mas não sabem como e olham para o líder popular como para um salvador que mostra o caminho. Não têm muitas ilusões e sabem que a mudança será longa e difícil.

Uma coisa fica clara: as nações latino-americanas somente poderão se salvar se unirem-se. Já não se pensa que seja possível fazer uma revolução num só país - um só Estado não tem capacidade de lutar contra o sistema imperial. Hugo Chávez é o motor da unidade latino-americana. Conseguiu formar o eixo Caracas - La Paz-La Havana. Conseguiu entrar no Mercosul. Conseguiu reunir os dirigentes políticos do Mercosul com Fidel Castro, em Córdoba, coisa impensável, há poucos anos atrás. Os EUA nada puderam fazer para impedir esse acontecimento simbólico. Ainda há um longo caminho a percorrer, mas pelo menos o movimento começou, a máquina da unidade latino-americana já está em marcha.

B. A economia mundial

Um dos fatos importantes é que a maior parte do capital se destina à especulação. O mundo trabalha para que uma pequena minoria possa enriquecer graças ao

jogo dos capitais. Geram capitais para que os donos do capital possam aumentar esse capital. Com isso apareceu uma classe de bilionários. Algumas centenas de pessoas têm mais do que bilhões de subdesenvolvidos. Os salários dos executivos são 300 vezes superiores ao salário da média dos empregados e eles gozam de vantagens diversas: residência, viagens, prêmios. Estamos voltando a uma situação social semelhante à situação da antiguidade: uma aristocracia que recebe o equivalente ao salário de milhares ou de milhões de dependentes, exatamente como no Império Romano.

Alguns latino-americanos pertencem a essa aristocracia, sobretudo mexicanos e brasileiros. Os grandes capitais não servem para investimentos. Na verdade, não faltam capitais, falta uma autoridade mundial que queira orientar o movimento do capital. Os EUA que poderiam exercer esse papel são justamente os que exercem o poder imperial e o que mais proveito tira desta situação; não o povo dos EUA, mas a aristocracia financeira que nunca teve tanto poder na política. As Nações Unidas não têm nenhuma autoridade na economia mundial. Os capitais que poderiam servir ao desenvolvimento da humanidade inteira, servem para enriquecer uma pequena classe que já tem uma riqueza exorbitante. Os paraísos fiscais são o sinal mais claro da cumplicidade das grandes potências no jogo da especulação dando cobertura, inclusive ao dinheiro sujo do comércio ilegal: drogas, armas, prostituição.

Há autores que anunciam uma crise econômica inevitável nos EUA, pelo fato de que os americanos vivem do dinheiro recebido do exterior, sobretudo da Ásia, já que esses países compram tudo o que os EUA emite como papel. Aumentam a dívida dos EUA, mas permitem que se mantenha um alto nível de gastos. O mundo inteiro sustenta a riqueza e o poder dos EUA. Alguns mostram que o declínio econômico leva a potência decadente a buscar na guerra outro meio de reforçar o

seu poder. Se os EUA se lançam numa nova guerra, esta pode precipitar a crise. Uma crise dos EUA poderia provocar uma crise generalizada do capitalismo.

As grandes potências praticam o protecionismo que proíbem às outras nações. Exigem a livre entrada dos seus produtos, mas não concedem essa liberdade aos outros. O livre mercado é imposição ao Terceiro Mundo, mas as potências protegem o seu mercado. O caso mais comentado é o dos subsídios à agricultura que faz com que elas possam vender a preços muito mais baixos e impedir a importação. Em certos casos, os subsídios nos EUA podem alcançar 40%. A América Latina começou a reagir. O Brasil já conseguiu que a OMC - Organização Mundial do Comércio condenasse os Estados Unidos que, naturalmente, não vai aplicar a sentença. A nacionalização dos hidrocarbonos, na Bolívia e no Equador, é um sinal do despertar de uma nova consciência.

O problema é que uma grande parte da produção está nas mãos de multinacionais. A proporção atinge 50% da economia no Brasil e, mais ainda, em outros países. Isto permite às multinacionais exercer pressões muito fortes. Não se tem condições de prescindir das multinacionais, salvo se a população aceitasse anos de restrições de consumo até que as empresas nacionais fossem capazes de produzir, no mesmo nível das multinacionais. A situação atual suscita temores. As multinacionais estão conquistando a terra e monopolizando a produção agrícola. A Monsanto está realizando o seu projeto de controlar toda a agricultura da América latina que inclui a propriedade das terras. Na Argentina, o processo está adiantado, no Paraguai, já é fato consumado e, no Brasil, a conquista do agronegócio por multinacionais, avança muito depressa.

C. A situação social

O desenvolvimento de programas sociais permitiu diminuir, um pouco, a distância entre ricos e pobres e diminuir a extrema pobreza. Era tarefa urgente. Apesar disso, o problema permanece. A desigualdade continua ameaçando a homogeneidade das nações. Uma pequena classe de bilionários ou quase bilionários, cresce em extensão. As classes médias não conseguem crescer o suficiente para poder comprar tudo o que o mercado oferece. Os pobres continuam afastados da vida nacional, ainda que possam comer um pouco mais e melhorar o nível de instrução dos seus filhos.

A classe dos camponeses continua diminuindo, expulsa das terras pelas multinacionais que dispõem de todos os meios e técnicas da produção, da comercialização e gozam de incentivos e subsídios de capitais. O dia não está longe, em que o último camponês fechará sua casa para ir a viver na cidade, ainda que sem emprego, sem segurança, sem possibilidade de integração na economia formal.

Cresce a economia informal e está destinada a crescer, até o momento em que a sociedade mude completamente de estrutura. Não faltam capitais para promover empregos, mas o rendimento da criação de empregos é bem menor do que o rendimento da especulação financeira. Os estados começam a reagir às pressões das forças financeiras para investir mais no social, mas os recursos ainda permanecem limitados dentro do quadro econômico atual.

Um ponto interessante é o reaparecimento de Cuba, na América latina, graças a Hugo Chávez. Muitos tinham anunciado que o regime de Cuba não resistiria à desintegração da União soviética. Nada disso aconteceu. Cuba continua. Diante disso, muitas pessoas começam a descobrir que em matéria de educação e de saúde, Cuba

poderia ensinar muitas coisas a outros países latino-americanos.

Permanece o desafio da qualidade do ensino. Há boas escolas para os ricos para prepará-los a manter o sistema, mas o ensino popular é escandaloso. A escola primária não ensina nada; somente ensina aos alunos a preguiça, a indiferença, a arte de enganar as leis, por subterfúgios. Agora, que não existem mais provas, os estudantes podem chegar ao final do curso fundamental, sem aprender a ler nem escrever. O ministério da educação publica documentos atualizados, teoricamente, mas sem referência à situação real do povo. São documentos que ninguém lê e ninguém aplica.

D. Conseqüências da situação mundial

A grande derrota que os EUA acabam de sofrer na guerra de Israel, no Líbano; foi um desprestígio. Sobretudo porque o exército de Israel, com todo o armamento mais sofisticado, não conseguiu vencer um movimento popular, com armamento e capacidade técnica infinitamente inferior. Não conseguiu sequer libertar os dois soldados que dizem ter sido seqüestrados – de fato, são prisioneiros de guerra. Dentro da ideologia global, prisioneiro de guerra é “seqüestrado”; ora, se é seqüestro, não se reconhece como prisioneiro de guerra. O revés sofrido pelos EUA é um grande desprestígio e, diante de uma situação assim, é de se temer uma nova ofensiva, com mais força, para compensar a humilhação e procurar uma vitória mais definitiva, mais decisiva, pois é forte a influência do exército, no governo de Israel. Segundo todos os relatórios, quem manda em Israel é o exército; assim como nos EUA, a influência do exército é grande e a vocação imperial muito intensa. É de se temer, então, que estejam preparando uma reação violenta mais forte, para poder mostrar uma vitória e compensar todos os fracassos dos últimos anos. Quando e onde será?

Como se sabe, hoje, a ameaça são as bombas atômicas pequenas, de alcance limitado. Atualmente, se faz uma propaganda mundial sobre as “maravilhas” das bombas atômicas de efeito limitado. É provável que Israel já tenha recebido isso. Isso seria a grande solução - *“graças a essas bombas atômicas se pode exterminar um pequeno bairro, sem tocar nos outros”*. É só localizar onde estão os “rebeldes”, onde estão os terroristas e com uma bomba atômica limitada não sobra nem um grão de poeira dos terroristas. O restante não, a população civil não sofre absolutamente nada. É a arma ideal: realiza o efeito, com perfeição, e não toca no resto. Dispor de tais armas constitui uma tentação muito forte. Imagine-se mandar umas 50 bombas atômicas sobre o Irã, sobre suas cidades principais... seria a destruição de todo o movimento rebelde, o movimento xiita. Se vão adotar ou não, ainda não se sabe, mas é uma possibilidade séria. Sem contar que os generais vão querer experimentar essa arma. Ter uma arma assim e não poder experimentar seria uma frustração!

Outro elemento da situação mundial que é preciso levar em conta é a guerra do petróleo que não deu certo até agora. Quando se declarou a guerra do Iraque, o grande magnata da imprensa mundial, Murdock, dono da metade dos jornais dos EUA, da Grã-Bretanha e do resto do mundo, profetizou que com a invasão do Iraque o petróleo iria a U\$20.00 o barril. Em lugar de 20, alcançou U\$80.00. Pensava que iria baixar o preço do petróleo e aconteceu exatamente o contrário. O que fazer, como recuperar? Isso constitui outra ameaça.

A vitória eleitoral dos republicanos, daqui a dois anos, não é tão segura. No entanto, o partido religioso dos EUA é forte e deu um grande impulso ao Partido Republicano criando um ambiente com raízes de “guerra religiosa”. A religião sempre foi o fator mais ativo de todas as guerras. As guerras religiosas sempre foram as mais duras e as mais terríveis. A partir do momento em

que entra a religião e se faz oposição entre religião cristã e religião muçulmana, aí a situação se torna grave. Além dos interesses econômicos, cria-se um sentimento de evangelização do mundo, de cristianização do mundo. Isso é perigoso porque os interesses econômicos são coisas ainda racionais, mas a religião é irracional, emoção pura; não tem limite, não tem controle, não tem racionalização; o perigo é grande. Quem será o futuro ou futura presidente dos EUA não está claro, mas com o apoio do Papa pode-se temer.

O império encontra, a partir de sua própria política, muitos obstáculos e resistências. Em geral, os impérios quando sentem que estão decadentes se mostram mais violentos; compensam, pela violência, a insegurança que nasce das resistências experimentadas. É sinal de declínio. Mas, quanto tempo pode durar o declínio? Isto não se sabe. Mas, o fato da Igreja Católica colocar-se ao lado da potência dos EUA não é boa preparação para o futuro. De qualquer maneira, daqui a dez, vinte ou trinta anos o império deve cair. Depois vem o que? O que estão pensando todos os que lutam pela libertação?

No momento, na consciência latino-americana, o império predomina e tem boas relações com a Igreja. Não se cria um ambiente de dificuldades ou de crítica. Pelo contrário, no documento preparatório ao CELAM - Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho, em 2007, em Aparecida, São Paulo, há uma condenação forte contra Hugo Chávez. Isso mostra bem como vão às coisas, como se dá a assimilação da ideologia imperial em nome da defesa da democracia (que democracia?). Não se sabe se isso vai prevalecer ou se vai haver uma reação contrária a essa situação.

A situação da economia encontra algumas limitações. Porém, a economia dos EUA ainda é forte e fator dominante da economia mundial. Não se apresentou um plano novo para substituir o sistema

econômico atual. É isso que provavelmente provoca esse silêncio generalizado no mundo ocidental - o fato de não se ter anunciado um plano para substituir o econômico mundial atual. Até quando faltará a imaginação nos economistas? Está faltando o quê? Vontade política, não há. Que pensam as novas gerações?

A preocupação dominante, hoje, é o emprego. A preocupação pelo estudo desinteressado é muito mais limitada do que antes. Antigamente, os intelectuais não estavam pressionados pela necessidade de salvar seu emprego. Eles tinham mais autonomia, mais possibilidade de pensar, por si mesmos, sem preocupação de perder o emprego. Hoje, a ideologia é prioridade do emprego; o pensamento vem em segundo lugar, - *vamos pensar o que é necessário para preservar nosso emprego*. É a ideologia global envolvendo todo o mundo universitário: primeiro emprego, aumentar o salário, subir na vida. Em vez de pensar, preferem dar mais aulas, mais aulas... Dar aulas em duas universidades; melhor ainda se for em três. Qual é o tempo que fica para pensar? Daí a ausência de um modelo econômico que possa substituir o modelo dominante. Deve aparecer um dia.

A questão é como organizar uma política a nível global, mundial. Os nostálgicos falam ainda em socialismo, mas são incapazes de dar um conteúdo, de dizer o que significa, atualmente, uma economia socialista. Hoje, a economia é multinacional, internacional. Por isso, nacionalizar se torna muito difícil, como se pode ver na Bolívia. Se nacionalizar as refinarias da Petrobrás, quem vai fazê-las funcionar? Lá não tem tantos candidatos; eles seriam de outras companhias petrolíferas e essas outras são iguais e não são melhores que a Petrobrás. Tudo isso, sem dúvida, é um dos elementos que explica o silêncio generalizado. Precisaria despertar e evangelizar os estudantes de economia para

que se ponham a estudar e a definir um modelo de ação, com a ajuda dos políticos e de uma classe política nova.

No nível nacional, não tem muita coisa a fazer, porque as forças são mundiais, são internacionais. Como agir sobre os centros de poder - grandes multinacionais, grandes bancos, grandes consultórios de Nova York? Não adianta agir só contra tal partido político ou tal setor da sociedade. Já não são fundamentos do sistema; outros são os que mandam. Por exemplo, a Monsanto vai tomar conta de todas as terras cultiváveis do Brasil. Está caminhando rápido. Já conseguiu na Argentina, na Bolívia, no Paraguai. Como nos EUA, onde já dominam a metade da agricultura, querem dominar aqui toda a agricultura. Tudo isso se faz, tranquilamente. Onde se viu uma manifestação contra a Monsanto? A maioria nem sabe que ela existe. Ela já controla a produção de soja no Brasil e um terço das terras cultivadas são de soja. Quem está por trás disto?

Tudo isso faz parte da inconsciência global e generalizada sobre o que está acontecendo. Na realidade, é falta de elaboração. Porque atacar a Monsanto, só no Brasil, não resolve - o ataque tem que ser lá no centro. O pensamento de como montar isto ainda não penetrou no setor dos estudantes, dos jovens intelectuais. Eles ainda estão pensando todos em termos nacionais, como se a nação, hoje, formasse uma totalidade, como se a nação pudesse definir sua sorte e seu destino, sozinha. Essa mentalidade tem que mudar. Apesar dos Foros Sociais Mundiais, cada um continua pensando no seu país e não na globalidade. Isso faz com que o desenvolvimento político seja fraco. O desenvolvimento político, hoje, seria situar-se e atacar o poder, lá onde ele está e não atacar apenas seus representantes, aqui.

Qual é o centro? Antigamente, os operários sabiam quem era o patrão e contra quem haviam de lutar. Hoje, o patrão está em Nova York, o patrão está escondido em

empresas, mais ou menos escondidas, onde uma é comprada por outra, que é comprada por outra... No final, não se sabe quem é que manda; o patrão está bem escondido e isto não facilita, naturalmente, a luta social. Aí está uma tarefa para as gerações de estudantes e outros grupos: aprender a pensar mundialmente, dentro do sistema global. Senão acabam repetindo ingenuidades como: "*se Heloisa fosse presidente, faria diferente de Lula*". Não é provável. No segundo dia de sua presidência, já se daria conta que não tem instrumento nas mãos, não tem o que fazer, não dispõe de organizações populares, nem movimentos populares fortes capazes de desafiar a Monsanto. Quem vai desafiar as grandes corporações como o Wal-Mart? A rede Wal-Mart já é a maior empresa comercial do Brasil. A maioria no Nordeste nem sabe que o Bom Preço pertence à Wal-Mart. Inocência total. Não sabe o que está acontecendo. Como orientar as lutas sociais? Será preciso uma forma de consciência diferente.

II. A SITUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA

Os últimos incidentes no Vaticano, como a citação antiga sobre a violência do Islã, mostram que a ideologia do império está penetrando também na Igreja Católica – a ideologia da luta contra o terrorismo. Todos os impérios lutaram contra o terrorismo porque todas as oposições sempre foram tachadas de terroristas. Por isso, se produz esse antagonismo. Para os terroristas eles são os heróis e sabem que serão celebrados como heróis. Não se lhes fará mais uma estátua a cavalo, mas uma estátua com fuzil na mão como convém ao futuro. Na Europa, no tempo de Hitler, apareceram gloriosos movimentos de resistência. Para o nazismo eram terroristas. Os que são terroristas para uns são heróis para outros. O interessante é o Papa se colocar ao lado da luta contra o terrorismo e não ao lado dos heróis. Parece não perceber que para 80% da população mundial os “terroristas” são heróis e prefere viver para os 20%.

A aliança política entre o governo dos EUA e o governo da Igreja Católica segue firme. Desde 83, quando o Papa João Paulo II fez acordo com Reagan para, juntos, lutar contra o comunismo na América Latina; desde então, a aliança permanece e não se desfez. Se Bush é hoje o presidente dos EUA, o grande eleitor foi o Papa, porque o Papa obrigou os católicos americanos a votar em Bush. Milhões de católicos votaram contra sua consciência, por submissão e por obediência, e deram a Bush os votos que lhe faltavam. Sem a intervenção do Papa ele não teria sido eleito. Então, a aliança é constante, permanente, forte e tem o seu preço. Por isso, a ideologia da luta contra o terrorismo que dá coesão ao império, que reúne as elites de todos os países do império está aí, penetrou na Igreja. Será que vai penetrar na Assembléia de Aparecida, no próximo ano? É provável que também se manifeste aí. Como voz da ideologia imperial tradicional a igreja romana está sempre do lado dos dominadores. Não se dá

conta do que está acontecendo, porque não vê a partir daqueles que são vítimas do império.

É significativo quando o Papa invoca a autoridade de um imperador bizantino. Por que os egípcios e a igreja do Egito abriram as portas para o Islã? Se não houve combate é porque o Islã era melhor que o Imperador de Constantinopla. Por que, na Síria, abriram as portas ao Islã? Porque o islamismo era melhor que o Imperador de Constantinopla. Invocar o imperador é significativo porque mostra que história Bento XVI estudou, onde estudou história da Igreja e que história da Igreja estudou. Segue a história da Igreja que está nos manuais que circulam por aí, a história da Igreja a partir das elites, não a partir dos povos e da sua vitalidade, das expressões e manifestações populares, durante 1.500 anos. A declaração do papa forma o pano de fundo que explica e permite que a ideologia imperial vá penetrando, constantemente. Essa ideologia está em todos os jornais do Brasil e estações de televisão, pois vivem impregnadas dessa ideologia imperial. Os grandes jornais, e mesmo os jornais provinciais que copiam os jornais de São Paulo, são agentes do sistema imperial. Transpira-se, sente-se em cada página, como coisa que não se discute, que não é necessário tomar consciência porque entrou visceralmente no modo de sentir, no modo de pensar... É o clima.

Como deveria resistir a Teologia da Libertação, em um pano de fundo assim e contra todos os meios de comunicação? A Europa já caiu, já é um apêndice dos EUA, não tem mais nenhuma voz própria. Acaba de cair o último jornal de esquerda que havia na Europa, o *Libération* da França. Caiu nas mãos do grande capital da família Rotschild. Terminou uma história; aí, o império venceu. Venceu num setor relativamente fácil de conquistar. Pior será na América Latina, onde as elites aceitam, sem discussão, a ideologia imperial. Dissolver essa ideologia não será tão fácil, porque ela se repete

nos colégios, nas escolas, nas faculdades, se divulga por aí.

A situação interna da Igreja também é conhecida. O que não se sabe ainda é quem elegeu o Papa atual. Já se sabe quem elegeu João Paulo II. A *Opus Dei*³ escolheu João Paulo II, por intermédio do Cardeal de Viena e de cardeais alemães. Na eleição do Papa os cardeais não se conhecem, como vão escolher? A maioria não sabe de nada, mas alguns sabem e se articulam antes. Na eleição de Bento XVI, tudo estava decidido antes, estava combinado. Não está claro ainda por falta de revelação. Alguns que falaram têm certa auto-repressão e não se atrevem a falar mais alto. Na velhice, de repente, quem sabe, soltarão coisas que não poderiam dizer como aconteceu com o Cardeal Köenig que, no final da vida, disse que tinha cometido um erro – foi ele quem fez eleger João Paulo II. Era tarde demais, mas esclareceu. Saber quem articulou e preparou a eleição do atual Papa é uma tarefa interessante. Explicaria quem está por trás, quem está como inspiração e como fonte. Ainda não se sabe se foi a *Opus Dei*, mas poucas forças na Igreja são capazes de articular dessa maneira. As forças de esquerda são todas desunidas, sem unidade, incapazes de articular uma candidatura. Não tinham possibilidade de articular como outras forças tinham. Seria bom descobrir quem influenciou para saber aonde vai a Igreja Romana.

Se o Papa atual repetir coisas como os incidentes de agora, talvez possa ficar desprestigiado. No entanto, na América Latina o prestígio do Papa é imenso. Aqui se pode falar mal de Deus, ninguém vai reclamar ou protestar; mas se falar mal do Papa... É impossível!

³ *Opus Dei* é um movimento tradicionalista. Na América Latina exerce uma influência considerável como instrumento da luta do Vaticano contra a Teologia da Libertação. Está fortemente implicado nas lutas de poder dentro da Igreja Católica.

Mesmo os ateus têm que respeitar o Papa. Se houver qualquer coisa contra o papa, imediatamente, tudo se volta contra; ninguém pode dizer uma palavra. Não é provável que isso mude porque, no fundo da religião popular tradicional, estão impressas as três brancuras. O catolicismo popular, a dogmática popular se resume nos três brancos: a hóstia, o Papa e Nossa Senhora. São os três objetos brancos que constituem o centro do catolicismo tradicional pós-tridentino. Após o Concílio de Trento, tudo e todos os movimentos *integristas* se sintetizam ao redor destes três temas. Inclusive há muitos evangélicos que continuam venerando Nossa Senhora. Só não falam para o pastor porque sabem que ele não gosta. As brancuras continuam...

Pode aparecer um desprestígio progressivo esse tipo de posição do Papa. Com isso os bispos locais podem recuperar um pouco de ânimo, de autonomia ou desejo de autonomia. Não vai começar no Brasil, porque o Brasil esteve na mira da Cúria Romana, por 30 anos. Durante esse tempo procuraram nomear bispos de confiança. Se nem sempre deu certo é porque o Núncio pode errar - de vez em quando, nomeia o bispo "errado". Ele mesmo reconheceu, no caso de Barra, D. Luís Cappio que se manifestou sobre o Rio São Francisco. O núncio disse que foi o maior erro de sua vida ter feito aquele homem bispo. Em outros países, como na Argentina, a Santa Sé se deu conta de que a política que levou à colaboração tão íntima entre episcopado e o regime militar desprestigiou muito a Igreja Romana. Depois disso, começou a nomear outros bispos para compensar e recuperar um pouco o prestígio da hierarquia.

A concentração em torno do depósito tradicional que é de restaurar o *tridentinismo*, era inevitável. Isso foi feito com um rigor muito forte, impedindo praticamente todas as novas experiências. Também criou um clero que vive sem contato com o mundo exterior, que não sabe o que está acontecendo, nem quer saber. Está totalmente

dentro da paróquia, do quadro paroquial, dos melhoramentos do quadro paroquial. Precisa ver os seminaristas, no Nordeste: felizes quando estão de batina, é a maior felicidade poder andar de batina! É um sinal de identificação muito forte e com isso vem o sentimento de segurança, de prestígio, o sentimento de força.

Para quem não vive no mundo exterior e para quem não interessa o que pensam as pessoas de fora, tudo que reforça o prestígio dentro da instituição tem valor. A duração vai depender dos que agora estão com 15 anos, de como vão reagir mais tarde. Dos que estão no seminário não há muita esperança - já estão dentro desse sistema. Pessoalmente, já faz 30 anos que fiz um juramento de nunca mais ir a um Seminário. Sempre me perguntaram "e no dia do Juízo Final?" Pois é, tenho consciência que o Senhor vai perguntar: "e você o que fez?" Se eu digo que "trabalhei num seminário", vou direto para o inferno. Para evitar este perigo...

Os padres fazem exatamente o contrário do que deviam fazer: fecham-se dentro da instituição eclesial e abandonam o mundo exterior, no momento em que os católicos não passam de uma minoria. Quem frequenta a paróquia é uma minoria. Em São Paulo, são 5% da população e, no Nordeste, menos ainda; Recife, Fortaleza, 2%. Assim mesmo, os que assistem à Missa enchem a igreja e dão a impressão de que é muita gente. No bairro vizinho onde moro, um bairro com 8 mil habitantes, há 84 igrejas evangélicas e 3 capelas católicas. Dizer que as massas populares estão entrando nas igrejas evangélicas é coisa, como dizia D. José Maria Pires, para agradecer a Deus. Eles fazem o que nós não fazemos. Pelo menos, estão presentes, no meio dos pobres, coisa que a Igreja Católica abandonou, já faz uns 20, 25 anos.

Na retórica, a igreja católica continua no meio dos pobres, na prática, são 3 igrejas católicas contra 84 evangélicas. Se não é assim em toda parte, a proporção tende a caminhar nesse sentido. Quem vive no ambiente paroquial católico nem sabe que existem os pobres. Só vê pela televisão e quando a televisão mostra que a polícia entrou. Só então, descobrem que os pobres existem; porque os pobres não aparecem na paróquia. A paróquia é um órgão que expulsa os pobres. Se um pobre vem até a porta, se arrisca a vir até a porta, dá uma olhada e foge, imediatamente. Sente bem que não é mundo para ele. Não é o mundo dele.

A igreja teria que ir ao encontro dos pobres, mas ir ao encontro do mundo exterior, não é o que se ensina na Igreja. Não seria tão difícil, mas supõe uma metodologia diferente. No Chile, começamos um seminário rural onde os agricultores continuavam sendo agricultores, preparando-se para o sacerdócio. Alguns foram ordenados, mas o seminário foi fechado porque o clero foi contra. Os padres lutaram contra, porque assim se formaria sacerdotes de um *nível social e cultural inferior* - ia desprestigiar o clero. O prestígio do clero, o prestígio do status sacerdotal era mais importante que a evangelização do povo. Manter o status é não aceitar "gente inferior". Onde já se viu uma *assembléia do clero com metade de camponeses? Que declínio! Até no linguajar, até na roupa se pode notar que não são de classe alta, não são de classe superior, não participam da cultura burguesa*. É isso que não se quer.

III. NOVA CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA

A Teologia da Libertação da fase antiga foi influenciada pela concepção de história da modernidade e era difícil que fosse de outra maneira. A modernidade inventou o conceito de história como uma escatologia secularizada. Era inevitável que acontecesse, uma vez que as Igrejas perderam legitimidade por causa das guerras de religião. Uma vez que a religião era causa de guerras intermináveis, a saída devia estar por outro lado: Seria uma história sem religião, secularizada. Porém, os modernos entenderam a história como um processo que desemboca em *um fim da história*. A escatologia cristã ficou secularizada.

O que as Igrejas anunciavam para a entrada do novo mundo, após o desaparecimento deste, foi transferido para o final da história. A história seria uma sucessão de fases que, finalmente, desembocariam num estado definitivo. A Igreja tinha fracassado como fator de crescimento humano. Agora, a razão, emancipada e libertada, realizaria o Reino de Deus na terra, de modo definitivo. O reino da razão seria o reino da paz perpétua, por meio da racionalidade.

Criou-se o conceito moderno de história. A história era o advento da razão. As religiões tinham que desaparecer. Fracassaram. A razão realizaria o equivalente ao Reino de Deus na terra, o reino da paz, o reino da justiça, o reino da liberdade e da igualdade. O que as igrejas não puderam fazer porque fracassaram, a razão vai realizar. Seria o reino da paz perpétua. Uma vez que se realiza o advento da razão, a história chegaria a seu fim. O advento da razão na história significaria o fim da história. Doravante, seria a felicidade sem fim, ilimitada e sem fim. Isso caminhou durante todo o século XVIII, finalmente desembocou na Revolução Francesa e todas as tentativas revolucionárias que houve no século XIX, inclusive no Brasil, embora estejam muito

esquecidas. Recife foi centro de 3 revoluções republicanas, que fracassaram. As aristocracias não permitiram, esmagaram esses movimentos. As revoluções liberais européias tiveram repercussão até no Recife.

Hegel foi o maior representante dessa concepção da história. A história caminhava em forma de progresso da razão, até alcançar a fase racional final. O passo essencial seria a Revolução francesa que destruiu tantas instituições irracionais do passado: monarquia, nobreza, Igreja, controle dos cidadãos, controle da economia, controle da cultura e, assim por diante. Existe, nesta terra, uma fase terminal e definitiva que é o advento da idade da razão.

A revolução racional baseada na verdadeira razão, e não na razão mistificada de Hegel, embora o conceito permaneça o mesmo, seria a revolução que instala o Reino da Razão na humanidade. Houve tentativas. No final do século XX, houve a ruína da URSS, a desintegração. Depois do esfacelamento da União Soviética, renasceram todos os velhos nacionalismos. Desintegra-se a União Soviética e dá lugar a 20 nacionalismos diferentes, cada um procurando a sua saída, a sua solução. A idade da razão não se conseguiu e são as forças irracionais do nacionalismo velho que predominaram.

Marx partiu da intuição de Hegel: a etapa definitiva na história da humanidade seria o comunismo. A Revolução francesa não realizou o que lhe atribuía Hegel e, na realidade, abriu o caminho para o capitalismo. Por isso, deveríamos esperar uma revolução social que ultrapassasse o capitalismo, instalasse o socialismo e depois disso, o comunismo. Haveria uma revolução social que faria desaparecer o domínio do capital e entregaria o poder aos trabalhadores. O que aconteceu, no final, foi a desintegração do Império russo

e as portas abertas para o nacionalismo de cada povo do antigo Império russo. O capitalismo reina e mais do que nunca e se oferece, agora, como o estado final da humanidade, a abertura de uma humanidade feliz, orientada pela razão, ou seja, pela razão científica, da qual as multinacionais são as donas.

Fica evidente que a história não é assim como a modernidade tinha pensado. Não há ponto de chegada definitivo. Essa idéia foi possível ou pensável quando se pensava em função da nação, cada nação formando uma entidade completa. Era possível mudar a estrutura da nação. Era algo concebível. Hoje em dia, não é mais concebível, porque todas as nações estão imbricadas umas às outras e a questão social se tornou muito complexa. Não existe mais nação independente, salvo os EUA que é a nação imperial. Todas as outras estão atravessadas por tantas comunicações, tantas dependências, que não se pode mais pensar a história como revolução de uma nação, independentemente das outras.

Descobriu-se, igualmente, que não há revolução total que mude a sociedade completa. Não há autoridade que seja capaz de atingir todos os setores da vida social globalizada. Todas as revoluções mudam um aspecto da realidade, mas deixam que sobrevivam muitas estruturas do passado e permitem a entrada de novas estruturas que escapam às previsões do poder nacional. Constituem passos positivos, mas não formam uma sociedade definitiva. Formam uma sociedade híbrida em que há convivência de elementos do passado e elementos revolucionários. Pode haver um fanatismo revolucionário que destrói tudo o que resiste à revolução, mas isso pode levar a um verdadeiro suicídio coletivo como mostraram os exemplos da França, da Rússia ou, atualmente, da Coreia do Norte. Depois da Convenção veio Napoleão e depois de Stalin, veio Kruchov. Na Coreia do Norte, a

tragédia é maior porque ainda não apareceu um novo Kruchov.

Haverá acontecimentos significativos que abalarão as estruturas, mas serão apenas movimentos parciais, e não simultâneos, em todas as regiões do mundo. Da mesma forma, haverá movimentos de mudança nos diversos setores: nova cultura, nova educação, nova saúde, nova política ambientalista e assim por diante. Tudo isso está inscrito em um movimento global. Mas, este é tão amplo que já não podemos pensar que um 14 de julho (queda da Bastilha, na França) possa mudar a humanidade. Podemos até prever que haverá várias etapas bem diferentes. A história não obedece a uma lógica racional, hoje, menos do que nunca, embora as grandes forças econômicas, tão concentradas, tenham a ambição de dominar a história colocando-a a serviço dos seus projetos. Por outro lado, as datas dos grandes acontecimentos são imprevisíveis e não seguem as linhas da previsão dos movimentos revolucionários.

Outro elemento é que a história continua. Quando se produz uma revolução, ela já é obsoleta em vários aspectos e já se deve preparar a seguinte, porque já estão presentes as forças que vão exigir outra mudança. Este movimento de mudança incessante resulta em parte do fenômeno das gerações. Uma nova geração pode abandonar a tarefa inacabada da geração anterior e começar outra obra que deixará também inacabada. A história humana é feita de obras inacabadas. Não podemos ter a ambição de pensar que as gerações seguintes vão simplesmente continuar o que fizeram as gerações anteriores. Isto não pode impedir o movimento em vista das mudanças necessárias.

IV. A REALIZAÇÃO DO REINO DE DEUS

Na igreja também se pensava no fim da história. Primeiro, houve a cristandade que se identificou como a maior e única definitiva realização do reino de Deus na terra, até a segunda vinda de Cristo. Não se podia esperar nenhuma novidade até a Parusia: era a doutrina dos escolásticos e era, naturalmente, a doutrina da hierarquia daquele tempo. A cristandade fez oposição a todas as forças de mudança querendo manter estruturas insuportáveis (manter a dominação do clero, da nobreza, da monarquia absoluta). As igrejas somente puderam provocar guerras e foram 200 anos de guerras que quase destruíram a Europa entre protestantes e católicos e fizeram de tal maneira que a religião tornou-se o maior obstáculo à paz. Era preciso construir uma sociedade a partir da razão e não a partir da religião.

O reino de Deus secularizado da modernidade foi obra do século XIX e, sobretudo, do século XX. Houve a tragédia das duas Guerras Mundiais. Esta versão do reino de Deus está atingindo o estágio de decomposição. Hoje em dia, a ideologia oficial dos EUA anuncia que o atual império americano é a paz definitiva, a autêntica realização do reino de Deus na terra. Desta vez, não se trata mais de uma versão secularizada, mas de uma versão que quer ser religiosa e cristã. Ora, já aparecem, claramente, os primeiros sinais da sua decadência.

A humanidade é um longo processo de procura do ser humano, a caminhada da humanidade em busca de si mesma. Não é um processo de continuidade, porque há o fenômeno das gerações e porque a história é um combate entre as forças que avançam e as forças que resistem. Quem domina numa época defende os seus privilégios e se opõe a toda mudança. A história é luta. Cada geração tem obrigação de fazer a luta, a sua luta. O Reino de Deus não tem realização completa na história, porque é um processo sempre inacabado que é preciso

sempre recomeçar, cada vez em circunstâncias diferentes. Mas, isto não pode ser um pretexto para sair da história. Precisamos entrar nela e trabalhar nela, embora se saiba das limitações de tudo o que fazemos. Toda vez que se buscou uma realização completa do reino de Deus, foi um desastre.

O problema teológico básico é o da escatologia, quer dizer, como é que se instala o Reino de Deus. O primeiro grande desvio veio com a fundação da cristandade, quando a igreja cristã se tornou religião do estado. Essa evolução do IV século começa com Constantino e termina com Teodósio. A partir desse momento, a igreja cristã torna-se o aparelho ideológico do estado, do império e dos sucessores do império. Com isso vem a idéia da realização do Reino de Deus definitiva, nesta terra incompleta. O que é definitiva nesta terra é a cristandade, não há nada que esperar além dessa cristandade. Esta é a posição teológica que vai se impor, progressivamente e, sobretudo, vai ser adotada pela hierarquia.

Houve um grande debate a partir dos escritos de Joaquim Di Fiori, quando ele anunciou que viria ainda o Reino do Espírito. Ainda não estava terminada a história do Reino de Deus nesta terra. Aí, nasceu o grande debate que terminou no século XIV, com a condenação dos franciscanos, dos espirituais franciscanos. Foi um debate de 150 anos. Os grandes escolásticos se colocaram ao lado da hierarquia. O próprio Santo Tomás não entrou na oposição e defendeu que não há nada mais para esperar neste mundo senão a cristandade, não vem nada de novo. Esperar só no céu, depois da segunda vinda de Jesus; mas nesta terra, nada além da cristandade atual com todas as suas estruturas. Foi a primeira vez que apareceu a idéia de um fim do Reino, um estado final, terminal do Reino de Deus nesta terra. Começou com a cristandade. Depois, a modernidade retomou o mesmo tema.

Será sempre necessário fazer a distinção entre o que é uma religião e o que é a mensagem evangélica. Afirmar que o Evangelho não é uma religião ajuda, porque permite aos cristãos ficar livre de todas as formas de idolatria, superstição e de irracionalidade carregada pela Igreja. A Igreja não quis fazer a distinção entre o que era o Evangelho e o que era o resultado da implantação do império na cultura religiosa que havia dentro do império romano e dos povos que haviam sido conquistados pelo império. A cristandade quis defender-se rigorosamente até o fim, numa batalha com a modernidade que começa no século XVIII e termina no Concílio Vaticano II.

Até o Vaticano II, quase todo mundo na América Latina, na Espanha e Portugal, na Itália, e grande parte dos outros países, continuava no debate contra a modernidade. Era o debate entre duas totalidades, entre duas concepções de um Reino de Deus definitivo nesta terra. Foi uma batalha que terminou sem vencedores nem vencidos porque os dois desapareceram. A igreja cristã, hoje em dia, significa pouca coisa na evolução da humanidade. A modernidade está também desaparecendo e estão aparecendo novas formas, novas expressões, novas formas de religião.

Hoje, as religiões pentecostais substituem progressivamente as igrejas tradicionais, as igrejas históricas e não se vê quem poderia limitar ou impedir o progresso dessas igrejas. Só quem estiver mesmo metido no meio do povo poderia fazer isso. Mas, as igrejas históricas não estão metidas no meio do povo e não têm estruturas para meter-se. Podem fazer uma reunião em Aparecida, mas qualquer coisa que decidam aí, a Igreja não tem estrutura para meter-se no meio das massas populares. Toda a estrutura faz com que esteja dedicada à classe dominante, à classe burguesa.

O reino da modernidade vai desaparecendo também. No Brasil, quem acredita ainda na democracia? Ninguém. Adota-se por costume, tradição, mas ninguém se anima a mudar as instituições; só por preguiça que se mantém isso. Quem confia nos partidos políticos, no Congresso, no poder judiciário? Quem confia na Polícia Militar? Ninguém mais confia na democracia que era o ideal, a expressão do Reino de Deus na modernidade. A democracia seria essa realização. Ninguém mais acredita - qualquer pequeno golpe, qualquer acontecimento acaba com ela e instaura outras formas, outras expressões sociais que não sabemos adivinhar quais seriam. É visível que esse ideal de modernidade não convence os jovens. No Chile, 80% dos jovens não votam nas eleições, porque simplesmente pensam que é inútil, que não serve para nada, que não vai mudar nada, que é tempo perdido. Embora seja obrigatório. Se todo mundo desobedece, nada se pode fazer, não há reação possível.

Veremos quantos irão votar em outubro, e quantos vão deixar de votar; quantos jovens vão deixar de votar porque não têm interesse, não acreditam mais nesse tipo de instituição. Com isso, o ideal republicano, o ideal nascido da Revolução Francesa e das revoluções liberais, está se apagando. Estamos numa época de transição - muda a idéia de que a coisa pode melhorar, que pode mudar - a constituição de tipo estadunidense já não é a etapa final da humanidade e a maneira como se constrói o Estado não é, necessariamente, a etapa definitiva da humanidade. Pode haver transformação e vai haver transformação. O Espírito de Deus está agindo ainda que não atinja a realização do ideal de Joaquim Di Fiori - uma igreja sem hierarquia e animada por profetas - é provável que não vá acontecer. Um Estado sem dominação é provável que não vá acontecer.

A história não caminha no sentido da racionalidade crescente. É mais complicado do que isso. Depois da queda da União Soviética, inclusive vários teólogos

pensaram e disseram: *"Agora acabou a história. Não tem mais filosofia da história. Agora é o caos"*. Não é tanto assim. Abriu-se uma visão muito mais ampla e complexa da história. Como se constata, não existe revolução que seja definitiva, que estabeleça um estado definitivo, mas abre caminho para outra e para outra, indefinidamente. Não é possível mudar todos os aspectos de uma sociedade humana só por um ato, como pensaram, durante muito tempo, que a revolução russa teria mudado definitivamente. Quem perdeu a fé no socialismo foram justamente os chefes do partido, os líderes do partido; não foram os operários que derrubaram a União Soviética, foram os chefes do partido, foram os doutores, os intelectuais e os dirigentes que, depois, enriqueceram confiscando todos os bens nacionais que havia por aí.

Um ato que possa criar uma sociedade nova completa não é possível. Quando se examina a história, se vê que a história mais conhecida é a história do ocidente, a história da Europa, porque é mal conhecida a história da China, por exemplo. Não se pode falar de uma concepção forte e única, mas da história européia. Pode-se averiguar que desde o século XI, houve uma série de revoluções e tentativas revolucionárias, por etapas. No fim, todas foram esmagadas; depois ressuscitam, reaparecem. Quando se deu a revolução americana em 1776, se pensava que viria uma sociedade democrática com todos participando e reconhecendo a igualdade e liberdade de todos. Agora se vê que o ideal dos fundadores está longe e que outras revoluções se tornaram necessárias.

O importante é contemplar como o Reino de Deus se está realizando, como está andando no meio do mundo, no meio da humanidade atual. Uma coisa já sabemos: o Reino não tem realização definitiva, pode mudar, deve mudar, deve purificar-se de seu passado e de todos os pecados do passado, transformar-se, emancipar-se e conquistar a liberdade e a igualdade;

deve resgatar os ideais evangélicos com novas etapas, novas expressões, não pode considerar que a cristandade é seu estado definitivo. A cristandade morreu, embora haja muita gente que não sabe que ela morreu. Não tem mais influência na sociedade, salvo alguns lugares por aí, em que a aliança entre o governador e o bispo mantém a ilusão de que ainda existe a cristandade.

O Reino de Deus está destinado a crescer, a passar por novas etapas. E nossa questão é na nossa época. Nós que estamos vivendo nesta época - eu quase no fim, mas vocês que estão aí - temos que definir qual é a missão dessa geração, o que fazer, o que tem que empreender, que coisas se pode pensar como realizáveis, que estão ao alcance. Etapa por etapa. De obra inacabada a obra inacabada, vai avançando o Reino de Deus, nesta terra. Transformação total não haverá, nem na sociedade política, nem na economia. Transformação deve haver, como movimento constante, permanente, de questionamento permanente de tudo que existe e que cada geração está encarregada de transformar. E não de conservar. A estrutura da cristandade era conservar, manter, defender-se contra qualquer transformação.

A questão é de escatologia e interpretação de como caminha o Reino de Deus na humanidade. A idéia de um estado inabalável, definitivo deve ser afastado. Não deu certo no caso da cristandade e não deu certo no caso da modernidade. É verdade que os EUA proclamam que vão estabelecer a paz definitiva no mundo (quem acredita?) e que todas as guerras atuais são para criar a paz. Ninguém mais acredita seriamente em um estado definitivo da humanidade, a paz definitiva da humanidade. Não devemos ter a mesma ambição de estabelecer a paz definitiva.

Mas, qual a missão de cada geração, qual a missão que nos toca e até onde? Em geral, todo mundo é muito tímido e não tem muitos projetos e muitos sonhos. Será

que nos seminários hoje ainda têm sonhos? Tenho dúvida que eles tenham muitos sonhos. Quando era jovem, era um pouco diferente. Estávamos sonhando, padre operário, essas coisas... Hoje em dia, não sei quais são os sonhos. Espero sempre que aqueles que estão com 15 anos possam mudar e começar de novo e a ter sonhos e esperanças. Às vezes, são elementos exteriores que, de repente, vêm provocar uma modificação. Em todo caso, como a escatologia evolui, se transforma, cada geração tem que assumir sua tarefa. Este é um elemento básico.

A Teologia da Libertação não fez muita análise, entrou facilmente na idéia da modernidade e por intermédio, em grande parte, do marxismo, um marxismo meio generalizado, muito vago, indefinido, teve a impressão que uma revolução marxista poderia realizar a paz, a justiça, a tranqüilidade, a etapa final. Como não se realizou, veio a desilusão de muitos que esperavam demais. Por que tantos ex-revolucionários se tornaram membros da elite entrando no sistema? Por que o PT evoluiu como evoluiu? E, no entanto, tinha tantos revolucionários... O que aconteceu com eles? Aí, intervêm outros fatores.

A concepção tridentina de Igreja

Há um episódio muito interessante, em 1833, em pleno império no Brasil. O arcebispo de Paris decide fundar as Conferências de Notre Dame de Nossa Senhora da Quaresma. Em cada domingo da Quaresma, um grande pregador iria dar conferências e, cada ano, seria um novo. Tais conferências tornaram-se famosas porque eram a única expressão da Igreja para leigos e, na catedral de Paris, cabe muitas pessoas. O primeiro escolhido foi Lacordaire, um grande orador que restaurou a ordem dominicana, na França. Ele tomou a palavra, no primeiro domingo da Quaresma de 1833. O tema foi sobre a Igreja. Explicou que a grande realidade é que a Igreja não muda, é inabalável - como uma rocha, nada a pode abalar e nada a pode transformar. Era a idéia que

toda a igreja católica tinha de si mesma, naquela época, e alguns continuam com essa idéia, como resto do passado. Naquele tempo, era a idéia generalizada: a Igreja estava organizada para defender-se contra qualquer mudança, qualquer transformação. Ela não muda nunca, não se deixa influenciar, não pode ser transformada, nunca.

Com isso, não se falava no advento do Reino de Deus; a eclesiologia ocupava todo o espaço. E a humanidade? Supõe-se que a humanidade toda deve integrar-se na Igreja e seu destino seria permanecer nessa estrutura inabalável na Igreja. O Concílio Vaticano II procurou definir a igreja e sua relação com o mundo e determinado número de bispos e alguns católicos entenderam. Outros votaram levados pelo entusiasmo sem entender muito e a doutrina oficial mudou. Isto não quer dizer que, na prática, tudo mudou; existem muitos lugares em que a igreja continua inabalável. Basta olhar os decretos últimos da Congregação dos Sacramentos - não se pode mudar absolutamente nada na celebração dos sacramentos. Tudo rigorosamente igual, não se pode mudar nada.

Sempre há alguns que se emancipam. D. Fragozo tinha uma maneira de celebrar a eucaristia que não cabia na Congregação dos Sacramentos. Primeiro, confidencialmente, e depois na diocese de Crateús. Só que Crateús é como se fosse um outro planeta: a maior miséria do mundo, o maior sertão, a maior seca, a região abandonada por seus habitantes, o fim do mundo. O que se fazia, em Crateús, não tinha muita importância, não chegava a São Paulo. Aqui, teria sido diferente, tem mais vigilância e mais repercussão. Quer dizer, a regra permanece: não se pode mudar absolutamente nada, como se a imutabilidade fosse uma virtude, como se fosse parte da escatologia cristã - a imutabilidade e não a transformação permanente. Veja-se: os atuais ritos, os livros litúrgicos que temos, quem os fez? Nos anos 60,

foram alguns monges beneditinos, alguns frades franciscanos ou dominicanos. Que sabiam da cultura popular? O que sabiam dos meios de expressão? Não precisavam saber.

D. José Maria Pires pediu a Milton Nascimento que fizesse uma missa negra. Ele fez uma missa negra muito bonita. D. José ficou tão entusiasmado que a mandou para seu amigo, um cardeal negro em Roma que, certamente, iria entender, já que também era negro. Pura ilusão: era um negro com cabeça de branco. Respondeu que estava estritamente proibido e que nunca mais se repetisse coisa semelhante. D. José ficou um pouco desiludido. Os livros litúrgicos são feitos por pessoas que não entendem quase nada da cultura popular. Como vão sugerir expressões, sinais, se não têm sensibilidade? Vão simplesmente aperfeiçoar, um pouquinho, sinais que eram do século V. Só que, desde o século V, a mentalidade mudou um pouco...

De Constantinopla do V século, até agora, as culturas se diversificaram um pouco. Por que manter o princípio da imutabilidade? Em que isso pode ser sinal do Reino de Deus? É justamente o sinal de que o Espírito não está ativo. A imutabilidade defende a estrutura imobilista por que não é fecunda, não melhora, não transforma, por que não aparecem coisas novas. Isso é contra o Reino de Deus, contra a presença de Deus, contra a presença do Espírito. São resquícios da cristandade, da mentalidade da cristandade da qual Roma faz parte e com o ar que ai se respira, vai ser difícil mudar.

O maior erro do Concílio Vaticano II foi entregar a aplicação do Concílio à cúria romana justamente a que lutou para impedir que houvesse Concílio. Fizeram a sabotagem do Concílio, em toda a fase preparatória e lutaram contra cada etapa, cada seção e contra toda proposta nova. Foram esses que ficaram de aplicar as

resoluções. Foi a ingenuidade episcopal. O tratado dos sacramentos fala que cada sacramento tem uma graça especial. A graça do episcopado só pode ser a ingenuidade. Perderam o contato com a realidade. Ainda bem que nem todos são fiéis a essa graça, mas habitualmente funciona. Até o Cardeal Suenens, meu bispo, no final do Concílio, passando na frente da estátua de Constantino, disse: "agora, Constantino, teu reino acabou". Que ingenuidade! Constantino ainda tinha muitos recursos, muita força. Hoje em dia, ainda não se pode dizer que seu reino acabou; ainda tem muita força.

V. LIBERTAÇÃO E PODER

A mensagem cristã e a luta por um mundo novo não excluem, no presente, certo recurso à violência, não por parte do povo, mas por parte de autoridades políticas, agindo em nome do povo. A política é necessária e o atributo principal da política é o uso exclusivo da violência. Pois, a humanidade está desorganizada. Há pessoas perigosas que impedem a convivência. Não é possível imaginar que vamos poder convertê-las pela pura palavra. A violência da polícia é necessária. Daí a instituição da autoridade política. Esta é legítima e necessária para assegurar a segurança da comunidade, em todos os níveis. O principal atributo da autoridade é o monopólio da violência. Se se permite que todos façam o que querem, se a autoridade é fraca e não consegue reprimir os perigosos criminosos, a comunidade entra em pânico.

O desafio é conter a violência da autoridade política dentro de limites bem definidos. Estes limites são definidos por leis e Constituições. Estas são formuladas justamente para impedir os abusos da autoridade. Elas supõem um controle permanente por parte dos cidadãos. Sem esse controle, o poder se descontrola e entra na arbitrariedade encobrendo, muitas vezes, a corrupção. O que se chama democracia é o controle da violência da autoridade pelos membros da comunidade. Houve épocas na história em que, os cidadãos conseguiram controlar o poder do Estado, dos príncipes ou dos magistrados. Mas, também houve épocas, em que a autoridade foi capaz de cometer muitas arbitrariedades usando ou encobrendo a violência para acumular riqueza ou privilégios. Não precisamos ir muito longe para encontrá-los.

A aspiração cristã consiste em reduzir, o mais possível, o uso da violência, mas sem expor os cidadãos aos abusos ou à liberdade dos malfeitores. No Brasil, os estados são fracos e bastante corruptos. No nível federal,

a polícia federal está em progresso porque resolveu atacar o crime, com energia. Foram eliminados progressivamente alguns funcionários corruptos e foi desenvolvida a inteligência o que é básico na atualidade já que os bandidos são muito sofisticados e profissionais. Ainda falta muito. Na medida em que o controle consegue reprimir ou impedir a violência privada, a democracia aumenta. Na medida em que é preciso multiplicar as medidas de violência, a democracia diminui.

Em outros tempos, o castigo era habitualmente a pena de morte. Hoje em dia, ela subsiste só em alguns países, sobretudo nos EUA. No entanto, há uma pena de morte clandestina, que ainda se aplica, em diversos lugares, quando policiais matam por iniciativa própria, sem controle do poder judiciário. Desde o século XVIII, cresceu a campanha contra a pena de morte que foi substituída pela pena de prisão. Esta se justifica por uma ideologia liberal que, na realidade, pouco se pratica por aqui. As condições do sistema carcerário são tão ruins que a prisão é, muitas vezes, uma forma de degradação e destruição do ser humano que não é melhor que a pena de morte. Essa prisão é um sistema de violência, porque destrói o ser humano interiormente.

Muito depende da mentalidade popular. O famoso *referendum* no Brasil sobre o comércio das armas, com 63% de defensores da liberdade do comércio das armas, mostra que há pouca confiança na polícia e sentimentos de vingança porque acham que matar é a maneira de defender-se. Foi um revelador da mentalidade popular: a violência parece coisa natural e acham normal que uma pessoa tenha uma arma. Isto seria inconcebível em outros países. A melhor arma é aquela que nunca se usa. Uma luta popular perseverante e organizada pode conseguir, ao mesmo tempo, o controle das armas pelo poder executivo e uma polícia mais eficiente que possa controlar suficientemente para não ter que exercer a

violência. Bem sabemos que nisto o progresso pode ser sem fim e que a perfeição não existe.

O Estado é ambíguo; como todo poder, pode fazer o mal e pode fazer o bem. Provavelmente, sempre faz algo de bem e algo de mal. Como fazer para que faça mais bem do que mal? Nem todos os Estados são iguais: há Estados piores e outros melhores. Como se orientar para o Estado melhor? Qual é a fórmula? O estudo é justamente sobre a forma. De modo geral, na América Latina, o Estado é fraco. Diante das oligarquias, das aristocracias locais, não tem força, não consegue se impor. Por isso os ricos não pagam impostos. Não se sabe como fazem os bancos, nos paraísos fiscais. O Estado é muito fraco; não consegue controlar muitas coisas, não consegue controlar a Amazônia, não consegue controlar o que está acontecendo aí. É muito fraco e mantido, sistematicamente fraco, pelas elites que querem toda a liberdade, toda a tranquilidade.

Na busca dos caminhos, uma norma é ter o Estado forte. Deve ser a primeira norma orientadora, é ter um Estado forte que não possa ser contestado por todo um grupo de deputados comprados que querem somente privilégios particulares. Assim não pode funcionar. Será preciso assegurar um tipo de representação com pessoas que estejam mais interessadas em fortalecer o Estado, em lugar de destruí-lo ou diminuí-lo. Esse seria um dos problemas para as transformações políticas para o ano de 2010. Eu não estarei, mas vocês estarão aqui e têm responsabilidade nisso. Porque o Reino de Deus deve marchar e a função política é também necessária.

Reino de Deus e poder

Nossa pergunta é como está agindo o Reino de Deus. Existem dois caminhos: por meio do poder ou por meio dos pobres. Qual é o elemento determinante? Quem vai poder dar um passo à frente? É a massa dos pobres ou é o poder? O que é dar prioridade? A prioridade é

conquistar o poder? Ou a prioridade é animar e estimular este mundo dos pobres? Muitos revolucionários não estavam dispostos a ser animadores dos pobres, dos miseráveis, queriam salvar os pobres por meio do poder. Alcançar o poder e com ele pensavam realizar a justiça, sem perceber que quem tem o poder é prisioneiro do poder e entra numa dinâmica muito diferente.

Quem conquista o poder se condena a conservar esse poder. Qual é a preocupação básica fundamental do deputado? Reeleger-se, daqui a quatro anos. Tudo vai ser dirigido em função disso. Uma vez assim, entra na dinâmica, entra na roda do poder. Sua segunda preocupação é como subir: como ser nomeado presidente de uma comissão, de uma CPI, como chegar a ser ministro, senador, quer dizer; entra na dinâmica do poder. À medida que se deixa enrolar pela dinâmica do poder, os pobres ficam longe, muito distantes. Antigamente, vigorava no Brasil, e estamos na etapa final desse processo, a aliança entre os mais ricos e os mais pobres. Os mais ricos conseguem comprar os votos dos mais pobres com tapas nas costas, um colchão, alguns tijolos... enfim, conseguem comprar. O poder da aristocracia, o poder dos grandes foi baseado, durante 200 anos, nessa aliança entre os mais ricos e os mais pobres.

Agora, tem-se a impressão que essa aliança não funciona mais. Com Lula rompe-se essa aliança. Pela primeira vez, os pobres confiam em um "pobre". Antes se dizia: *"este é um pobre como nós, o que sabe fazer? É um camponês como nós, é um ignorante como nós, como um ignorante vai dirigir o país? Tem que ser um doutor"*. Esta era a teoria habitual, até dois anos atrás; era a opinião universal. No Nordeste e em outras regiões, dominava a idéia de que para ser presidente tem que ser um doutor. Aí, procurava-se o doutor, o mais rico possível. Diziam que *se é muito rico não tem necessidade de roubar*. Hoje, no Brasil, parece não vigorar mais isso -

está se desfazendo a aliança do poder tradicional, a aliança entre os mais ricos e os mais pobres.

Se os mais pobres se emancipam, aonde vão? Este ano vai ser Lula e depois? Não se sabe, mas quem tem vocação política tem que pensar o depois, o que virá em 2010? Os políticos já estão preparando e pensando 2010? Não, os deputados estão pensando em 2006. Depois, vão fazer o projeto para se reeleger em 2010. O que vai acontecer com o Brasil, isso não interessa. Eles não podem fazer projeto se não têm projeto. Quem faz projeto político, infelizmente, não são os partidos políticos, nunca foram. As máquinas burocráticas sequer têm condições de formular projetos, nem ao menos na economia. Muitos vivem ainda, mentalmente, na fase anterior. A questão é pensar no que se pode fazer e como caminhar na condição atual, com as relações econômicas e políticas atuais. É em função de objetivos que as pessoas têm que elas deveriam definir-se e organizar-se. Por exemplo, como seria um programa para a juventude que não acredita mais nos partidos políticos, com muita razão? O que não se pode é ficar inerte, indiferente; é preciso assumir um planejamento político, inclusive de organização do Estado, da autoridade.

Qual a função do Estado, do governante? Na Escritura está claro; mais ainda no salmo 72 que devia ser meditado constantemente por quem está metido na política. Aí, aparece claro, a função do Estado: defender os pobres contra os ricos. A função do Estado nos tribunais, no executivo, em todos os poderes, é defender os pobres contra a dominação, a exploração dos ricos. Isso é um princípio universal. Como dizia o santo rei São Luís de França na mensagem que deixou para o seu filho no testamento: *"Meu filho, se houver um conflito entre um rico e um pobre, você deve presumir que o pobre tem razão, até demonstrar o contrário, porque os ricos têm tantas maneiras de impor a sua vontade. A sua função de rei é colocar-se ao lado do pobre, e defender o pobre"*.

O filho de São Luís, infelizmente, não seguiu esse conselho. Nem todos têm força, nem todos têm capacidade. Havia tanta gente ávida ao lado deles, tanta gente que queria benefícios que era difícil. Será que um juiz vê claro que sua função é defender os pobres contra os ricos? Ou será que é aplicar a lei com todos os seus incisivos e advérbios feitos para permitir que os ricos possam desobedecer sempre e não serem vítimas das leis? Será que o juiz tem claramente na mente que a sua função é defender os pobres, porque os ricos já têm tanta força, tantos meios de pressão e os pobres não têm nem advogados... Quantos estão nas cadeias porque não têm advogado, ninguém para defendê-los. Segundo a lei deveriam ter, na prática não é assim. Tem pobre que fica anos e anos sem que ninguém tome conhecimento de sua existência. Não tem ninguém para defender os pobres. Isso é problema para os estudantes de direito, essa seria a sua função. Ou será que o sonho de um estudante é ser advogado do Banco Itaú, Bradesco? Ser advogado dos pobres é bem mais difícil.

Tudo isso para dizer que cada geração tem que discernir qual é o projeto que pode realizar. Pensando que teremos 30 anos pela frente, o que se pode fazer em 30, 40 anos? Que transformação é pensável? Inclusive para lutar contra os grandes poderes multinacionais. Daqui a pouco, se não se reage, toda a agricultura brasileira estará nas mãos da Monsanto. Todos os transgênicos vão aparecer por aqui, porque precisam dos produtos químicos produzidos pela Monsanto. As pessoas vão ter que comprar herbicidas, fertilizantes, tudo da mesma fábrica. Se não houver uma reação, a Monsanto vai assumir simplesmente tudo, orientar tudo e um dia vai se descobrir que é assim porque ninguém reagiu, ninguém assumiu e porque o governo aprovou. Mas, por que aprovou?

Ainda bem que, na transposição das águas do rio São Francisco, houve uma pessoa que se levantou e foi

suficiente. Apenas uma para impedir a maior indústria da seca do Nordeste. Falhou a realização fantástica, coisa de 10 bilhões de dólares, naturalmente apresentada ao povo como a solução para o problema da seca dos pobres camponeses... Isso foi dito e repetido: a transposição do rio São Francisco vai resolver o problema da seca dos camponeses. O projeto era fazer a transposição das águas do rio São Francisco para três rios nordestinos, para perenizar três rios: o rio Jaguaribe, no Ceará, o Rio dos Peixes e o Rio das Piranhas, na Paraíba.

Perenizar três rios? Que nada! Nem uma gota d'água irá para os camponeses, para os povoados, tudo para perenizar três rios. Quando o bispo estava fazendo greve de fome, o governador do Ceará, com toda a sua comitiva, estava em Limoeiro do Norte, inaugurando a primeira exportação de bananas da empresa multinacional que tem sua sede na Irlanda, mas é dos EUA. A empresa já tinha começado a produção de bananas. Este ano, deviam ter 1.500 hectares, no próximo 3.000 e assim indefinidamente, porque querem organizar o maior centro de produção de frutas do mundo – de bananas, mas também de manga, de caju, de mamão, de uvas... exclusivamente, para exportação. No mesmo discurso, o governador do Ceará declara que vai fazer uma estrada especial para levar toda essa produção para o porto do Ceará. O Brasil oferece terra, água, estrada para que uma empresa estrangeira possa aí realizar lucros e vender frutas para outros países. Que vantagem o Nordeste vai ter com isso? Só desvantagem.

Para fazer a transposição é preciso levantar um rio a 300 m, passar por uma serra, bombear o rio a 300 m de altura. Quanta eletricidade é necessária para fazer isso? Quem vai pagar essa eletricidade? As companhias não vão pagar. Quem vai pagar são todos os pobres nordestinos. A conta da eletricidade aumenta e a maior indústria da seca é apresentada como a solução para o problema da seca. O gasto previsto é de 4 bilhões, mas

todo mundo sabe como se superfatura as obras faraônicas. As empresas depois da metade do trabalho, dizem que o *dinheiro não dá mais, o governo não pode paralisar, começou, tem que continuar e tem que pagar mais*. Normalmente, uma obra custa 4 vezes mais do que estava previsto no acordo original. Quem vai pagar? Eles que não vão pagar. Imagine, uma companhia multinacional dos EUA pagando imposto! Quem vai pagar tudo são os pobres nordestinos, as vítimas de sempre. Prometeram a eles que nunca mais teriam sede. Até o arcebispo D. Aldo, de João Pessoa, entrou nesse discurso. Aí, escrevi uma nota um pouco exagerada. Como entrar no jogo desses políticos corruptos, será ingenuidade? Não pode ser somente ingenuidade, é maldade mesmo, é buscar aliança e dar apoio a pessoas que oprimem os pobres.

Existe essa questão do poder, até onde e como o poder é necessário. O poder na sociedade desorganizada é necessário. Politicamente, o principal problema do Brasil é que não tem poder. Somente 3% dos crimes têm realmente um castigo. A impunidade é praticamente garantida. No Nordeste, pode matar, não tem nenhuma importância. Você vai no estado vizinho e não acontece nada. O homicídio é gratuito. É muito fácil, não tem problema. Roubar nem se fala, a polícia nem vai se preocupar com isso, porque não tem autoridade, não tem poder. E se não tem poder... O Brasil tem 3% da população mundial e tem 13% dos homicídios mundiais por causa da impunidade. De vez em quando, prendem alguns, preferentemente os mais miseráveis, os que não têm resistência. Quem manda matar, nenhum problema. Qual o fazendeiro que mandou matar e foi castigado?

Existe o problema do poder, precisaria fundar um poder. Claro que as elites não querem; preferem organizar sua polícia eles mesmos. No nordeste, cada um tem os seus pistoleiros que, em caso de necessidade, intervêm. Cada prefeito, cada deputado têm os seus

pistoleiros. Houve um tempo, na Inglaterra, em que a polícia nunca estava armada, porque sabia que ninguém iria ameaçar um policial. No Brasil, os policiais andam com a arma fora de serviço e até praticam roubos ou fazem acordos com os ladrões. Pode roubar tranquilamente, desde que pague. Isso é falta de autoridade.

Um dia, na Assembléia Legislativa da Paraíba, subi o elevador; o ascensorista parecia muito cansado. Não dormira de noite porque estava trabalhando. *“O senhor se lembra daqueles 3 jovens que iam perturbar, lá na praça? Eles não vão mais perturbar. Fizemos o trabalho”*. Não se sabe se foi por ordem do presidente da Assembléia, de um deputado. *“Qualquer necessidade que o senhor tenha, fale comigo”*. É muito fácil. Luiz Couto, deputado na Paraíba, publicou uma lista de tarifas. Matar um padre custa 50 mil. Matar um trabalhador qualquer custa mil reais. Quer dizer, os próprios governadores, prefeitos, deputados mantêm essa situação. Não existe o poder, é uma desorganização. Uma primeira necessidade seria organizar um poder, organizar uma polícia que não mate, que seja capaz de cumprir a sua missão de polícia, que é diferente de simplesmente matar.

A Igreja e o poder

A tentação é grande de querer libertar e mudar a sociedade usando a força violenta. Os Impérios, as ditaduras invocam a necessidade da paz e da felicidade. Apresentam-se como os únicos que podem dar essa felicidade, mudar a sociedade e fazer dela uma sociedade justa. O discurso sempre é o mesmo, desde os faraós do Egito, até as ditaduras de hoje ou o Império dos EUA. Quando os bispos aceitaram os favores de Constantino e a integração no Império com Teodósio, deram um passo que iria marcar os séculos seguintes e até hoje marca o destino da Igreja. Em princípio, a Igreja diz que não busca o poder, na prática, sim, ela busca o poder.

Não somente houve o apoio dado às ditaduras militares, mas também o apoio às classes sociais dominantes, como na Venezuela ou na Colômbia, os acordos com Reagan e Bush filho. Sem contar os acordos com os governos estaduais, locais, municipais em que a força do governo civil atua defendendo ou protegendo a Igreja, impondo os costumes da Igreja à população. A história do cristianismo, desde o século V, inclui uma série interminável de recursos à violência, como as Cruzadas, a Inquisição, as guerras de religião, as perseguições aos judeus, muçulmanos, pagãos. Tudo isso agora é bem conhecido, mas durante séculos se contava, no segredo das casas particulares, quando os cristãos se achavam longe da Inquisição. Sucede que pela violência é possível conquistar benefícios. Pela violência se pode impor uma religião a um povo. Em quase todos os países, a religião foi imposta pela violência: Portugal, Espanha, França. Países Baixos, Alemanha, Rússia, Hungria, Polônia, toda a América latina, etc. A mesma coisa aconteceu em outros continentes com outras religiões.

Os cristãos e o poder

É necessária a constituição de um poder. Na África, nem sombra do poder existe, o presidente somente manda no seu palácio e fora disso não tem autoridade nenhuma. Na América Latina, em muitos lugares, como na América Central, não é muito diferente. Em países mais desenvolvidos e importantes como o Brasil, ainda há muitos setores em que falta um poder. Mas, isso tem que ser a igreja? Como diz São Paulo, o estado é necessário porque não estão todos convertidos, nem todos praticam o evangelho e na situação atual ainda precisa. No final da história, depois da evangelização, não vai precisar mais; por enquanto ainda precisa.

Precisa, porém, fazer uma distinção. Todo poder tende a abusar, a procurar sua própria vantagem, seu próprio desenvolvimento. Esta é a história: se não tem

controle, vai haver abuso. Qualquer aliança com qualquer poder é sempre aceitar a possibilidade de cumplicidade e abusos de poder. Não se pode falar demais, é melhor deixar muitas coisas escondidas, mas se os muros pudessem falar, quanta coisa se teria para contar, cada vez que há associações entre membros da igreja com governadores, prefeitos, deputados... Eles caem nos mesmos abusos, aproveitam. Só os mais lúcidos do povo enxergam, mas não dizem publicamente a qualquer pessoa, só quando existe confiança: "*Esse padre é bom, este padre é ruim*" quando se refere a associação com o poder. Por outro lado, é necessário o poder e até devia ser mais forte. No entanto, caem nos vícios e abusos, igual a todos. É a ambigüidade permanente de todo poder - necessidade e abuso.

Mas, o poder é necessário. Alguém tem que pensar nos pobres, alguém tem que falar com os pobres que são vítimas disso tudo. Alguém tem que falar e medir a força com o poder. Há lugares em que se consegue moderar os poderes, em outros não se consegue. A função política é uma função muito digna, necessária, básica, fundamental; na ordem temporal é a mais importante. Muitos cristãos deveriam dedicar-se e não deveriam pensar que, porque toda política é podre, eles vão apodrecer também. Há gente que na o apodrece e pode denunciar, e praticar uma política justa. É uma questão de vocação específica. Há vocação para médico outro para político - o poder é necessário.

Diante da situação, as massas pobres viram os sem carteira, sem trabalho, sem segurança nenhuma. Como organizar essas pessoas? Os movimentos sociais tradicionais não são feitos para pessoas desempregadas que se definem pela negatividade. A única qualidade positiva é que existem. Como partir do fato da existência para fazer um povo? Isto não é problema teológico. Mas, obrigar os especialistas a encarar o problema, isto sim é

problema teológico. Como é que as Igrejas permanecem tão indiferentes e passivas diante dessas realidades?

O Reino de Deus ainda está em marcha e, portanto, toda a humanidade ainda não está implicada e convertida. Tudo o que não está convertido tem que ser organizado dependendo de poderes, porque se não tem poder não se unem, não trabalham juntos, não se organizam. O amor não é suficiente. Se não tem a polícia, o amor só não é suficiente. É o famoso debate onde São Francisco não queria nenhuma regra e os papas insistindo para ele fazer regras - sua regra era o evangelho e isso ele não recebera do senhor papa, nem de ninguém, mas de Deus, capítulo 10 de Mateus. Mas, os papas insistiram e no fim impuseram e saiu uma regra das ordens franciscanas. Restaura-se uma forma de poder.

O próprio Francisco de Assis se deu conta de que nem todos os discípulos tinham entendido bem e nem todos estavam dispostos a seguir o caminho dele até o fim, até a perfeição dele. Depois entrou no grupo de discípulos um mundo de gente que nem o conheceu, não fez parte dessas experiências. Até se diz que Santo Antonio não conheceu São Francisco e, talvez por isso, não entrou na profundidade da inspiração franciscana básica - estudou teologia, o que São Francisco não queria, porque se estudassem, deveriam ter livros, uma casa onde colocar os livros, seriam proprietários... Francisco não queria que fossem proprietários.

Alguns podem viver o apelo do evangelho até o fim e outros ainda têm resquícios, dependem muito da cultura do ambiente e das formas de pressão que há no ambiente. É preciso manter poderes. A questão é até onde, como, com que peso, com que tipo de poder. Aí há variações infinitas. Por isso, se necessita um poder político que vá centralizando todos os poderes. Isso é diferente da função profética. Na medida em que a

hierarquia da igreja se associou ao Estado, está comprometida em todas as formas de violência, de imposição - o soldado ao lado do missionário, como na missão do Brasil.

Os índios foram convertidos porque os soldados estavam ao lado dos missionários. O próprio Nóbrega escrevia que se não fosse assim, não conseguiriam converter nenhum índio. O argumento era forte, talvez forte demais. Bartolomé de las Casas teve outro princípio. Conseguiu convencer que era possível converter os índios sem soldados, sem força, sem poder, somente pelo testemunho. Conseguiu reservar toda uma terra onde ele pudesse fazer essa experiência e, em poucos meses, converteu toda uma província. Os latifundiários ficaram com tanta raiva que foi expulso. Mostrar que podia converter sem os soldados isso era insuportável, ia destruir toda a empresa da conquista. Aqui no Brasil, não houve muitas tentativas de converter os indígenas sem a força, sem o poder do Estado.

Em que medida as comunidades eclesiais podem fazer alianças com os poderes e, portanto, se transformar em agentes de um poder político? Quando se proclamou a separação da Igreja do Estado, no Brasil, diz o Pe. Julio Maria, primeiro redentorista brasileiro, que havia sido advogado antes de entrar na congregação: *"Agora, sim, é um momento em que a Igreja fica livre e vai poder reconhecer que os verdadeiros cristãos, neste país, estão entre os pobres"*. Os ricos pensaram o contrário. Houve uma conferência episcopal, em que as vozes mais fortes eram a do bispo de Campina e de João Pessoa: *"Vamos recuperar o poder. Vamos recuperar dando educação a todos os filhos dos políticos, dos latifundiários, dos poderosos que serão os futuros governadores, os futuros dirigentes da nação e vão se lembrar daquilo que aprenderam no seu colégio e vão restituir o poder à Igreja"*. Assim foi decidido e assim foi feito.

Mandaram cartas a bispos da Europa pedindo congregações religiosas, congregações femininas porque *era preciso ensinar os pobres brasileiros*. Não era para os pobres, era para assumir a educação dos filhos dos grandes, dos dirigentes da nação dentro do plano político de recuperar o poder. Em 1950, fazendo pesquisas se descobriu que, realmente, 80% da elite brasileira havia sido educada em colégios católicos. Alguns se perguntavam: *"E daí, cristianizaram o país"*? De toda a classe dirigente, formada em colégio católico, rendeu à Igreja muito poder, alianças, subsídios e muito dinheiro. O povo ficou cristianizado, entendeu o evangelho?

O começo do século 20 se caracteriza pela expansão colonial européia, no terceiro mundo. É também desse período a expansão religiosa com a vinda de congregações dos diferentes impérios, para evangelizar (=civilizar) os povos invadidos. Conscientes ou não, esses missionários trataram de *convencer os bárbaros* de que eram inferiores, impondo-lhes as idéias, a língua, o comportamento e, inclusive, a cortesia das metrópoles (práticas, modos, etiquetas da corte) - Roma, Paris, Londres, New York... O período anterior tinha sido de separação entre igreja e estado. A igreja, na república, havia perdido o *status* de sustentadora da monarquia ao forjar a convicção que *ser cidadão brasileiro era ser católico*. Por isso, a igreja do Brasil exulta com este *novo momento* chamando-o de *a hora da providência*, pois, aí, poderia reformular seu projeto de reconquistar o poder.

O melhor caminho para facilitar a implantação dos valores que interessavam aos colonizadores e reforçar o poder eclesiástico foi trazer grupos religiosos que ensinassem nos colégios católicos e educassem as aristocracias locais. Como futuros governantes, elas garantiriam o poder dos bispos-príncipes. Foi assim que os missionários aqui chegaram e se dedicaram aos filhos dos barões do café, sem preocupação em conhecer o país

colônia, nem indagar porque a elite ficara tão rica. Capricharam na moral: não roubar o patrão, não mentir para o patrão, ser obediente ao patrão... Durante 50 anos, 80% da *classe dominante* passou pelos colégios católicos, mas não foi evangelizada. No máximo, aprenderam os interesses da cristandade repassados como conteúdo na catequese. Enquanto isso, o povo mantinha suas tradições religiosas, com uma pintura católica, para não destoar do comportamento social.

Veio depois a geração que começou a questionar isso, em 1955. Questionar a política adotada pelo episcopado oficialmente, 50 anos antes, diante dos resultados. Atrás de tudo vinha a idéia que não era possível cristianizar sem poder, sem a aliança com os poderes. Um dia, ouvi um núncio no Equador dizer que era impossível evangelizar sem aliança com o poder. Mas, que evangelho anunciar? É claro que se pode ensinar uma religião, se pode obrigar as pessoas a serem batizadas, se pode obrigar as pessoas a assistirem à missa, isso fez na cristandade, durante tanto tempo. Às vésperas da Revolução Francesa, 95% dos franceses assistiam à missa todos os domingos, rigorosamente. Quem não assistia era fichado na polícia, era o primeiro suspeito, na primeira desordem que houvesse. Começada a Revolução Francesa, em dois anos, baixou para 20% de participação na missa. Quer dizer, 75% iam à missa simplesmente por medo da polícia. É possível todo mundo participando da missa na medida em que se associa ao poder. Com essa prática, pode-se conseguir muitas coisas, muitas práticas religiosas. Será que consegue evangelizar os pobres?

Quando estava em Campinas, aconteceu duas vezes, me convidaram para fazer os sacramentos em fazendas de café que existiam naquele tempo, fazendas do tipo tradicional. Chegava, estava todo mundo reunido: na frente o dono da fazenda com sua mulher, sua família, os administradores... e depois a massa dos camponeses.

Os camponeses todos de cabeça baixa, atemorizados, puro terror, estavam aí por obrigação, sem entender absolutamente nada. Tinha a confissão também e o dono da fazenda me disse para perguntar, no momento da confissão, se não haviam roubado, porque havia muita ferramenta que desaparecia. Duas ou três vezes por ano, chamavam um sacerdote. Depois entendi porque eles preferiam que fosse um estrangeiro que mal falava a língua portuguesa; assim não havia perigo de dizer uma palavra que os camponeses pudessem entender. De fato, eles não entendiam absolutamente nada. Era justamente isso que queriam: que não houvesse nenhum perigo de entrar uma palavra que pudesse criar um despertar. Tudo isso foi o resultado da decisão tomada pelos bispos, 50 anos antes. Reverter essa situação, eis o problema. Foi toda a história que os mais velhos aqui conhecem, os mais jovens podem ler nos livros ou escutar o que contam os mais velhos.

Os profetas são necessários no Reino de Deus. Só que na vida concreta, precisa-se de dinheiro. Profetismo não dá dinheiro. Se o bispo quer dinheiro do governador, vai ter que aceitar muita coisa, vai ter que ficar calado em muitas coisas. Se o vigário quer ajuda do prefeito, vai ter que aceitar muita coisa. Tem lugar em que o prefeito paga a conta de luz da igreja, a conta de água, dá a feira semanal e, aos domingos, a mulher do prefeito até traz um bolo para o vigário. O vigário fica feliz. Só que o preço é engolir muita coisa. O poder é necessário, mas tem suas fraquezas, suas ambigüidades. Se alguém quer ser profeta dos pobres, essa ambigüidade permanente não vai funcionar. Qualquer tarefa política é difícil porque está sempre na ambigüidade. Pode-se melhorar, criar condições superiores, mas não se sai da permanente ambigüidade.

VI. ESCATOLOGIA CRISTÃ E MITOLOGIAS

É necessário fazer a distinção entre o Evangelho de Jesus Cristo e a religião cristã. A religião é criação humana. Todos os povos têm uma religião e não podem viver sem religião. Também os povos que aceitaram a pregação cristã; com ela vieram muitos elementos de suas antigas religiões; com as inspirações novas construíram uma religião ou várias religiões. A religião está sempre marcada pela região e pela cultura de cada povo.

As religiões são conservadoras porque orientam as atividades para o mundo dos símbolos e tendem a esquecer a realidade concreta, prática e corporal. O Evangelho de Jesus não tem marca regional ou cultural, tem uma marca social. O evangelho de Jesus dirige-se aos pobres, pois é uma mensagem de esperança para os pobres, os oprimidos, os sem-poder. Pobres há em todos os povos e, por conseguinte, a mensagem vale em todos os povos. O evangelho é fermento de mudança, de ascensão dos oprimidos, de libertação dos pobres. Na realidade histórica o evangelho ficou, muitas vezes, encoberto de tal maneira pela religião que perdeu todo o seu vigor e desapareceu como tal. Estamos assistindo a uma ressurreição das religiões, mas não necessariamente do evangelho. Isto depende de nós.

O específico da tradição bíblica é que o mal não se explica por leis naturais, por fatores extra-humanos ou por forças sobrenaturais - o mal tem a sua raiz, a sua causa está no próprio ser humano. São os seres humanos que provocam o mal de outros seres humanos. Há uma injustiça básica, fundamental na história da humanidade, que não é simplesmente uma evolução de fatores sobrenaturais, de fatores naturais. Já as mitologias todas (as religiões) têm como finalidade explicar que o que está errado, neste mundo, se atribui a causas e fatores que não são do controle humano. A

característica da tradição bíblica é afirmar que são os seres humanos que prejudicam outros seres humanos. A história tem uma finalidade. Há um sentido na história, na tradição bíblica, que é a libertação dos oprimidos, dos prejudicados, a luta contra a injustiça básica, contra a opressão. Enquanto para as mitologias tradicionais a história não tem sentido. É sempre a repetição do mesmo, ou a submissão a ciclos naturais, inevitáveis.

Desde o início, na Bíblia, aparece a denúncia do pecado. Para as mitologias o pecado não existe, não tem sentido, porque todo o mal vem de fatores exteriores, não existe. Na tradição bíblica há um só pecado: um homem matando outro homem, um ser humano destruindo outro ser humano. Esse que é o pecado básico - Caim matando Abel e a repetição dessa situação, no decorrer da história. A história tem um significado, tem uma meta, tem uma finalidade e nisto é diferente das religiões tradicionais. Nas religiões asiáticas tradicionais, não se atribui à história uma finalidade. A tarefa da humanidade é simplesmente entrar nos ritmos do mundo, ocupar o seu lugar nos ritmos do mundo, não tem uma tarefa para realizar. Daí, surgem as variações quanto às suas expressões, como se realizam. A história bíblica mostra diversas interpretações possíveis de como evolui a consciência na história de luta contra o pecado do mundo, luta contra a dominação do ser humano pelo ser humano.

A palavra final da evolução está no Novo Testamento, considerando que ali há uma referência definitiva, um ponto de referência que é válido para as épocas seguintes. Embora não haja um plano de ação definido, há alguns temas que são radicalmente afirmados. Essas referências falam como se realiza a luta contra o pecado, a luta pela libertação - a libertação não virá dos poderes e dos poderosos. O evangelho é anunciado aos pobres porque são eles mesmos que vão se libertar. Como, quanto tempo vai durar? Toda a

história bíblica anterior mostra tantos os obstáculos e como os desvios. Mas, a marcha perseverante dos profetas vem renovar a esperança dos pobres e dos dominados de que vem a sua redenção e vem pela sua fé, pela sua confiança.

A libertação não vem pela intervenção de autoridades superiores ou das forças que existem na sociedade humana. A mensagem de Jesus é justamente emancipar os pobres do domínio de todas as forças que pretendem salvá-los. É interessante que a primeira denúncia, a denúncia fundamental de Jesus, é contra as autoridades religiosas. Porque estas são as piores, porque penetram dentro da consciência, penetram dentro da concepção que a pessoa se faz da sua vida. É a corrupção maior, porque é corrupção dentro do próprio ser humano. Daí a luta perseverante para desmistificar e emancipar a gente pobre do domínio dos doutores, dos sacerdotes e das autoridades, dos anciãos, que são os grandes proprietários ligados ao sistema religioso.

A luta é difícil porque a religião está profundamente enraizada, é o fundo da cultura, é a base da cultura de todos os povos e meter-se aí é difícil. Há no ser humano uma tendência difícil de reprimir - a de adorar, venerar, esperar a salvação de coisas, de objetos, de forças... mas nada de si mesmo, a partir de si próprio. É a tendência em insistir na sua fraqueza e dependência e recorrer aos santos, às forças superiores, a seres mais importantes como aqueles que podem nos salvar.

O Evangelho quer desmistificar, tirar a idéia de que existem forças que podem nos salvar para que as pessoas confiem em si mesmas. Quer mostrar que Deus não intervém por meio de todas essas forças, mas está presente no meio dos pobres. A idéia principal da teologia cristã é justamente a que Deus se fez pobre. Abandonou o seu poder, semelhante a todo poder de

dominação, e se tornou pobre no meio dos pobres, recuperando as energias perdidas e aí estar atuando.

Mas, toda a história cristã, em contato com as diversas culturas, e abandonando a mensagem Evangélica viveu, de alguma forma, o reaparecimento constante de toda essa herança religiosa da humanidade, de toda essa dependência religiosa da humanidade, que penetra nas igrejas por todas as religiões antigas. Jesus anunciou o fim dos templos - Deus não precisa dos templos. O que aconteceu? A igreja encheu-se de templos. Jesus veio suprimir o sacerdócio. O que aconteceu? Em menos de 150 anos, reapareceram os sacerdotes. Jesus veio suprimir os sacrifícios e, em 150 anos, transformaram a Eucaristia em sacrifício e fazendo do presidente da assembleia um sacrificador. Tudo isso volta, e continua a reinterpretação e a reintrodução de todos os elementos da tradição judaica que era a corrupção da mensagem dos profetas.

Depois voltam a entrar todas as tradições dos povos do império romano. Uma vez que o cristianismo entrou em campo, foi invadido pelas religiões populares tradicionais. O catolicismo tradicional é fundamentalmente o culto aos santos. De Jesus muito pouco ou, então, é um santo ao lado dos outros santos, um santo um pouco mais poderoso, mas um santo. O santo é aquele que vem resolver os nossos problemas, todas as nossas necessidades, os santos vão resolver... Pois bem, a mensagem do Evangelho consiste justamente em que os pobres tenham confiança em si mesmos, que Deus está aí dentro e que a libertação vem a partir deles próprios.

Ensinar isso é bem difícil, convencer é mais difícil. Não é impossível, todos temos conhecimento e experiência, mas supõe uma luta muito forte contra as superstições, contra todo um passado de penetração dessas religiões dentro da tradição de Jesus, dentro da

tradição cristã. Como dizia um publicitário “Não podemos dizer que o cristianismo fracassou, porque ainda não começou”. Não se deu oportunidade. A nossa tarefa é começar. É preciso começar, embora não tenha havido muitas iniciativas e muitos começos, no decorrer da história. É difícil porque se reconstituem, imediatamente, todos os aparelhos religiosos antigos que constituem uma herança imensa, uma herança enorme.

A mensagem central do cristianismo é a luta contra o pecado do mundo que deve partir dos próprios dominados, das vítimas. São as vítimas que começam a acreditar, confiar em si mesmas – é isso que é difícil. Confiar em si próprios, na sua própria força. Para quem é desprezado na sociedade, sempre maltratado, isso é difícil. Um dia, em Serra Redonda, tínhamos um aluno que era negro, mas negro de carvão, como poucas vezes se encontra. Era goiano e se chamava Divino como todos os goianos. D. José Maria Pires que é negro, não tanto como ele, ia todos os anos, no 20 de novembro, celebrar Zumbi, em Alagoas. Convidou Divino para acompanhá-lo. Quando Divino voltou parecia um ser transfigurado. *Divino, o que aconteceu com você?* Pela primeira vez, disse ele, ouvi dizer que o negro fez uma coisa boa; nunca, nunca tinha ouvido dizer que o negro pudesse fazer uma coisa boa. Ai, ficou transfigurado.

É difícil para um negro pensar que pode fazer uma coisa boa, porque toda a sociedade diz o contrário, constantemente. No Nordeste que é tremendamente racista, tudo que faz o negro está errado. Tudo que está errado no mundo é dos negros. É o que o povo diz o tempo todo, é o que o povo divulga o tempo todo, que se repete espontaneamente, constantemente. A partir disso, confiar em si mesmo, confiar no seu valor é difícil, é uma tarefa profética longa, difícil e perseverante, despertar esse sentimento.

Cardjin dizia *o que os operários mais precisam é de dignidade* porque tudo os esmaga. Toda a cultura, toda a sociedade esmaga, constantemente. O que falta é o sentimento de sua dignidade. Ainda hoje está muito espalhado, é visível. Por que as massas seguem Hugo Chávez, na Venezuela? Porque nele todos se sentem promovidos, se sentem mais importantes. De repente, passam a ter importância. Por que todo nordestino está com Lula? Porque descobriram que com ele todos estão promovidos. A prova é que os ricos estão contra ele. De tal modo que qualquer acusação de escândalo reforça mais - *tá vendo o que fazem os ricos? Diante de tudo que inventam, do que podem dizer, de todas as manobras dos ricos e poderosos, temos que nos firmar com mais força, porque senão os ricos vão triunfar outra vez.* Pela primeira vez, levantam a cabeça contra os ricos. Só a presença já é uma promoção porque dá mais confiança em si mesmos que *não são mais o lixo da terra.* São pessoas que vão tomando consciência de sua força, de seu valor.

Essa seria a imensa tarefa da herança de Jesus, dos discípulos de Jesus a proclamar o evangelho - apelar para o despertar dos pobres. Não nos foi dito quanto tempo vai durar. Vai durar até o final da história, com certeza, mas essa é a tarefa à qual fomos convocados, convidados. Tenho amigos que estão agora no pluralismo religioso, atendimento a outras religiões. Há sempre um certo problema. Onde se encontra que o papel da história é a luta dos pobres contra os ricos? Na Índia, não estou vendo essa idéia que é básica e fundamental. Na tradição chinesa de Confúcio, também não encontro essa idéia que é o próprio e o específico de Jesus e da tradição bíblica. Jesus não veio anunciar atividades religiosas e nunca disse aos discípulos para adorá-lo por ser Filho de Deus, para se prostrarem para adorá-lo. Veio anunciar a boa-nova, o valor que a terra pertence àqueles que agora não têm nada, que não têm valor, não são nada, não têm

força. Mas essa coisa vem pela sua constância, perseverança, pela força da sua palavra que a coisa vem.

VII. AS IGREJAS E O PROCESSO DE LIBERTAÇÃO

Pode-se perguntar: qual seria a intervenção das religiões nos processos de mudança? De modo geral, as religiões são conservadoras. Estão ligadas a estruturas mais antigas e temem que mudanças sociais prejudiquem o poder que ainda têm na sociedade. No entanto, as religiões podem alimentar um nacionalismo forte quando sentem que outras religiões as estão ameaçando. O Islamismo é uma força de resistência muito grande contra a conquista pelos cristãos-católicos. Na Índia, o hinduísmo foi uma força grande contra o império muçulmano que a dominou, durante séculos. No Tibete, o budismo é uma força de resistência à conquista chinesa. Na América, as religiões tradicionais procuraram preservar a identidade dos povos conquistados. A mesma coisa aconteceu com os escravos africanos na América Latina.

O que poderiam ser as religiões atualmente? Na América Latina, elas poderiam alimentar o nacionalismo contra o Império. Há duas dificuldades. A Igreja Católica está muito ligada às classes dominantes e estas estão muito associadas ao Império. As classes dominantes não são nacionalistas, preferem a integração dentro do sistema imperial que lhes garante uma posição privilegiada. O Império sempre busca aliança com as classes dominantes e estas procuram apoio na força imperial contra as possíveis forças populares. Quanto às Igrejas protestantes, quase todas procedem dos Estados Unidos e conservam laços culturais e afetivos com a mãe pátria.

O que aconteceu com as tentativas nacionalistas, dos anos 60 e 70, é muito significativo. Uma pequena minoria das Igrejas aderiu à causa dos pobres, aquela parte das Igrejas que tinha implantação no meio dos pobres. Mas a grande maioria permaneceu fiel às classes dirigentes. Os bispos e sacerdotes que se

comprometeram foram perseguidos pelas elites locais e inclusive pela maioria do episcopado e do clero, salvo no caso do Brasil. Não há sinais de que a situação possa ser melhor, na atualidade.

O mais provável é que as transformações sociais serão feitas contra a resistência das Igrejas. A Igreja romana está muito ligada aos Estados Unidos e nada poderá fazer que prejudique o Império. A sua liberdade de ação é muito limitada. Pode ser que o Papa atual queira reconquistar uma certa independência. Não é polonês e não é visceralmente anticomunista. No entanto, a sua capacidade de autonomia é muito limitada. Diante do triunfo da nova fase do capitalismo, as Igrejas procuraram definir, com mais vigor, a sua identidade. Procuram dar nova vida a todo o sistema simbólico tradicional. Recorrem aos meios de comunicação para dar mais força à sua mensagem. Mas, de uma forma necessariamente conservadora. Há, como sempre, algumas personalidades que se separam do conjunto e tomam posições pessoais mais avançadas.

As novas correntes nas Igrejas procuram entrar na cultura contemporânea. Esta é uma cultura do espetáculo. Passou o tempo da racionalidade e do discurso racional. Agora, o pregador, pastor, apóstolo, etc. é um ator ou uma atriz. Precisa, por meio de exercícios emocionais, atingir a identificação como seu público. Deve fazer milagres, para mostrar teatralmente a força do Espírito. Oferece Jesus como meio para resolver todos os problemas: doença, desemprego, intrigas, problemas de casais e assim por diante. É a teologia da prosperidade que promete e dá símbolos de uma felicidade já vivida nesta terra. O mundo futuro depois da morte já não interessa muito. O que atrai é a promessa de felicidade já, agora. Não há mais comunidade. Os participantes são como o público de um espetáculo. Podem reunir-se para fazer comentários, mas não se reúnem para mudar de vida.

Os representantes da hierarquia e do catolicismo tradicional não estão muito encantados, mas apreciam o valor dos movimentos pentecostais porque atraem multidões e também atraem muito dinheiro. A teologia oficial volta a legitimar simplesmente o sistema católico restaurado. É uma teologia institucional como foi durante o tempo da cristandade. No entanto, sempre há alguns dissidentes e não faltarão. O seu surgimento é imprevisível. Não há nem fábrica nem modelo que possa reproduzi-los. Estarão em contato com os novos movimentos e as transformações. Mas não sabemos nem o dia nem a hora. Sabemos que vai haver outra época na história da humanidade e da América Latina, mas não sabemos quando.

VIII. OS PROFETAS E A LIBERTAÇÃO

Existem melhoramentos; não se pode dizer que nada muda. Houve épocas, houve experiências, houve regiões em que os pobres se levantaram, em que diminuiu a distância entre ricos e pobres. Hoje em dia, um executivo de uma grande empresa ganha 300 vezes o que ganha o empregado médio da empresa. Há 25 anos atrás, ganhava apenas 40 vezes mais. Há 50 anos atrás, na Suécia, o patrão ganhava 4 vezes o que ganhava o empregado. Se o patrão ganha só 4 vezes o que ganha o empregado, se pode dizer que há uma quase fraternidade. Se ganha 300 vezes mais, aí não tem mais nenhum contato, nenhuma comunicação. Tem alguém que dispõe de todos os meios, todas as facilidades e possibilidades de manipular o pensamento, de manipular o sentimento das grandes massas, vai controlando tudo.

Existem variações na história. O mesmo mal nem sempre se repete. Há momentos em que os pobres conseguiram se associar e se expressar e reivindicar os seus direitos, a sua dignidade, o reconhecimento. Depois, bem depois faltam profetas, depois aparecem novas forças ou os pobres ficam contaminados pela própria ideologia dos poderosos e dos ricos... É preciso recomeçar. Esse agir não é inútil; se consegue com perseverança. Há situações de países, de regiões que foram muito diversas na história e essa mensagem não é inútil. Quando Savonarola chegou a dirigir a cidade de Florença, depois foi expulso pelo Papa, durante 10 anos, mudou a estrutura da cidade que pertencia à herança dos Medici, de algumas famílias nobres, aí se levantou a massa dos empregados, dos artesãos, dos pequenos. Quando Savonarola denunciou os pecados de Alexandre VI foi condenado, excomungado e morto. Mas, mostrou que é possível mudar quando aparecem profetas.

A força dos pobres não é vã e inútil. Pode e é capaz de transformar situações e conquistar uma sociedade mais fraterna. Que seja tudo igual não, não é possível nesta terra. Isto não estaria de acordo com a situação dos seres humanos, biológica e psicológica. Mas, que haja uma relação de comunicação, que todos possam comunicar porque participam da mesma rede, que não haja essa separação que há atualmente entre dois países, isso é possível. Qual é a comunicação que há entre a burguesia, a famosa elite paulista e a grande massa dos paulistanos? Que comunicação existe? Absolutamente nenhuma. Conhecem-se pelo que a televisão mostra, como se fosse em um outro planeta. A televisão mostra, mas não se sabe nem onde é, nem como é; não tem comunicação. É um exemplo da sociedade de dominação, da sociedade de exploração radical, completa. A luta se faz necessária. Não é com a religião tradicional que se vai conseguir, mas com a presença ativa, perseverante.

Não há na história bíblica, tampouco, um desenvolvimento, uma afirmação do povo dos pobres, se não tem profetas para estimular. São os profetas que despertam a consciência dos pobres. Se não há vozes que se levantam, os pobres ficam disseminados, espalhados, sem relacionamento entre eles, não têm nem força para formar associações. Tem que aparecer. E apareceram profetas. No Antigo Testamento, eram poucos; de vez em quando, aparecia um. No tempo de Jesus, diziam que já fazia muito tempo que não aparecia um.

Depois de Jesus, vem o Espírito Santo e muitos profetas. Só que nem todos aceitam essa vocação. Muitos têm medo, recuam, vêem o perigo de ser profeta, é perigoso, suscita inimizade, hostilidade. Preferem entrar nos quadros tradicionais. É muito menos perigoso. Mas, muitos têm vocação, muitos poderiam e deveriam ser profetas. Sem a voz profética, não se levantam os

pobres, não se reúnem, não tomam consciência de seu valor; alguém tem que dizer, senão não se descobrem. Se ninguém diz, se ninguém fala, ficam inconscientes de seu valor, de sua capacidade, de suas possibilidades. Alguém tem que levantar a voz e ser uma referência. A referência concentra toda a hostilidade contra si - aconteceu com Jesus quando se faz a voz dos oprimidos e dos pobres. Concentra-se contra a referência toda a hostilidade dos que se sentem ameaçados nos seus privilégios.

Isso acontece, inevitavelmente, com todos os profetas. Na América Latina, a série dos bispos que, nos anos 60 e 70, levantaram uma voz profética, foram perseguidos e perseguidos por Roma. Não se podia suportar uma voz semelhante. Lembro-me de D. Leónidas Proaño porque trabalhei, na diocese de Riobamba, Chimborazo, Equador, onde estava ele. Um dia, quando o Papa João Paulo II esteve no Equador, no avião de volta, um jornalista lhe perguntou o que ele pensava de D. Proaño. O Papa respondeu: "*Acho que é um homem bom, mas ele tem a mania dos índios*". Quer dizer, não entendeu nada. Nenhuma consideração pela situação dos índios, como eram tratados no Equador, no Peru ou na Bolívia.

Mons. Proaño passou a vida toda insistindo sobre o direito dos índios e despertando a consciência dos índios. Isso é mania? É a mania do evangelho; Jesus também tinha essa mania dos pobres. Foi perseguido. Um dia, mandaram uma Visita Apostólica para a diocese do Monsenhor Proaño. O provincial dos salesianos da Bolívia foi enviado para fazer a visita a Riobamba. Quando chegou, estava esperando por ele um destacamento militar que lhe informou que o acompanhariam até Riobamba, porque *ali é muito perigoso, são guerrilheiros, estão armados*. Foram até a cúria de Riobamba. Foram acolhidos pelo vigário geral, o Pe. Bravo, que ainda vive, tem 95 anos. Pe. Bravo disse *Aqui você vai ser muito*

bem acolhido, mas mande embora todos esses, com esses não. Teve juízo suficiente e despediu o destacamento militar.

Começou a visita e, no final, ele disse que falou com 2.000 pessoas. Só 20 falaram mal do bispo, todos os outros só falaram bem. Disse que ia fazer um relatório favorável. Nunca mais se ouviu falar do relatório, nunca teve resposta, nenhuma alusão. Permaneceu a suspeita e não veio nenhum desmentido.

Um dia, o Monsenhor se encontrou com o Cardeal Baggio, que foi Núncio aqui no Brasil e, antes, no Chile, que estava passando pelo Equador. Proaño usava sempre uma gravata, não uma gravata como usa Lula, uma gravata que se vende na feira. "*Mas, senhor Cardeal, porque me detestam tanto em Roma?*" perguntou. Baggio pegou sua gravata e disse: "*Por isso, Monsenhor, por isso*". Então, ele tirou a gravata, ficou com a camisa aberta, mas não mudaram a opinião. Continuou considerado um perigoso revolucionário, rebelde... Até ao ponto da famosa prisão dos bispos, em 1976, um dos dias mais gloriosos daqueles tempos.

Lembrei-me agora porque morreu D. Frago, há poucos dias. Ele, com D. Cândido Padim, eram os dois bispos brasileiros que estavam em Riobamba. Estavam 17 bispos reunidos, em Riobamba, na casa de Santa Cruz. Naquela tarde, eu explicava a doutrina da Segurança Nacional, a ideologia dos militares. Nesse momento, entra um destacamento militar, com suas metralhadoras, porque haviam dito aos soldados que éramos perigosos guerrilheiros. Os soldados entraram tremendo de medo, gritando, sumamente angustiados, porque pensavam estar em meio de perigosos guerrilheiros. Todos fomos levados até Quito, no quartel. Entrando, tinha que passar por duas filas de cachorros enormes que têm os exércitos para impressionar, porque eram perigosos. A acusação do governo é que tinham

entrado ilegalmente no país. Imaginem D. Cândido Padim entrando ilegalmente, pelo aeroporto, mostrando seu passaporte, como todo mundo.

Depois soube do governo equatoriano, que era militar, que a prisão fora a pedido da nunciatura apostólica, como um favor aos generais, em convivência com o Cardeal Echeverría, bispo de Guayaquil. Houve uma tal repercussão no mundo que os generais ficaram envergonhados, afinal não tinham motivo e deram essa explicação: *“Fizemos porque a nunciatura pediu”*

Outro detalhe pitoresco. Quando os bispos estavam aí todos presos, foram chamados todos os embaixadores dos países que tinham um bispo preso, mas não veio o embaixador da Bélgica. Fiquei pensando: o que será que o Papa está pensando, por que esse homem não veio? Pedi a um amigo deputado em Bruxelas que interpelasse o Ministro das Relações Exteriores perguntando por que meu embaixador não estava presente. O Ministro respondeu que o embaixador soube que havia um cidadão preso, que era sacerdote; consultou a nunciatura perguntando o que deveria fazer. A nunciatura disse: *“Não faça absolutamente nada. Já estamos cansados de tantos padres comunistas”*. Era a confirmação e o lado cômico da história. Quer dizer, todos foram perseguidos, mas ficaram firmes apesar disso.

Outros poderiam ser profetas, mas têm medo, medo da repercussão possível, das conseqüências possíveis e, então, não se atrevem. Às vezes, com um pouco de má consciência, um sentimento de que no fundo poderiam ter uma atitude um pouco mais vigorosa, um pouco mais forte, mas não se atrevem. E não faltam justificativas - *Se a autoridade romana não quer, não vou entrar em contradição*. Sempre se pode invocar pretextos para não se aceitar a vocação profética. Porém, se não existem essas vozes, os pobres não criam coragem, não

conseguem despertar para o sentimento de seu valor, não se organizam, não se unem. E também não formam uma voz forte e poderosa que seja capaz de intervir, de perturbar o conjunto da sociedade, impor meios diferentes, estruturas diferentes e controladas; continua, como no Brasil, a aliança entre os mais ricos e os mais pobres.

Essa aliança prevaleceu até dois anos atrás. Há dois anos atrás, começou a se romper essa aliança, os mais poderosos não conseguem mais dar medo e se impor, impor sua votação por medo. Surge um início de emancipação, os pobres já não acreditam, da mesma maneira, não têm medo dos grandes que sempre dominaram e prevaleceram. Vamos ver como evolui. Esta é a impressão, no Nordeste, por exemplo, onde Antonio Carlos Magalhães, o último patriarca, não terá herdeiros, não existirá um homem que seja capaz de controlar todo um estado como a Bahia. Se conseguir colocar o Paulo Souto como governador, será a última vez. Não existe outra figura semelhante e não existem mais, na elite, pessoas que tenham coragem de tomar essa atitude e realizar uma tarefa semelhante.

Estamos no final de uma época e os profetas aparecem em momentos significativos. Quando D. Luis começou a greve de fome em Cabrobó, por causa do rio São Francisco, imediatamente, Lula ficou com medo. Viu que isso tinha uma ressonância tão grande nas massas populares que o lugar começou a ser um centro de romarias. Entra em conflito com esse profeta. A única solução foi mandar o embaixador a Roma para que o Papa obrigasse o bispo a terminar sua greve de fome. Veio a carta famosa do Cardeal. Não sei se todo mundo leu, um homem mal educado, malcriado, grosseiro, que mandou ordem de terminar, ameaçando que se não terminasse... A carta foi entregue pelo senhor núncio que foi de carro, com ar condicionado, para Cabrobó; nem saiu do carro para não enfrentar o calor e pediu que

entregassem ao bispo a carta do senhor cardeal. Tudo porque Lula sentiu uma ameaça.

Vamos supor que, em lugar de um profeta, apareçam 10. Começa a massa popular a se levantar, a tomar consciência de sua força, de sua possibilidade. Está faltando candidatos. Quem sabe quantos candidatos temos por aqui? Na tradição bíblica cristã, a estrutura básica não é estrutural, é profética. Profetas permaneceram na igreja cristã, até Constantino. Perderam a influência, progressivamente. Constantino convocou os bispos, em Nicéia, e decidiu dar todo o poder e todo o reconhecimento aos bispos. A partir desse momento, as comunidades não tiveram mais nenhuma força, nenhuma capacidade, porque o bispo estava colocado bem acima, já com os atributos dos governadores, procônsules. Criou-se uma distância imensa, já não se consultou mais as comunidades. Todos os outros ministérios desapareceram, porque havia um só que concentrava os poderes. Desde esse momento, procuraram desaparecer os profetas. A tentativa foi sempre de recuperá-los dentro de instituições. Tudo se fez para que aceitassem ser sacerdotes, porque aí são incorporados, integrados dentro de uma estrutura firme. Foi assim a tentativa constante de recuperação.

IX. A LUTA DE LIBERTAÇÃO HOJE

Isso é trabalho para milhares de economistas, de políticos e outros. A questão é que eles não querem. Poderiam, mas não querem. A questão dos pobres não é resolver as questões políticas, é conseguir mudar a vontade das elites, desses intelectuais que não querem, que se subordinam ao sistema, que não querem se lançar, que não querem se arriscar em coisas novas, ensaiar projetos novos, fazer projetos de sociedade; não é problema dos pobres. Como os pobres vão fazer um projeto de sociedade? Impossível. Há milhares de pessoas que sabem e poderiam fazer isso, mas não querem, por covardia, por preguiça, porque preferem a sua carreira pessoal a inventar coisas que não dão salários, que não dão rendimentos.

A questão dos pobres e a afirmação de sua existência é um desafio para toda a sociedade e, em especial para os cristãos. Aí está o pecado – a pobreza generalizada é o resultado desse pecado, dessa covardia generalizada. A opção pelos pobres é descobrir, mostrar e despertar para que apareçam, para que se mostrem; não é para que os pobres dêem a solução para a sociedade. O que devem fazer é chamar a atenção para a sua existência, que imponham a sua existência. Senão a sociedade simplesmente os elimina, não os vê, não os enxerga, faz de conta que não existem.

Nos tempos do regime militar, nas obras do General Golbery, há um momento em que ele preparou a volta para a democracia; como preparou o golpe militar, preparou também o final, a volta à democracia. Ele faz uma análise das forças políticas que existem e de como enfrentar isso. A igreja, dizia, tinha força, mas desmobilizar a igreja será fácil, basta restabelecer os partidos políticos e ela será esvaziada: todo mundo vai entrar para os partidos políticos. Assim se desmontou a força política da igreja. Ele era inteligente porque, de

fato, foi o que aconteceu. Conseguiu destruir a força política da igreja. Em nenhum momento, as massas populares entraram em sua consideração. Para ele, as massas não valem, não têm nenhuma importância, não existem nem política nem economicamente. É um realista que somente leva em conta os fatores de força. Por isso, o importante é que os grupos mostrem que existem.

Um dos interesses principais do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é mostrar que existem os camponeses. Por isso, despertam tanta raiva, prisões, polícia destrói acampamentos; porque eles mostram sua existência, quando o melhor seria ignorar. Isso é uma tarefa, outros movimentos poderiam fazer o que já fazem na cidade, mas ainda bem insuficiente.

Alguma coisa deve acontecer, não sei se vou conhecer; só talvez como Simeão. Pode ser que não seja no Brasil; o Brasil é um mundo para a maioria; aqui não se sabe que existem outros países. Outro dia, me falavam sobre a Itália e aí perguntei: *onde fica a Itália? Perto de Santa Catarina*, responderam. Vai aparecer em algum lugar, pode ser no Paraguai, pode ser na Bolívia, mas deve aparecer alguém para juntar todas as forças dispersas, as energias dispersas que não encontram uma polarização, uma referência.

Há 20 anos, pensava-se que o PT seria essa referência. Porém, uma vez que ele entra na dinâmica do partido político eleitoral, aí já não pode ser. É toda uma história: os partidos políticos têm uma dinâmica própria, um dinamismo específico. Pensar que os atuais partidos vão transformar esse modelo é muita ilusão. Muita gente entrou e entra no PT só para seguir o vencedor, para ser um futuro vencedor, para poder participar. Isso é inevitável dentro de um partido político tradicional, por isso, segundo a evolução histórica, não pode se começar com um partido político tradicional. Tem que haver outros grupos que vão nascer: será um movimento mais

amplo, um movimento que envolva a totalidade do ser humano e suas dimensões pessoais e sociais.

Pensar numa revolução total era possível quando se falava numa nação; quando o universo considerado era uma nação e uma nação muito menos povoada que agora. No momento da Revolução Francesa, havia na França menos de 30 milhões de habitantes e era, de longe, o país mais povoado da Europa. O povo podia pensar numa unidade assim, num estado que, de uma vez, podia adotar uma constituição que estabelecesse leis e estrutura transformada. Mas, hoje, estamos diante de uma enorme rede de comunicações, de comercialização, de intercâmbio. Na fabricação de um avião vêm peças de 50 países diferentes. Onde está o patrão? Quem está ganhando? Quem está fornecendo? A quem se dirigir? O sistema é global e transformar globalmente toda a sociedade mundial é impensável. Como imaginar uma revolução que possa transformar toda essa complexidade?

Fica claro que só se pode pensar em mudanças parciais, progressivas, organizadas, em todo caso, parciais. Sempre iniciando por aquilo que pode ter mais repercussão e que tenha por onde se orientar. Nos Foros Sociais, se vê dificuldade, porque grande número de pessoas vive na revolução passada, imagina a revolução passada. Só é possível se partir dos desafios da situação atual, das condições atuais. Por exemplo, onde está o capital atualmente, quem manipula, quem se dedica à especulação financeira e como ir buscar... É claro que há símbolos fortes. Símbolos fortes são os 200 bilionários no mundo, cuja fortuna supera a metade da humanidade. Fazer desaparecer esses 200 ou 300 já seria um sinal, mas como fazer desaparecer a sua fortuna. Qual é o sistema? Qual é o regime?

Haverá transformações, melhoramentos; já houve revoluções no passado que suprimiram alguns males profundos. Quando se suprimiu a escravidão não se

resolvia todo o problema, era uma etapa e haverá outras etapas semelhantes. A questão é saber qual é a etapa que nossa geração tem por finalidade e por missão realizar. A humanidade é feita de gerações e de sucessão de gerações. Uma geração não continua a outra geração anterior, sempre muda, inventa outra coisa, quando não destrói sistematicamente o que fez a geração anterior. Em geral, muita coisa subsiste, porém, se inventam outras, de tal modo que as revoluções permanecem inacabadas, incompletas. Porque uma geração sonhou isso, mas a geração seguinte já pensa em outra coisa. Vai começar outra obra que vai permanecer também inacabada.

A história da humanidade é feita de projetos realizados e nunca acabados, tanto que sempre se apresenta um vazio, uma necessidade, uma transformação nova para ser feita. A humanidade é um longo processo de procura do ser humano, a caminhada da humanidade em busca de si mesma. Não é um processo de continuidade, porque há o fenômeno das gerações e porque essa história é um combate entre as forças que avançam e as forças que resistem. Quem domina numa época defende os seus privilégios e se opõe a toda mudança. Mas, a história é luta. Que fazer, hoje?

1. Atacar símbolos do grande capitalismo

No último Foro Social, conversando com chilenos, perguntava porque não tomam como objetivo um dos símbolos do grande capitalismo de hoje que são os paraísos fiscais. Os paraísos fiscais existem, sobretudo em ilhas britânicas, com a cobertura do governo britânico, dos EUA e de outros países capitalistas. Eles é que mantêm os paraísos fiscais e, por aí, passa o dinheiro. As ilhas Caymán têm 40 mil habitantes. São dependentes da Grã Bretanha. Aí, se instalaram 45 mil multinacionais que pertencem às ilhas Caymán, de nacionalidade Caymán porque aí não se paga imposto,

não existe controle, ninguém procura saber de onde vem ou para onde vai o dinheiro. É um paraíso. Ali todo dinheiro fica branco. Todo dinheiro fica limpo. É ótimo, é ideal para qualquer operação, mais ou menos ilegal, mais ou menos fora da lei. É o ideal e lá se acumulam capitais, por aí passam enormes capitais. Vamos supor que os países latino-americanos montariam mil barquinhos para ir até as ilhas Caymán. O que aconteceria? Os EUA teriam que levar a sua marinha para enfrentar todos esses barquinhos. Para a opinião mundial seria fazer aparecer que isso existe. Quantos brasileiros sabem que isso existe? Que o dinheiro do capital passa por aí, passa pelas ilhas Caymán e que aí se fazem todas as transformações e purificações. Ninguém sabe. No momento em que se começa a saber, a coisa começa a tremer.

2. A batalha da comunicação

Não se pode realizar nada sem passar pela informação, senão ninguém sabe o que está acontecendo. Um habitante de São Paulo, como pode saber o que está acontecendo em São Paulo? Só quando a televisão fala, porque, senão, como saber? É impossível. Nem sabe o que está acontecendo no seu bairro. Só se sabe quando passa nos meios de comunicação. Quais os sinais significativos que podem fazer aparecer a realidade? Aparecer onde estão os dominadores e qual o elemento mais fraco. Dos paraísos fiscais, os grandes têm vergonha e, por isso, nunca se fala. A televisão nunca vai falar disso. O Jornal Nacional vai falar disso? Nunca; é um elemento tabu. Mas, uma invasão das ilhas Caymán, aí vai ter que falar. Inevitável. A marinha dos EUA, os grandes cruzadores... não dá para escapar, vai ter que se falar disso.

A batalha é da comunicação em grande parte. Quem vai se concentrar no setor de comunicação para organizar sinais que possam de fato ser uma divulgação da oposição, da contestação dos grandes crimes

cometidos? Senão, os jornais vão gastar páginas inteiras sobre o último escândalo, um milhão e setecentos mil reais por um dossiê – mas o que é isso? É nada, comparando com os trilhões que circulam pelo mundo, o que é isso? Fernando Henrique não entregou a Cia. Vale do Rio Doce, que vale 115 bilhões, por 3 (três) bilhões? Ninguém reclamou, ninguém protestou, todo mundo achou normal, porque não houve escândalo na televisão. Tudo passou tranqüilamente. Agora, se queixam de um milhão e setecentos mil, ao lado de cem bilhões, como se fosse um grande escândalo. E o mensalão? É coisa de algumas esmolas comparando com tudo que acontece no mundo financeiro que não se sabe.

A tarefa é saber e divulgar. Divulgar de que maneira? Tem que organizar ações significativas que sejam capazes efetivamente de chamar a atenção. Isso é para a imaginação de todos aqueles que estão trabalhando em meios de comunicação. O mundo atual é tão complexo que ninguém sabe como funciona. E ninguém vai saber, porque é tão complexo e que é impossível que uma pessoa saiba disso. Convém fazer aparecer algumas coisas simbólicas, significativas, que abalam o sistema inteiro e provocam uma mudança na consciência da humanidade, na consciência global, por exemplo, na consciência das massas populares.

Antigamente, se podia pensar na Revolução Francesa e que a classe burguesa faria a revolução. E fez a revolução e aproveitou-se. Concentrou todos os recursos nas suas vantagens fazendo surgir o capitalismo industrial. Depois o socialismo pensou que a classe revolucionária seria a aliança dos camponeses e dos operários. Hoje em dia, o que subsiste de camponês? Camponês verdadeiro é insignificante; de operários, é insignificante. O número de operários vai diminuir, porque as fábricas podem funcionar com menos operários do que tem hoje. Poder-se-ia muito bem despedir a metade dos operários. Não fazem por causa das

repercussões sociais, da movimentação, mas acalmando um pouco a população... e com um novo Fernando Henrique Cardoso no governo, se poderia fazer. Com o silêncio dos meios de comunicação, se poderia fazer.

3. Mobilizar a grande massa

Poucos operários, poucos camponeses e com uma população sobrevivendo no setor informal, tudo continua. A previsão é que no ano de 2.050, quatro bilhões de pessoas na terra vão morar em favelas e estarão no setor informal. Se não mudar a dinâmica atual vai para isso. Na África ainda é pior. Um artigo no "Le monde diplomatique" diz que Kinshasa, capital do Congo, tem 6 milhões de habitantes e só 5% têm carteira assinada - 95% da população está no setor informal, não têm rendimento seguro, não têm salário, não têm absolutamente nada. No Brasil, não é tanto. Aqui tem uma classe operária, uma classe de camponeses diminuindo e fugindo do campo. Reforma agrária nem se pensa. O que acontece é fuga dos camponeses para as cidades. Isso continua no Pará, Maranhão, Piauí por causa das grandes terras abertas ao cultivo da soja. Continuam fugindo. Pode-se assentar-se 100, 200 mil famílias, mesmo assim 1 milhão saem do campo. A classe camponesa fica enfraquecida.

A classe operária também vai ficar enfraquecida. Vamos supor que uma empresa de São Paulo vai se instalar no Nordeste: o que acontece? Abrem 500 vagas e apresentam-se 50 mil candidatos. Os que vão ser aceitos vão ficar bem calados, aceitando qualquer condição. Se receberem salário mínimo vão ficar felicíssimos, porque ninguém na cidade ganha isso. Não vão protestar, nunca vão pensar em greve. A empresa vai ganhando mais e mais. Pensar que essa classe operária vai ser um fator revolucionário é impensável. Eles são os privilegiados; quem pode trabalhar numa fábrica... precisa ver a alegria, a felicidade no fato de conseguir trabalhar em uma fábrica para ganhar salário

mínimo. É a maior felicidade do mundo! De repente, todo o estilo da casa muda, porque podem comprar o que não tinham imaginado antes.

Qual é a grande massa? É todo o setor informal. Como meter-se nisso? Quais são as forças, quais são os fatores que estão agindo? Porque este é o nosso problema - falar de revolução camponesa, operária, é passado. Hoje em dia, onde estão os pobres, onde estão as forças dominadas que não se podem expressar? Como mobilizá-las? Isso é reflexão para os cientistas sociais e para os que têm experiência do mundo social. Como agir sobre essas massas? O que aconteceu na Venezuela é um sinal interessante. Levantou-se Hugo Chávez e se mantém, apesar de uma oposição tremenda. Porque conseguiu despertar as grandes massas informais, todos os moradores das favelas, tudo polarizado em torno dele.

De repente, milhões e milhões de informais não se manifestavam, porque não estavam nem um pouco interessados no sistema dos partidos políticos. Quando surge uma figura carismática que os entende, fala de maneira popular, não fala para as elites, fala para essas massas populares que estão aí e fala com vigor. Se não fosse do Caribe, diria que parece um pouco louco, mas no Caribe é normal, todo mundo se expressa dessa maneira, no meio popular, é simplesmente normal. Quem não conhece essa cultura acha extraordinário. Para um norte-americano é um pouco diferente, não estão acostumados a esse estilo.

Assim como aconteceu com D. Helder. Em Roma, prevalecia a opinião de que D. Helder era um louco. Porque gesticula, porque se manifesta, pensavam que era louco. Não era louco, era simplesmente um cearense. No Ceará é assim, o povo se expressa assim; quem não conhece não compreende, não entende que essa é a maneira espontânea, a maneira natural de ser. Para Hugo Chávez é seu jeito, é de sua região, é assim que o

povo se expressa e se manifesta, não é mais louco que todo o resto da população, é do seu feitio. E aí o povo se reconhece – *esse é nosso!* Pode fazer muitos erros, fracassar em muitas coisas, mas a fidelidade se mantém.

E aqui no Brasil, o que está acontecendo? Pelo menos no Nordeste, a impressão é que com Lula se produz um entendimento, algo semelhante - *ele nos entende, ele é nosso!* Reconhecem-se nele e pode haver qualquer escândalo que o povo vai dizer que *tudo isso é inventado pelos ricos*. Ninguém acredita. A televisão diz, mas não se acredita, porque se está criando um fenômeno semelhante. Hugo Chávez aproveitou e tomou iniciativa. E Lula? Será que vai? Até agora não manifestou que queira aproveitar esse carisma, essa situação. Na Bolívia, se produz com Evo Morales um fenômeno semelhante. No Equador, estava começando com Lucio Gutiérrez, mas depois traiu e se colocou ao lado das multinacionais. Na Argentina, alguma coisa, não é o mesmo, mas Kirchner tem 80% de aprovação popular. Então, em todo esse mundo popular se produz uma espécie de identificação semelhante.

O que poderia mobilizar essa grande massa informal que não tem relações econômicas entre si, que não tem solidariedade, simplesmente são porções abandonadas, ainda que todas tenham desejos, aspirações? De repente, encontram alguém que vai conduzi-los. Evidentemente não vão entender o que está acontecendo, para onde vai o dinheiro, nem a complexidade das relações econômicas, do jogo político. Só sabem que todos os políticos roubam. Quando acusam Lula de roubar, imaginam que ele tem direito porque é pobre; rico não, rico não pode roubar. Para a massa isso é parte da política, por isso, ele é perdoado, a ele se concede essa qualidade.

4. Formar quadros

O desafio é como mobilizar as grandes forças informais, esse setor informal, todo esse povo que está nas favelas e depois como enquadrar. O grande desafio de Hugo Chávez é como encontrar quadros para estabelecer novas estruturas. Quando começou o seu sistema de saúde popular, colocando um médico em cada quarteirão, para cada 250 famílias, fez um apelo e se apresentaram 29 médicos venezuelanos. Foram 29 para o país inteiro. Foi a Cuba e voltou com 13.400 médicos. Agora, toda a Venezuela está assumida por médicos cubanos, já são mais de 15.000. O que aconteceria no Brasil se os médicos fossem chamados a morar nas favelas e ali atender, quantos se apresentariam? Será que os cubanos têm gente suficiente para mandar para um país tão grande? Quais são os quadros para poder realizar uma política assim? Uma pessoa só tem o prestígio, mas sozinho o que pode fazer? Precisa de quadros e este é um desafio.

Se houvesse transformação da saúde popular, quantos médicos entrariam? Se houvesse uma transformação universitária? Chávez fundou universidades populares pagando bem os professores para ter os melhores, porque nas universidades tradicionais vigora a ideologia dos ricos. Os ricos, por muitos meios, dominam o ambiente, de tal sorte que os pobres que vão às universidades se sentem humilhados. Em lugar de reforçar a sua consciência, não se manifestam, desaparecem; quem toma a palavra são os mais ricos, os que pertencem às melhores famílias. Então, decidiu abrir novas universidades para os pobres. No Brasil, os pobres têm que fazer sacrifícios imensos para poder mandar seus filhos para faculdades privadas. Se um Hugo Chávez decidisse agora fazer boas universidades populares encontraria ajuda, encontraria voluntários para entrar nesse movimento?

5. Uma sugestão de programa

- a) O primeiro programa seria de tipo assistencialista, o que não deve ser motivo de desprezo. Dado o grande número de pessoas muito pobres que precisam urgentemente dos bens imprescindíveis, comida, teto, escola, remédios, é preciso dar respostas imediatas. Não podem esperar transformações sociais. Até lá, estarão todos mortos. O sistema consiste em deixar a estrutura tal qual, mas cuidar dos buracos que o sistema deixa aberto: a massa dos excluídos. De certo modo, é o que acontece na Venezuela, no Brasil, no Chile e outros países, ainda que em muitos nem isso exista, a não ser em forma pouco significativa. A vantagem desse sistema é que se pode realizar sem perturbar profundamente a economia e sem abrir frente de guerra com as empresas e a classe dos empresários. Além disso, já que não toca nas multinacionais, não cria motivo de guerra exterior. Não resolve os problemas a longo prazo, mas pode preparar as condições. Os recursos dos estados são limitados, o que limita a política de beneficência. Além disso, à medida que os pobres vão melhor sua condição, as aspirações irão crescendo e também sua capacidade de organização. Essa política acalma, a curto prazo, mas prepara agitação social para mais tarde. O caso de Venezuela é especial num ponto: Chávez conseguiu recuperar o petróleo, mas a tarefa foi facilitada pelo fato de que não atacava diretamente as grandes multinacionais.
- b) Outro programa consistiria em desenvolver os movimentos sociais. Assim fizeram os indígenas e conseguiram constituir forças sociais importantes que já são fatores políticos, pelo menos nos países andinos. Há movimentos sociais que crescem, mas ainda falta muito. Precisam também do apoio do Estado. Claro que não podem ser anexos do Estado para não cair na corrupção ou transformar-se em burocracias ineficientes. Mas, sem um mínimo de apoio, o crescimento da sua força é lento. No Brasil,

os movimentos sociais ainda são numericamente fracos e nenhum tem o poder de mobilizar milhões de cidadãos como seria necessário. Movimentos sociais poderosos serão necessários, em todas as fases da transformação.

- c) O programa de desenvolvimento escolar é comum a todos os países. O problema é a qualificação: que programa? Com que finalidade? Quais são as perspectivas abertas? Os protestantes têm a perspectiva da Bíblia; os socialistas tinham a perspectiva de ler e entender a literatura revolucionária. O que é que estimula agora? Devemos confiar na Internet? O que se busca na Internet? Como orientar? Na questão da formação dos professores, falta muito. A questão depende muito do tipo de sociedade que se quer promover.
- d) O controle do movimento de capitais: a taxa Tobin que suscitou tanta indignação dos meios financeiros. Somente com acordos internacionais.
- e) Controle dos paraísos fiscais: somente por uma ação popular muito forte.
- f) Controle do comércio internacional por organismos mundiais; o comércio é interior às multinacionais. Porque se impõe aos países mais fracos uma abertura do mercado que os grandes não praticam?
- g) Política ambiental: rejeitar o envenenamento das terras cultivadas, os rios e a água, a poluição dos rios, poluição do ar, energias alternativas menos poluentes, proteção das selvas e política de administração racional das selvas.
- h) O problema do trabalho e as alternativas. Será o problema básico. Produtos naturais, produtos de artesanato em lugar de produtos industriais. Uma

civilização de menos consumo, estabelecendo um modo de viver com menos consumo.

- i) Controle da riqueza, limitação da renda individual. Taxação das heranças. Exatamente o contrário da política Bush nos Estados Unidos que se oferece como exemplo aos outros países. A concentração das empresas por meio de fusões prepara o terreno para que, um dia, uma instância internacional possa administrar e criar uma empresa mundial controlada por representantes dos povos.
- j) Renegociação da dívida externa e interna. Sem isso o Estado não terá força para promover uma verdadeira política em todos os setores.

6. Nas Igrejas, juventude e laicato

A palavra está com os mais jovens porque, no final da vida, como se pode ainda pensar em começar algo? Algo novo vai aparecer e não vai ser por parte do clero. Nem tampouco vai aparecer por parte das congregações religiosas. Vai aparecer justamente no meio dos pobres, dos que não têm prestígio, dos que não têm esse prestígio de pertencer a uma grande congregação, a uma ordem religiosa. A realidade de uma congregação constitui-se em uma prisão, toda essa estrutura, não deixa de constituir uma prisão. Não possuem mais a liberdade de poder começar alguma coisa sem se referir a uma série de instâncias que vão limitando e delimitando, *prudência e prudência, super-prudência*. Mas, algo deve aparecer. Na história da humanidade, sempre aparece o imprevisto. Nesse caso é bom abrir os olhos e, se aparecer, identificá-lo: *aí está, é esse!*

A questão é de discernimento - cada geração deve saber que faz uma pequena parte, não faz tudo, não vai transformar tudo. Mas, vai transformar o que? Fazer essa escolha, fazer esse discernimento é a nossa tarefa. A princípio, se poderia dizer que os líderes da Igreja poderiam ser os animadores, mas a hierarquia traz

tantas seqüelas da cristandade antiga que não tem condição para fazer isso. Só alguns escapam. Alguns dos quadros não se deixam enquadrar, não se deixavam... porque hoje em dia já são bem menos, pois, se voltou à estrutura da cristandade. Enfim, alguns não se enquadram no sistema e são condutores, abrindo caminhos.

Na história da cristandade, houve uma geração de bispos animadores, no século V. Depois um imenso silêncio de 1.400 anos, quando o corpo episcopal não tinha nada para fazer, nada para dizer, só administrar as paróquias, administrar as dioceses, sem mensagem para a humanidade, sem mensagem para o mundo. Então, não houve uma nova etapa. Quem lançou novas inspirações foram leigos, leigos que a hierarquia logo procurou reassumir. Durante séculos, ensinou-se aos religiosos que o maior favor que eles poderiam ter era a ordenação sacerdotal. Até queriam que São Francisco aceitasse a ordenação sacerdotal; só que ele resistiu até o fim.

A hierarquia fez todo o possível para que as vozes proféticas na Igreja entrassem nas congregações e no clero, porque aí se corta o profetismo. Torna-se mais difícil porque, incorporado no Direito Canônico, existe toda uma série de regras institucionais que dificultam. Para as mulheres, então, se lhes explicou que a maior felicidade seria entrar numa congregação religiosa - esta seria a melhor maneira de servir ao Evangelho. Porque aí é mais fácil controlar, é mais fácil disciplinar. O resultado é que se perde a autonomia, a independência, se torna muito mais difícil a missão profética quando se está enquadrado/a dentro de um sistema.

A propaganda da hierarquia faz essas famosas campanhas de vocações, a pastoral das vocações. Rezo sempre para que não funcione essa pastoral das vocações. Vocações têm muitas, no povo de Deus. Só

que não desejam ser enquadradas dentro de um sistema pré-estabelecido, inevitavelmente burocratizado. O enquadramento enfraquece o testemunho do povo de Deus, no meio do mundo. As vocações são muitas. Conheço muitas: gente pobre, gente que tem capacidade de missão, de evangelizar, de propor, de mostrar. No entanto, além de não serem reconhecidas, são sistematicamente afastadas. Como dizia um vigário de Juazeiro, Bahia: "Para mim os leigos são muito fáceis, são como as unhas - cresceu, cortou". Não se pode permitir que cresçam. A burocratização é completa, total, radical. O Reino de Deus é destinado a crescer, a começar a cada geração e as estruturas que vêm da cristandade são pouco cômodas. D.Eugênio dizia de Frei Betto: "*nem sequer é sacerdote*". Não perdeu nada com isso e o valor do seu testemunho não perdeu nada, provavelmente ganhou. Fica com mais liberdade mental, liberdade de espírito de não ser tão enquadrado.

Quando Pio XII condenou os padres operários, o fez por uma questão de *status* - padres com mãos de operário como poderiam dar a hóstia sagrada?! Em vez de mãos de operário, têm que ser mãos bem brancas, mãos de intelectual. Mãos de operários para dar a comunhão era impensável, inimaginável! Essa visão continua, no subconsciente e, no consciente também. Estamos numa situação em que a única saída é dizer: o povo de Deus é feito de leigos, não se preocupem pelos sacerdotes, tomem a iniciativa e façam. Façam e deixem para lá, porque não tem saída pelo lado do clero. Quando D. Aloysio saiu de Fortaleza e entrou o sucessor que vocês conhecem, foram suprimidas todas as pastorais sociais. Todos os leigos que trabalhavam em conexão com a diocese ficaram sem apoio, entregues a si mesmos. Acontece que nada fizeram, porque os leigos têm uma tradição de 500 anos de submissão, de passividade e sacudir isso não vai ser fácil.

Um dia, me convidaram para uma reunião, em Fortaleza, com 300 pessoas. A maioria eram homens e mulheres formados: universitários, advogados, médicos, assistentes sociais... Todos chorando e lamentando por estarem fora, por não poderem mais fazer nada. Eu disse simplesmente: *chorar não adianta, não leva a nada. Vocês aqui são 300 pessoas que têm êxito na família, na carreira, que mostraram muitas capacidades no mundo aí fora, que têm uma posição na sociedade que lhes dá uma capacidade de ação. Por que não se reúnem? Por que não tomam iniciativas?* Poderiam atuar na divulgação, em revistas, rádio, penetrar de várias maneiras ou tomar iniciativas sociais. Com 300 pessoas, com as qualidades que têm, poderiam escolher 3 ou 4 para pensar e organizar a ação, dedicados a tempo completo. Se cada um der 1% de sua renda, dá para sustentar a iniciativa.

Sem pessoas, de tempo de dedicação completa, não se pode fazer nada. E 300 pessoas de classe média poderiam sustentar um grupo assim. Deveriam escolher gente entre 25 e 30 anos que é o tempo da criação; até 25, ainda está tudo confuso, mas a partir dos 25 já se equilibra a cabeça, já raciocina, ainda não perdeu o contato com seus sonhos; depois dos 40 já não é a mesma coisa. A idéia era, primeiro, percorrer o mundo, ver o que está se fazendo e as experiências que podiam ajudar, iluminar e orientar, suscitar, buscar pessoas, formar pequenos grupos, conforme sua imaginação. Não se atreveram, não sentiam consciência suficiente! Se fosse na economia, na sociedade, na universidade podiam se reunir e fazer isso. Mas, na Igreja, ficam paralisados, não se sentem capacitados, sentem-se impressionados pelo sagrado - tocar no sagrado é perigoso! Há um certo sentimento que, em matéria religiosa, é melhor não tocar; é preferível submeter-se, sofrer, aceitar, mas não tocar.

Os anos 50 são marcados pela emergência do laicato (Ação Católica), com uma volta para a classe

operária, para as favelas... assumida por figuras carismáticas como D. Fragoso e D. Hélder Câmara que se converteram ao povo. O Concílio Vaticano II veio legitimar essa tomada de consciência, produzida no meio do povo de Deus, com forte influência de 100 bispos (de um total de 3.000), vindos do Nordeste e da América Latina - em Medellín eram 15 bispos comprometidos com os pobres. Desse comprometimento surgiram santos, mártires e profetas. Mas, 80% dos padres, religiosos e bispos permaneceram com os ricos; só 20% foram para os pobres.

As escolas e universidades, na quase totalidade, continuaram formando as elites, inclusive teve gente que participou de gabinetes de ditadores. Esse movimento durou uma geração, de 50 a 80, quando a igreja voltou à "*grande disciplina*" para "*acabar com a confusão*" e "*recuperar os fiéis que migram para os hereges*". Esse discurso serve para disfarçar a volta da hierarquia católica para as elites e para que a religião volte a ser a cobertura da aliança do poder eclesiástico com as classes dirigentes (Reagan, Bush...). Até conhecidos anticlericais, aceitam negociar com a hierarquia a liberdade de culto e os preceitos morais, em troca do silenciamento de quem assume uma teologia crítica.

Se não sair dos leigos, quem vai fazer teologia, quem vai romper esse silêncio tão grande? Revistas teológicas multiplicam-se nos institutos; todo mundo quer ter uma revista teológica, são centenas... Impossível acompanhar; tudo repetição da mesma coisa de sempre, sem novidade, sem proposta. Leigos autônomos podem sustentar-se. Não fazem isso por falta de ousadia, de alguém que tome iniciativa. Se aparecer alguém, outros vão sentir-se atraídos e chamados.

Muitas vezes na história, falta uma pessoa. Quando aparece uma, muitos se levantam. Quando apareceu Francisco de Assis havia um imobilismo no meio

dos nascentes movimentos de operários, de artesãos, nas cidades que já não suportavam o autoritarismo principesco. Agora, existem muitas queixas e mal-estar e ninguém toma iniciativa. Quando se levantou Francisco de Assis, em poucos meses, milhares e milhares entraram. Um pouco de tudo; nem todos tinham entendido ou não estavam decididos a seguir o caminho proposto por Francisco. Em todo caso, mudou o ambiente geral porque criou um ambiente diferente. Eles se meteram nas cidades e fizeram o que o clero daquele tempo, que estava a serviço dos nobres, não fazia.

Os *tomistas* presentes devem lembrar-se da única vez que Santo Tomás levantou a voz e gritou; ele era sempre calmo, sereno, pacífico. nunca gritava. Uma vez gritou - gritos contra para defender os frades contra as acusações do clero. Quando os frades invadiram as cidades, os vigários se sentiram incomodados - *eles vêm ocupar terreno, vêm fazer sucesso, e nós estamos encostados* - ficaram com muita inveja e muita raiva. Então, levantou-se Santo Tomás e dizia: "se não estivéssemos aqui, quem evangelizaria? Vocês, sacerdotes, não evangelizam; *ainda bem que estamos aqui*". Levantou a voz e tinha razão. Se não fossem os frades naquele tempo...

Hoje em dia, estamos na espera de quem vai se levantar, quem vai tomar a palavra e assumir. Quem, na Igreja, vai ser uma espécie de Hugo Chávez? Ele reúne milhões de pessoas que não faziam nada. Precisa ser uma pessoa que chame, que seja uma referência. Perguntei lá em Caracas: "*Por que você está com Chávez?*" A resposta foi: "*Porque ele nos entende*". Criou-se uma corrente de comunicação que nunca houve com os outros. Sempre votavam nos candidatos da aristocracia, dos bandidos, por medo, fundamentalmente, e pelo prestígio que tinham essas pessoas. Agora, perderam o medo e encontraram alguém com quem podem se identificar.

O que falta é alguém com quem as pessoas possam se identificar, um leigo com quem se possam identificar. Será que está nesta assembléia aqui? Tem que ser um jovem. Velho não vai dar. Tem que aparecer. Vai aparecer, mas só aparece quando existe uma fermentação, uma aspiração, um sentimento que alguém vai chegar. Alguém deve entrar para criar um ambiente assim; como alguém vai ter iniciativa própria sem sentir-se apoiado por toda uma corrente? Francisco de Assis surgiu porque havia o proletariado das cidades, um movimento de protesto, de insatisfação contra o domínio dos ricos, dos ricos comerciantes. Ele, filho de um rico comerciante, sentiu o apelo que já estava ali presente. Se estivesse sozinho, sem o apoio de um ambiente acolhedor e de esperança, Francisco não teria tido nenhuma ressonância, nenhuma comunicação. Desde o início, muitos o sentiram como o intérprete de todas as suas aspirações.

MEMÓRIA DO PRIMEIRO DIA

Memória é uma prática da educação popular, no recomeço das atividades, para refrescar a memória, recordando assuntos do dia anterior. Não é resumir, nem acabar com o debate; é atizá-lo mais. É resgatar algumas idéias o que não exclui outras idéias que as pessoas possam ter escolhido para si mesmas. Vejamos algumas:

- **Ideologia imperial** - refletimos como o império, agora em decadência, e por isso, com voracidade maior, quer tudo: os mercados, os países, os territórios, as terras, quer tudo. O principal é a questão da ofensiva ideológica imperial que penetra nas mais diversas pessoas, em todo o planeta. Conta, neste momento, com a ajuda da hierarquia da igreja romana. Essa ideologia torna o Partido Republicano dos EUA um partido religioso. Essa ideologia imperialista influencia os meios de comunicação que preparam as pessoas para serem massacradas. As pessoas que resistem, como nos

outros impérios, são consideradas *terroristas*. Esta ideologia imperial invade mentes e corações em todo o mundo.

- **Cristandade** - é a aliança entre o poder e a hierarquia, onde a igreja fornece a ideologia que favorece o império. *A cruz e a espada* foi e é considerada a ideologia dominante, porque se apresenta como a realização do Reino. O problema é que na América Latina o pessoal segue docilmente essa orientação. Em 1537, o Concílio de Trento deveria ter encarado o desafio do mundo para dizer o que é o evangelho e o que são as religiões, mas foram adiando. Até hoje não se quis encarar a diferença entre o evangelho e as religiões; embora o evangelho se realize nas religiões, se propague nas religiões, não se confunde com as culturas.
- **Escatologia, a realização do reino** - como é que caminha o Reino de Deus? Uma forma foi dizer que o Reino de Deus se realizava na imutável cristandade. Depois veio a concepção da modernidade onde o fim da história se realizaria pela razão, pela democracia... A Teologia da Libertação assumiu a concepção de história da modernidade, com certo viés marxista, onde o fim da história se daria na sociedade comunista, após um processo revolucionário contra a burguesia. Na concepção da modernidade bastava acabar com as religiões que são supersticiosas, não são racionais para, então, estabelecer a paz pela razão. Veio a Revolução Francesa, vieram as constituições republicanas, a revolução bolchevique, todas seguindo a concepção do fim da história, do fim da história aqui.
- **Revolução dentro da revolução** - é dizer que uma revolução não é capaz de dar conta de todos os aspectos, em todos os povos, em todos os tempos, dos desafios que tem a humanidade. Ela resolve uma parte, mas assim que se instaura, já

começa um novo processo revolucionário, porque cada geração tem que responder aos desafios de seu tempo. Senão ficaria fácil para o pessoal novo, uns resolvem e outros ficam só usufruindo. Essa idéia de estagnação perdurou na humanidade onde uma revolução chegaria ao fim da história.

A concepção de revolução dentro da revolução é uma idéia que, para quem busca o poder, quando se consegue a democracia, se faz uma revolução, para fazer a democracia, para fazer a revolução e, assim indefinidamente. O mundo mudou, mudou radicalmente, já não há libertação nacional, não se sabe onde está o patrão e o centro do sistema, como é que a gente o ataca? A representação política que conhecíamos também se esvaziou, ninguém acredita mais nisso, tanto que, em outros tempos, estaríamos nas ruas, com bandeiras agitadas, e hoje, não estamos nem preocupados com isso, porque esvaziou completamente o sentido dessa política. E o que dizer dessa massa sobrando desafiando, a massa da economia informal... exigindo de nós uma resposta?

- **Estruturas mínimas e um estado forte**, não para defesa do paroquial, do interesse pessoal, do internismo, mas para realizar o encontro e a defesa dos pobres, para evangelizar os pobres, para ser uma voz, um testemunho, uma referência no mundo, aí onde acontece a disputa do mundo.
- **Libertação, hoje** – A insistência na necessidade de:
 - ★ Apostar no novo, nos leigos, nos jovens, porque não estão enquadrados; dos enquadrados já não sai nada.
 - ★ As pessoas, que já compreenderam a missão de profeta, mostrem vontade e disposição para fazer aquilo que entenderam, sair da nostalgia, do dogmatismo, das respostas feitas. É um ato de vontade e de disposição pessoal.

- ★ O processo de autonomia para lutar pela liberdade - *para lutar pela justiça não se precisa pedir licença*. Nada há que impeça os leigos de se reunirem em associações, nada que proíba. Só que esse pessoal está pedindo ordem. É preciso autonomia.
- ★ Não há receita, não tem outra saída é se meter no meio do povo. É aí que alguém prova se tem ou não vocação – é fácil ser casto dentro de um convento, difícil é ser casto em “certos” lugares. Aí encontramos pessoas, grupos, gente para formar militantes.
- ★ Fazer ações significativas, de preferência rebeldias, fora da atual lei.
- ★ Rebeldias que mexam na consciência global e da massa. Significa que tem que fazer a disputa da sociedade. Não adianta fazer uma coisa que ninguém vê, que não se percebe, que não esteja na luta de classes; senão não existe.

X. COMENTÁRIOS SOBRE PERGUNTAS DO PLENÁRIO

Resumo de perguntas de participantes

- ★ *Se não estivesse no seminário, não teria esse conhecimento ou seria muito mais difícil. De certo modo a estrutura escraviza... vou me inserir num sistema que vai podar um pouco minha liberdade de ação... e fazer que pactue com algumas questões. Tem essa opção de estar com os pobres, mas existe outro lado da estrutura facilita essa ação com os pobres... alguma coisa na estrutura serve. Mudar as estruturas mentais de quem está à frente das estruturas é melhor do que abandonar e começar do novo.*
- ★ *Se as novas gerações não forem evangelizadas, de onde vão surgir as lideranças do futuro? A igreja evangelizou as novas gerações?*
- ★ *A instituição que não responde à necessidade de mudança, sua estrutura burguesa... Estamos sem alguém que aglutine... a pessoa leiga que passou a mandar e a liderar nos leva a uma derrota... a Ação Católica como fermento no meio da massa.*
- ★ *Precisa profetas para romper o silêncio; seria uma pessoa? Não seria um grupo? Catadores, Povo da Rua, Mulher Marginalizada, Pastoral da Juventude e outros sem voz e vez...*
- ★ *Quem é o sujeito histórico hoje? O proletário... a grande massa informal... grupos de resistência, movimentos de cultura, movimento hip-hop, mulheres, negros, homossexuais... vários atores sociais como forma de resistência frente ao sistema?*
- ★ *O leigo não deve entrar nas estruturas religiosas... pode entrar nas estruturas políticas? ... a ilusão que colocar gente do povo nessa estrutura que as coisas iam mudar... decepção - as lideranças, lá dentro, foram engolidas...afinal, quem tem o poder é*

prisioneiro deste poder. Hoje, a gente anula o voto... existe uma descrença geral...

- ★ *Temos que fazer uma revolução... mas, não dá para fazer revolução, só reformas, devagar... os jovens não têm paciência para fazer reformas. Muita gente boa morreu pela revolução... ou só os maus ficaram vivos...*
- ★ *Na caminhada presbiteriana muitos vêm a missão como busca do poder... o seminarista também pensa em se formar, ser ordenado, pegar igreja abastada, ter bom salário... pastores quanto à teologia da libertação dizem: "vamos ficar quietos, isso é coisa do passado"... organizam ONG's para tirar foto com pobres... "o pobre sempre vai existir..."*
- ★ *O Espírito Santo vem de baixo e não de cima, "a mitra do bispo não é o ninho do Espírito Santo"... na população de rua alguns sinais de esperança... viver com essa população exige conversar com o poder público e exigir políticas públicas, encontro do Presidente da República com os catadores ... acredito no Espírito que vem de baixo, na ação que se dá na história, num processo complexo e difícil mas, é luta solitária sem força dentro da igreja - temos que driblar o poder político e driblar o poder dentro da igreja e com a sociedade extremamente conservadora... temos feito ações contra a lei abandonando a prerrogativa de autoridade... além do senso crítico, temos o senso de realidade de pequenos sinais de esperança que nascem dos pequenos, dos moradores de rua que não são acolhidos nas nossas igrejas.*
- ★ *Queria retomar o questionamento se o novo profeta se é pessoa ou grupo... irá surgir, como se ainda não tivesse nada...que dizer da Pastoral dos Moradores de Rua, da Juventude, Carcerária, dando novo sentido a pessoas, com o enfoque do trabalho, pela luta, pelo social, pela ajuda ao outro... existem e abalam, dentro e fora da igreja, apenas não são divulgados...*

até nas facções a teoria é a luta contra a opressão, pela fraternidade...

- ★ *A polarização capitalismo, comunismo, guerra fria... terrorismo árabe e guerra tradicional, civilização cristã, ocidental não seria polarização hoje? "Se calarem as vozes proféticas, as pedras gritarão"... o tsunami, o Katrina no império, mudança climática não dizem que a polarização é entre a vida organicamente integrada, antropocêntrica e o capitalismo... como integrar visão ecológica na caminhada de Teologia da Libertação?*
- ★ *Sou da comunidade Bahai... vemos Jesus como pessoa espiritualizada que jejua, medita... Como podemos buscar esse alimento espiritual na Teologia da Libertação?*
- ★ *A questão da identidade - o povo se sente representado no Chávez... Cardjin dizendo que os trabalhadores querem é dignidade e as políticas compensatórias migalhas do sistema, onda de escândalos... Fernando Henrique não era esperança dos pobres... descrença na ação coletiva... como resgatar a esperança do povo diante de tanta frustração?*
- ★ *É preciso os profetas surgirem e aceitarem a vocação... basta se fazer voz dos pobres ou é preciso morar no meio dos pobres... qual a validade na metodologia das CEB's-Comunidades Eclesiais de Base, hoje, para a libertação dos pobres.*
- ★ *A coisa mais importante não é ser católico ou protestante, mas ser cristão... sua missão diante dos grandes problemas... a igreja que não tem interesse em resgatar o profetismo... comentar sobre o profetismo, não individual, mas coletivo...*
- ★ *É necessário tomar iniciativas aproveitando o canon que dá direito à associação dos leigos, aproveitar as brechas e meter-se no meio dos pobres... tirar aqui alguma iniciativa.*

- ★ *Com relação à quinta conferência do Celam... CEB's devem montar uma tenda, conferência paralela para dizer a igreja que teologia queremos.*
- ★ *Quem é o sujeito histórico, quem vai fazer a revolução... ambientalistas, operário, índios... ter bandeira comum, discutir o global, sair da discussão do seu compartimento... reacender a esperança... ter ação de massa.*
- ★ *O projeto franciscano é fazer uma tenda em contraponto ao Celam e o próprio documento... expressar esse jeito de ser igreja diferente da igreja instituição.*
- ★ *Leigos e jovens ir à missa do P. Marcelo Rossi com faixas "Viva o MST", "Viva o Povo da Rua", "Vida longa aos defensores dos Direitos Humanos", "somos da paz, vote Lula" ou "vote Heloísa Helena"... obrigar a mídia e o bispo a tomar uma posição.*
- ★ *Jesus não teria identidade própria porque esvaziou-se de si mesmo para assumir a identidade do Pai... Henrique peregrino se esvaziou de si mesmo... aniquilar-se a si mesmo é negadora da identidade da pessoa e que acaba sendo opressora...*
- ★ *Ir ao contrário do que está acontecendo - mundo consumista, poder, prestígio... ir na contramão... senão o mundo não vai suportar e não vamos nos libertar... de um lado precisamos poder, manifestação forte e de outro não querer o poder e o prestígio...*
- ★ *"revolução" e opção pelos pobres, para além do âmbito religioso... "opção pelos pobres" basta para um projeto estratégico de transformação da sociedade?... formação de militantes de CEB's meio tarefa apenas "tenho compromisso com os pobres"...*

1) Estruturas para que

É claro que precisamos ter estruturas. Os seres humanos não podem viver sem ser organizados, sem racionalizar seu relacionamento. A questão é que estruturas facilitam ou dificultam o agir. A estrutura paroquial, dizia Santo Tomás, há 700 anos, não serve,

não presta e ainda está aí, não funciona na cidade. Porque isola os paroquianos em torno do padre, e não tem qualquer influência real na vida da cidade. Inventaram uma porção de dioceses com um bispo à frente. Em São Paulo, foi feita a divisão em muitas dioceses só por vingança contra D. Paulo. Muitas estruturas, numa cidade como São Paulo, não facilita, porque não torna clara a presença da igreja, para o conjunto da cidade. O presbitério, por exemplo, onde cada presbítero se encarrega de um assunto da cidade. Para a vida habitual dos sacramentos, não precisa de sacerdote. Em vez da atual estrutura se poderia ter gente para organizar e multiplicar os grupos, se poderia ter um lugar de encontro para cada cem, duzentas pessoas (mais que isso não há contato humano). Em São Paulo, seriam necessários, mais de cem mil grupos. Encontrar gente para organizar não seria tão difícil.

Se isso tivesse sido feito, há vinte anos atrás, teria sido mais fácil. Pode ser que, daqui a vinte anos, seja impossível. Na Europa, é irrecuperável. Nunca mais a igreja vai significar alguma coisa na Europa, acabou, morreu simplesmente. Porque deixaram morrer. Porque não tomaram decisões; não fizeram reformas quando ainda era possível. Agora, ninguém vai aceitar, por exemplo, sacerdote casado, qual é o homem casado que vai aceitar ser sacerdote ali... é uma loucura! Só um louco pode aceitar uma coisa semelhante. Esse tempo passou. Aqui, ainda não é assim. Mas, daqui a vinte anos, pode ser que seja assim, irrecuperável.

2) A cidade como estrutura

Estruturas são necessárias. A primeira estrutura é a própria cidade. Quais são os desafios da cidade? Qual é a expressão do Evangelho nesta cidade de São Paulo em todos os setores: nos hospitais, nas universidades, nos colégios, nas fábricas, nas emissoras de televisão. Quer dizer, a expressão do Evangelho não seria em função do território, mas em função da atividade que está aí, que

se pratica. Ficando no território, só reúne as pessoas que não têm atividade na sociedade, pessoas aposentadas, profissões tradicionais. Justamente os que não têm influência na sociedade, estes vão à missa. Os que realmente têm influência na sociedade não vão à paróquia. Não se encontram na paróquia. De modo geral, quem vai às paróquias são as pessoas que não têm influência na sociedade, não desempenham um papel ativo, um papel de responsabilidade na sociedade. Porque o princípio que se toma é o território, quem mora ali. E porque os padres se acostumaram a esperar o pessoal na paróquia.

3) Seminaristas no meio do povo

Um dia, em Talca, Chile o bispo me dizia: *Você sempre critica os seminários, critica tudo. O que você faria? É muito fácil*, respondi. *Os seminaristas que você tem por que não manda passar seis meses no hospital para ficarem varrendo corredor? Você que é bispo tem autoridade, o diretor do hospital vai aceitar. Por seu prestígio episcopal, não vai ter dificuldade. Vai ver como, em seis meses, vão reagir.* O bispo se convenceu e mandou os seminaristas para o hospital. Depois de seis meses muitos abriram os olhos, outros não aceitaram, não gostaram... sinal de que não tinham vocação. Se no meio da humanidade não se sentem bem, não têm vocação para isso. Mas, a maioria aproveitou porque conheceu o mundo todo.

No hospital tem de tudo: os médicos, os faxineiros, as famílias dos doentes, as categorias da cidade estão aí representadas. Aí, podem sentir, compreender e ver a diversidade, aprender. Sugeriu que, em seguida, ele mandasse trabalhar numa fábrica. *O senhor, com a sua autoridade de bispo, falando com o diretor da fábrica, consegue.* Mas ele não fez, porque todo o clero fez oposição, dizendo que aquilo seria uma indignidade, reduzir o sacerdote a esse papel. Sentiram-se todos desprestigiados com isso; se opuseram, porque seria

desprestigar a figura sacerdotal e todos sofreriam e se sentiriam desprestigiados com essa atitude.

A necessidade principal de um sacerdote é estar no meio da humanidade, no meio, sobretudo, da cidade. Nas aldeias antigas da Itália, na Espanha, na França havia um sacerdote em cada povoado. Na França, 50 mil paróquias, na Espanha 30 mil, uma paróquia de 300 habitantes, 400 habitantes - o vigário podia conhecer todo mundo. O santo Cura d'Ars, tantas vezes apresentado como modelo para a América Latina, o que aliás não tem nada a ver, tinha apenas 228 habitantes na sua paróquia. Com 228 pessoas dava para conhecer e acompanhar. Mas tinha um problema pastoral: o lugar em que se vendiam licores e bebidas alcoólicas. Alguns, às vezes, bebiam em excesso. Este foi o problema pastoral que teve. Depois de anos, conseguiu expulsar o bar, quem queria beber tinha de ir à aldeia vizinha. Estava resolvido o problema. O que isso tem a ver com o Brasil? Nada. Já o Pe. Ibiapina é outra coisa. Pelo menos no Nordeste, aceitaram o Pe. Ibiapina de outra forma. Acabamos de celebrar o seu bicentenário há poucos dias. Pelo menos um homem, que viveu aqui mesmo, em condições semelhantes, que encontrou os desafios da sociedade de seu tempo.

4) Evangelização e burocracia

Criar estruturas para evangelizar, enquanto conservação de uma pequena minoria, não é tão difícil. O difícil é meter-se no meio da humanidade, no meio do mundo, no meio da sociedade. Isso sim que é difícil. Isso teria que começar desde o seminário, por etapas, progressivamente, mas nos seminários eles preparam administradores de paróquias, não evangelizadores. Evangelizadores têm que aprender a conhecer as pessoas, sua psicologia, sua reação, as esperanças, as desilusões, enfim tudo que é a vida, a vida de cada dia e meter-se nisso. Em lugar disso, no final de semana, mandam os seminaristas para as paróquias. O que estão

fazendo nas paróquias? Trabalham na Pastoral da Juventude... O que é a Pastoral da Juventude? Umas 20 mocinhas entre 15 e 18 anos que estão reencantadas. Imaginem, seminaristas assim parecem anjos do céu e além do mais parece que não são perigosos. É isso que chamam Pastoral da Juventude... O que se aprende com isso? Absolutamente nada. É um vazio completo de formação, de pastoral missionária, é um vazio completo.

Estrutura precisa, mas para que? Para acompanhar esses seminaristas, refletir com eles, ver o que descobriram, quais são as perguntas, o que é para fazer, o que é para dizer. Lá em Serra Redonda, no Centro de Formação dos Missionários o sistema era: antes de estudar qualquer tema de teologia era preciso conversar com famílias sobre isso. Conversar para saber que o evangelho tem repercussão na sociedade e tem uma mensagem social. Ninguém sabe disso. Os vigários nunca ensinaram isso. Um dia um camponês me disse: *"Eu sou analfabeto. Mas, quando o nosso vigário lê o evangelho, acho que ele não lê tudo, porque tudo que ele lê, dá razão a ele. Como pode ser?"* Esse era um analfabeto muito lúcido, porque o senhor vigário efetivamente não ia ler toda a Bíblia - estava escolhendo o que dava razão a ele, o que justificava o seu poder, a sua autoridade e assim por diante. Estava selecionando.

A questão é: como estruturar em função da evangelização e não da administração do reduto, do pequeno número que ainda está dentro, que não tem força social, não tem força cultural, não tem representação? Todos os grandes setores da cultura, da economia, da política ficam sem nenhum contato com o evangelho, sem nenhum contato com o cristianismo. Ninguém para informar, para expressar, para dialogar, para, enfim, discutir as políticas, as orientações, as associações, as posições que tomam. A igreja aí não tem papel de autoridade.

Estando presente no meio dos economistas, estando presente no meio dos médicos, o sacerdote é inferior. Está numa situação de inferioridade. Era esta situação que Jesus queria - ser o inferior frente a superiores. São inferiores na arte da medicina, na arte da advocacia. Mas, autoridade em uma coisa - a Palavra do evangelho. Nesse terreno pode dizer, pode fazer, pode mostrar, pode ser a voz dos pobres, transmitir, comunicar e chamar a atenção. Não precisa saber toda a arte da medicina, da engenharia, mas estar presente com um fator que obriga a todos a revisar o que estão fazendo. Senão quem desafia os advogados, os médicos, os economistas, os engenheiros? A CNBB publica um documento muito geral, muito genérico e que ninguém lê. Isso não é estar presente no meio da humanidade. A pergunta é como estruturar isso para garantir essa presença.

5) Religiosos sem paróquias

Faz 48 anos que estou escandalizado porque os religiosos assumiram paróquias. Para que a hierarquia não tivesse que solucionar o problema, obrigaram os religiosos a aceitar paróquias. Foi a maneira de não enfrentar o problema. Se faltam sacerdotes, que procurem! Por que obrigar pessoas que não tinham essa vocação? Ninguém entra na ordem franciscana para administrar paróquia. Não é a vocação franciscana - se entra por isso, então, não tinha vocação franciscana. Sempre acolhi a lição de Frei Betto, ele nunca será vigário: é uma garantia. Os religiosos que tinham vocação de estar no meio da sociedade, no meio do mundo, vão se refugiar dentro de paróquias. Isso impede que tenham comunicação e contato, que multipliquem. Gastam um tempo grande para administrar a paróquia, para celebrar três, quatro missas. O resultado de todas essas missas, a fecundidade de todas essas missas é nada. Faz 500 anos que estão celebrando missas e... qual é o resultado? A eucaristia somente tem sentido para quem está na caminhada, para quem precisa se

alimentar para caminhar, como o profeta Elias, quarenta dias... Mas, para os outros é apenas satisfação religiosa, então, que se faça na paróquia!

A tarefa básica, quantas vezes se diz isso, a tarefa básica da igreja não é evangelizar? Onde se evangeliza? Quem evangeliza? Primeiro, evangelizar é conversar, porque senão se fala no ar. Quando jovem sacerdote, me mandaram para uma paróquia: não era vigário, nunca fui vigário, não era digno de ser vigário, era simplesmente o terceiro auxiliar, o terceiro cooperador. No início, pensei em visitar outras paróquias para ver como fazem os padres, como era a pregação, como faziam as homilias. Fiz isso só durante dois meses, se continuasse assim, ia perder a fé... depois de coisas tão tontas, tão estúpidas, tão vazias de conteúdo. Para não perder a fé, resolvi não continuar. Pode ser que agora tenham melhorado o conteúdo. Não fiz mais a experiência. De vez em quando, a gente tem que agüentar.

No ano passado, em Granada, Espanha, no domingo, resolvi ir à missa na Catedral para ver como era. Estava o bispo celebrando, leu o evangelho que diz: *"Se alguém não deixa seu pai, sua família, sua mãe, seus bens, não pode ser meu discípulo"*. Aí fez o comentário: *"Com este texto, Jesus queria valorizar a família, exaltar os valores da família"*. Note-se, no parlamento espanhol, estavam discutindo essas questões sobre a família. Ele conseguiu explicar exatamente o contrário do texto. De qualquer maneira, não importava muito, porque ninguém escutava, mas se perdeu uma oportunidade. Quando se fala para um público fechado em si mesmo, o que vai dizer? O jeito é repetir a mesma coisa, os mesmos textos... não tem fecundidade, não tem originalidade. É o contato com o mundo exterior que obriga a reformular, que obriga a repensar, que obriga a enxergar questões, situações, provocações e assim por diante. Renova-se pelo contato com o mundo exterior, seja com os operários, com universitários ou com elite, o mundo lá

fora, isso que obriga a repensar. Estruturas são necessárias, mas outro tipo, outra maneira de fazer.

6) Autonomia dos leigos

Em primeiro lugar, os leigos têm que se emancipar do clero. Não adianta entrar em movimentos diocesanos, paroquiais. Os leigos devem formar associações independentes, autônomas. Na JOC-Juventude Operária Católica, o drama de Cardjin é que ele sentia a necessidade de que os operários ficassem independentes das paróquias e pudessem ser uma igreja operária. Mas o clero não aceitou, os bispos não aceitaram. Ele sofreu a vida toda, porque a JOC morreu antes de nascer, porque não teve autonomia, não teve independência. No Brasil, conseguiu um pouco mais de autonomia porque os vigários não se interessaram muito, estavam longe e não tinham a mesma vigilância. A maioria dos vigários nem ligava, nem se importava com isso.

Até o Código de Direito Canônico reconhece aos leigos o direito de formar qualquer tipo de associação, com a condição de preservar a fé e a moralidade, porque, se não preservam, o bispo poderia intervir; mas se não houver grande escândalo contra a moral, a negação formal de um dogma, não deve ter intervenção. A primeira coisa é a autonomia, porque, do momento em se vincula a uma paróquia, a uma diocese, se limita. Algumas pastorais conseguiram manter sua independência, como a CPT, pela virtude de D.Tomás Balduino; depois dele não se sabe o que pode acontecer.

A Ação Católica tinha formado no Brasil e na América Latina uma geração de pessoas capazes de liderar e que penetravam na sociedade. D.Fragoso foi formado pela JOC- Leônidas Proaño, em Riobamba, e D.Helder, em grande parte influenciado por ela. Ela foi escola para muitos. Por que se abandonou a Ação Católica? Vou dar minha opinião sem querer ofender ninguém. Porque as CEB's tomaram como princípio a

comunidade e não o mundo de fora. Não se tornaram agentes de evangelização e não deram preparação e formação a seus membros. Falei, muitas vezes, com seus dirigentes e me respondiam que isso *estabeleceria uma diferença na comunidade, uns com mais formação e outros menos formação, se perde a igualdade e que a formação se dá pela ação*. Numa sociedade agrária antiga, onde a ciência se transmite de pai para filho, seria verdadeiro. Numa sociedade atual, se não tem preparação, não tem formação, não aprendem a refletir, nem a pensar, nem a julgar, nem a ver, nem a agir se não tem uma preparação... Conseqüência: não existe, hoje em dia, a presença de lideranças católicas que havia há 40 anos atrás. Não tem e está na hora de retomar, de recomeçar a proposta da Ação Católica, que estava orientada para o mundo social, para o mundo operário, e não para a comunidade local.

Os operários, como dizia um sindicalista francês no século XIX, não se afastaram da igreja, foi a igreja que se afastou deles. Não os reconheceu, não se meteu mais entre eles, os abandonou, como está abandonando as favelas atualmente e depois vem se queixar e chorar. Ao lado do meu bairro, Alto da Boa Vista, há um bairro chamado Marcos Moura, com 8 mil habitantes, é muito pobre, ninguém tem emprego, todo mundo é do mundo informal. Oito mil habitantes e 84 capelas evangélicas, três capelas católicas, isso porque é uma boa paróquia. Pode dizer que a igreja católica abandonou esse mundo dos pobres. Dizia D. José Maria Pires: "ainda bem que eles estão aí, ainda bem que se ensina alguma coisa boa, eles estão fazendo o que nós não fazemos".

7) Entrar nas estruturas da política?

Esta é a tarefa deste público, já que não sou especialista em política. Se há coisas que estão em decadência, há outras que estão subindo. Um Movimento como o MST está subindo e apresenta outra maneira de agir, outra maneira de exercer pressões que não são

maiores, porque não podem lutar contra o governo de Lula. Mas se um dia, um líder popular quiser encontrar apoio, aí vai encontrar apoio. Poderia encontrar apoio em outros movimentos assim preparados - eles dão preparação, formação, no que mais gastam é na formação. É uma rede básica que serve de apoio. Se ninguém aparece para fazer a transformação, será uma oportunidade perdida, mas pelo menos é uma preparação e uma possibilidade.

Está faltando, no meio universitário, um movimento global de pensamento reformador, transformador. Existem grupinhos. É difícil achar o eixo para elaborar. Não seria gente das universidades católicas pontifícias, porque aí é muito difícil; o fato de ser pontifícia só atrapalha (é o resultado da propaganda do Vaticano de pensar que isso é o progresso). No mundo intelectual, não tem uma presença cristã. Não tem porque os leigos não tomam iniciativa. Encontrar sacerdotes capazes de conversar com intelectuais não é fácil e bispos capazes de conversar com intelectuais também é difícil de achar, não são tantos assim. São os leigos que devem tomar a iniciativa porque senão esse silêncio vai continuar.

Tem-se a impressão de que nos meios universitários não há cristãos. Acabou a voz da igreja, completamente. A hierarquia não vai tomar iniciativa, não tem capacidade. Tem que ser os leigos mesmos. Quem vai assumir essa vocação? Tem que ser de São Paulo. Não pode ser no interior do Mato Grosso. De São Paulo, porque a matéria intelectual do país está aqui. Algum jovem vai dizer e nós vamos fazer. O que falta é a vontade, como nos profetas, a vontade de realizar. Tem muita gente que acha que isso *talvez seria bom, seria útil*. Isso não leva a nada, tem que ser alguém que diga que *vamos fazer* e se quer fazer, faz e realiza. Entender o que fazer é uma coisa, querer é o que resolve. Faz-se tantas orações e quando vem o Espírito Santo, o

mandam embora: *não, que não venha tão forte, que não venha tão cedo...*

8) Sobre a Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação que funcionou, há 30 anos, não funciona mais, hoje. Tem que ser feita, de novo, dentro do novo contexto em que estamos, dos novos desafios, das novas maneiras de lutar. Por exemplo, no campo da divulgação, da comunicação que é básica na sociedade atual, porque você pode fazer maravilhas em São José do Rio Preto e ninguém mais no Brasil sabe o que está acontecendo. Daí o desafio da divulgação. Como fazer para que a televisão fale? Se você faz tudo com calma, tranquilidade, a televisão não vem. Mas se você provoca distúrbios na sociedade aí a televisão vem. Que falem bem ou mal de você não importa. O que importa é que falem que você existe. Você começa a existir. A questão da comunicação, para isso tem que se juntar em todos os setores da vida nacional e internacional, porque o que não sai nos meios de comunicação, não existe. Era diferente antes, quando o único meio de comunicação era o jornal e depois o correio. Não era difícil, já que o número de pessoas que se comunicavam era muito limitado.

Hoje, a comunicação se faz por outros canais, por outros meios e atinge muito mais gente do que antes. Como chamar a atenção, como apresentar uma linha, um objetivo, uma meta? Isso é problema básico de hoje, que a Teologia da Libertação nunca pensou, nunca entrou, porque pensavam que a comunicação era espontânea, que se fazia espontaneamente no povo. Hoje, não se faz espontaneamente. O que acontece no bairro, não passa para o bairro seguinte. Este é um desafio que deve ser encarado porque senão até se pode fazer maravilhas que ninguém vai saber, pode contestar coisas que ninguém sabe discutir. Um dos elementos básicos é como informar. Fazer uma Rede Vida, aí não vai dar...

9) Necessidade da visibilidade

Como é que MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é conhecido no Brasil? Atuou contra as leis, o tempo todo. Para chamar a atenção tem que ser contra a lei. Se você observa tudo o que está estruturado, nunca vai chamar a atenção. Para chamar a atenção, se faz uma coisa que não é permitida, não é legal. Então, chega a televisão, a polícia... Começa a aparecer sua existência e que existe uma posição, uma mensagem, alguém que possa falar em nome do evangelho cristão. A hierarquia logo vai dizer: *"a gente não está nada comprometido com isso, nada comprometidos com isso"*. Quando Adolfo Perez Esquivel recebeu o prêmio Nobel para sua organização "Justiça e Paz" a resposta da conferência episcopal foi: *"Este senhor não tem nada a ver com a igreja e com o movimento Justiça e Paz da igreja"*. Parecia acabado, eliminado simplesmente. Só que ele continua, teve influência na derrubada do governo Carlos Menem e outros. Ele representou uma voz católica oposta à voz dos bispos e todo o clero argentino, mas todo mundo sabe que ele está. É uma pessoa que soube ser um líder. Em si era um arquiteto, não tinha vocação especial para dirigir movimentos sociais, mas se lançou. Claro que esteve muito na escola de Proaño, em Riobamba... É uma pessoa que representa uma voz da igreja diferente daquilo que diz a hierarquia. Foi atacado, ainda é criticado, mas é uma referência para muitas pessoas que descobrem que existe uma forma de ser cristão, que não é aquilo que se diz na paróquia. Ele é a afirmação de que existe uma maneira de tomar decisão, de agir na sociedade. Claro que não se pode fabricar por vontade, mas tem que aparecer.

10) A ideologia da insegurança pública

O desconhecimento das ações solidárias existe porque as televisões sistematicamente divulgam a ideologia da insegurança e da segurança. Dedicam horas a mostrar a insegurança que reina, os crimes e a polícia

como salvadora. Dia após dia, constantemente, é doutrinação: espalham uma ideologia que penetra na cabeça de todo mundo. Quem protesta contra a política das televisões que divulgam a visão de insegurança, de tal modo que todo o mundo vive pensando *quem vai me atacar, onde vai me atacar?* Sempre mostram que são os pobres que atacam, é o problema de violência. Não são inocentes. Quem paga para financiar esse tipo de emissão, para divulgar esse tipo de ideologia? É uma ideologia que todos os canais de televisão participam. Certamente por influência dos que pagam. Certamente que põem isso como condição. Qual é a voz das igrejas que se levanta contra os canais de televisão e a ideologia que divulgam?

Os canais de TV preparam a agressão contra o pessoal de rua, a agressão contra os pobres, contra os favelados. Os canais de televisão preparam a mentalização, tornam isso normal e, inclusive, necessário. Há um poder financeiro por trás disso. Se houvesse um centro para estudar toda a questão da televisão, a questão da comunicação e para dizer qual é a palavra cristã sobre a política de comunicação que existe e que vai aumentar todo esse processo. Porque se o povo cada vez mais fica angustiado, cada vez mais vai buscar vingança, vai buscar violência, vai buscar repressão. É um dos exemplos da falta de uma voz cristã. A CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil vai sempre fazer um comunicado tão diluído que não diz nada, não ataca ninguém, não provoca ninguém, porque senão vai ter problemas.

Só um órgão com muito mais autonomia, independência que possa pronunciar uma palavra que tenha audiência no país todo. Tem que juntar contato imediato com muitos meios de comunicação. É um dos desafios, é um dos elementos do poder importantes, hoje, a televisão. É preciso analisar o que faz a televisão - qual o resultado, o produto, o que sai no povo do

produto. Um dos elementos, ao mostrar tanta criminalidade, é denunciar e acusar os pobres, os sem-trabalho, os favelados. Isso cria um sentimento de insegurança e de angústia tal que produz respostas violentas.

11) Celam paralelo

É interessante a idéia da conferência paralela à conferência de Aparecida. Sobretudo porque não haverá reunião de teólogos paralela, como em Puebla ou em Santo Domingo. Já não tem mais gente para isso, estão velhos demais, não tem ânimo para isso, a nova geração de teólogos tem 15 anos de idade e ainda não está preparada. Se houvesse uma reunião de representantes de grupos leigos, de movimentos leigos de toda América Latina, aí podia ser muito significativo, podia ser uma provocação e ajuda a alguns que não aceitam o conformismo oficial.

O chefe da oposição já está bastante claro: será o Cardeal Oscar Rodríguez, de Honduras, que não foi eleito Papa. Os repórteres disseram a ele pouco tempo antes da eleição: *"estão falando que o senhor é papável, que poderia ser Papa"*. Ele respondeu: *"Eu não vou ser Papa porque não sou candidato da Opus Dei"*. Era um argumento suficiente. Não sabemos até que ponto a Opus Dei interveio na eleição. Em todo caso, é significativo que esse bispo foi o primeiro que organizou um grande protesto contra o documento preparatório, lá no México. Haveria alguns bispos brasileiros com os quais se poderia comunicar- D. Celso, D. Angélico, D. Demétrio - não é a maioria, mas alguns interlocutores que podem comunicar, introduzir, ser intermediários entre um grupo de leigos lá fora e a conferência. Precisaria organizar e encontrar representantes significativos dos diversos países. Seria reunir umas 50 pessoas, uma reunião de personalidades que não se pudesse simplesmente eliminar ou considerar como perturbadores da ordem.

12) Há mudanças

Para mostrar que as coisas mudam: em 2002 os nordestinos diziam sobre Lula: *“Coitado, ele já perdeu três vezes. Vamos dar uma chance a ele”*. Agora é diferente. Descobriram que Lula é odiado pela elite paulista. Se ele é odiado pela elite, deve ser bom, não precisa examinar muito. Se as elites do país o odeiam, o que aparece cada vez mais claramente, deve ser bom, é um bom sinal. À medida que se multiplicam os escândalos, aumenta a fama dele. Tudo isso é sinal do ódio das elites. Para dizer que a consciência vai mudando.

É claro que o capitalismo e a mentalidade estão entrando em todo o mundo, se difunde o individualismo radical e total porque se perdeu a confiança na socialização, no grupo - cada um que se vire como pode. O grande meio é a loteria, daí o triunfo da loteria, sempre tem uma fila de 100 pessoas, todos pobres; é um meio de ascensão social. Nem todos ganham, mas pelo menos podem ter esperança. A loteria é um sinal representativo de uma sociedade, em que cada pessoa conta com a sua chance, sua possibilidade; afinal não existe pressão, não existe movimento, não existe organização, é só a sorte.

A Igreja Universal promete que Jesus resolve todos os problemas, que vai haver prosperidade. A condição é que *Jesus só age se também se ajuda Jesus; tem que pagar, porque Deus não faz nada, gratuitamente*. Mas pagando, ele responde. É penetração da mentalidade capitalista; pode se espalhar facilmente se não tem outra voz, se não tem outras pessoas que anunciem outra coisa. Tem que começar um por um. Pode-se falar com vizinho, com outra pessoa que encontrou, um por um.

13) Ecumenismo

Este ano, celebramos o centenário, que não foi muito divulgado no mundo católico, da chegada dos

primeiros pentecostais no Brasil. A Assembléia de Deus chegou em Belém, há 100 anos. Eram 10 pobres da Califórnia, negros que tinham sido enviados pelo Espírito Santo para uma cidade no Equador. Procuraram um mapa e descobriram a cidade de Belém. Juntando a economia dos amigos, compraram a passagem e tomaram o navio. Chegaram sem saber a língua, sem saber nada, sem dinheiro, sem conhecer ninguém, sem saber aonde ir. Agora são 11, 12 milhões. Como fizeram? Um por um. Um conquista o vizinho, que conquista o seu familiar. Em um século, chegaram a uma expansão grande. Valia a pena fazer amizade com eles. Não é tão difícil.

Mas, os católicos são muito orgulhosos e, ao mesmo tempo, tem um sentimento de inferioridade. Orgulhosos de pertencer a uma instituição poderosa, mas fracos pessoalmente. Vão rezando a Deus para o triunfo da igreja, porque não têm capacidade de realizar esse triunfo da igreja; pensam que Deus vai fazer isso. Outro dia fizemos um retiro, metade crentes e metade católicos. Foi muito interessante. No final, os católicos disseram: *“Nós estávamos com tanto medo dos crentes e descobrimos que são pessoas humanas também”*. E os crentes: *“Nós tínhamos medo dos católicos, idólatras, supersticiosos, e descobrimos que são seres humanos também”*. Quando não se comunicam, permanecem com medo uns dos outros, evitando o contato.

Nas cúpulas se diz que a igreja fez uma opção ecumênica que permanece no papel. No nível local, não é muito freqüente. Na região, disseram que era a primeira vez esse retiro para crentes e católicos, ao mesmo tempo. Seria a oportunidade de ver que, no fundo, estamos na mesma, na mesma esperança, na mesma caminhada; mas não é costume. Nas paróquias nem se procura isso. O ecumenismo está no papel, está na burocracia. Fala-se muito nas reuniões: reuniões não faltam, assembléias, documentos, papéis, tanta coisa. É

imensa a burocratização da igreja que se fez, nos últimos 50 anos, cada vez mais papéis e agora cada vez mais documentos na internet. Ninguém vai ter tempo ler tudo que a igreja católica produz como documento.

O papel está substituindo a realidade, o discurso está substituindo a realidade. É um movimento burocrático da sociedade ocidental em geral - reuniões, reuniões... Os últimos padres que ainda restam na Europa o que fazem? Fazem reuniões. A semana toda está cheia de reuniões. Para falar sobre nada. Já não tem nada para falar sobre nada. Tem programação, planificação, um mundo de coisas, reuniões não faltam. Quando a atividade diminui, as reuniões aumentam. Se há mais conversa é por falta de matéria. O mesmo acontece com o ecumenismo. Não seria difícil. É só aproximar-se sem sentimento de superioridade, sem medo. Mas parece que isso não passa pela mente; tais coisas ficam no nível burocrático. Entrar na realidade, isso está esquecido. Continua tudo, como sempre.

14) Voz alternativa

A mentalidade individualista se espalha porque não tem outra voz. Quando tem outra voz que se levanta, então, se começa a entender que o fatalismo, o individualismo e o consumismo fazem parte de uma engrenagem, de um sistema e assim por diante. Se ninguém levanta a voz, se ninguém desperta, como que vão descobrir por si mesmos, espontaneamente? O povo fica olhando a televisão, recebendo as imagens da televisão e assimilando a ideologia do medo, da angústia pela insegurança. A televisão vai penetrando, penetrando... São anos de ouvir transmissões de crimes, de maravilhas que a polícia faz, toneladas de cocaína que descobrem, apesar de nunca se saber o que fazem com essa cocaína. Recebendo isso durante anos, é claro que penetra. Se alguém se levanta para dizer que tudo isso é mentira, começa a aparecer a dúvida e as pessoas

começam a refletir e a sentir que são, de fato, vítimas de um bombardeio de imagens.

Diz-se que, no Brasil 10 famílias controlam o sistema midiático. Dez famílias que representam o objetivo, o ideal de ganhar dinheiro. Se ninguém fala, como os pobres vão saber? Como vão descobrir por si mesmos? Ligam a televisão, ingenuamente e ficam olhando; não olham o Jornal Nacional, porque aí não vão entender nada. O linguajar é tão complicado, um vocabulário especial para esconder, para que ninguém entenda. Eles aparecem como muito inteligentes; as autoridades financeiras devem ser muito inteligentes, já que ninguém entende o que querem dizer.

Quando uma pessoa levanta a voz, a coisa muda. Não há um determinismo tão forte nem a máquina de divulgação da ideologia é tão forte, que não haja possibilidade de lutar contra ela. A questão é estar presente para dizer, para falar. É preciso estar presente, é preciso estar presente fisicamente, porque é preciso falar; pode-se falar pela internet, mas não é a mesma coisa, não tem o mesmo efeito. Se você fala pela internet, você vai ser um entre dez mil; como dar mais importância a uma voz que à outra? Se for contato direto é diferente, tem muito mais força, muito mais força do que uma mensagem, que aparece no meio de milhares de mensagens que, às vezes, se desmentem umas às outras. Por isso é preciso estar e estar fisicamente; o fato de morar num mundo pobre influi de mil maneiras diferentes e, o fato de morar num conjunto rico, influi de muitas maneiras. Inconscientemente você recebe todo o sistema cultural, todo o ambiente cultural que vai penetrando, é inconsciente, mas não é indiferente.

15) Congregação para a causa ecológica

A questão ecológica é um problema para a humanidade toda. Não é específica dos cristãos, é de todos, é anterior. Primeiro a vida e a vida é comum a

todos; salvar a vida é responsabilidade de todos os seres humanos, prescindindo de qualquer cultura, ideologia, religião. As questões ecológicas reúnem os seres humanos, salvo os EUA que não têm interesse no assunto, mas os outros povos todos estão metidos nesse problema. Fazer alguma coisa, já é outro assunto - tudo custa dinheiro e quem tem dinheiro não está disposto a investir em algo que não dá retorno imediato, gasto para resolver problemas ecológicos não dá lucro. Assegurar a sobrevivência da humanidade para mais tarde não interessa aos bancos, nem às sociedades de investimento. Para eles, a questão é quanto vai render, e logo. Isso é o que importa. O maior problema é este: não há dinheiro para investir em ecologia, fato que está ligado ao capitalismo.

Não há interesse, não há dinheiro, tudo está limitado, continuam a destruir a natureza, a destruição da Amazônia caminha rápido. Do jeito que vai, seria bom tirar retrato porque, daqui a 40 anos, não vai ter nada, vai ser um Saara; é bom conhecer e filmar, para que as gerações seguintes possam saber o que aconteceu. Em grande parte, os continentes vão ser desertificados porque não há dinheiro para resolver esses problemas, as elites não assumem, as elites financeiras não estão decididas a colocar dinheiro nisso. Para mudar a mentalidade dessas elites, precisaria organizar manifestações muito mais fortes, fazer a invasão dos bancos, seqüestrar os altos executivos dos bancos, demonstrações muito mais fortes do que se faz atualmente. É pouco fazer uma conferência internacional se não tem dinheiro para executar, realizar as propostas. Pode-se fazer reuniões, assembleias, durante anos e anos, se não se tira dinheiro lá onde ele está, nada feito. O desafio é este: qualquer realização supõe dinheiro e polícia. É ilusão pensar que os funcionários encarregados do respeito à natureza não se deixem comprar. Funcionários que não se deixam comprar, onde encontrá-los?

Talvez uma ordem religiosa pudesse se dedicar a isso. No passado, ordens religiosas assumiram todo o desenvolvimento da agricultura na Europa; havia ordens até para as cruzadas. Poderia haver ordem religiosa para organizar a defesa da natureza e promover manifestações contra as forças capitalistas que se opõem. Neste momento que muitos religiosos se perguntam para que existem, o que estão fazendo. A defesa da natureza seria uma coisa que se poderia assumir: estar presente em muitos lugares, reunir-se com o Greenpeace, percorrer o mundo, fazer uma propaganda grande. Poderia ser ecumênico. Seria interessante que houvesse pessoas dedicadas a desafiar as autoridades.

Os governos não têm o menor interesse porque significa entrar em conflito com os bancos e as autoridades financeiras e não vão se meter nisso. Tem que ser pressão de organizações não governamentais muito fortes e poderosas. Por isso, dizia que o melhor era uma ordem religiosa, masculina ou feminina ou junto. Seria um corpo disciplinado de milhares de pessoas que iriam se manifestar pelo mundo, dar sinais fortes, desafiar as autoridades e mostrar os problemas que existem. Iriam se meter na Amazônia, falar e se opor a todos aqueles que estão destruindo. Quem sabe aqui entre os jovens, haja alguns com essa vocação. Possivelmente encontrariam no mundo, centenas e centenas de jovens decididos a entrar numa instituição assim, numa força assim. Ficar no nível de discurso não serve para nada. Discurso não vai desafiar os bancos, não vai desafiar as instituições financeiras.

Será preciso ter ações muito mais fortes, com muito mais energia, muito mais significativas que obriguem àqueles que têm dinheiro a enxergar a questão e a decidir-se a fazer alguma coisa. Se não há voluntários, a coisa não vai. É só uma pessoa começar, convence uma segunda, uma terceira e assim por diante, depois vai para uma outra cidade e consegue mais um,

mais outro. Não é tão impensável diante de uma causa que é comum a toda a humanidade. Pode reunir gente de todas as convicções e de todas as religiões porque é comum a todos.

D. Luiz Cáppio começou, no caso do rio São Francisco e o presidente se comprometeu a organizar um debate nacional (até agora não aconteceu nada).⁴ Vai ficar nisso? O rio São Francisco tem hoje 25% da água que tinha há cem anos atrás, está morrendo, morrendo porque estão desmatando os lugares onde estão as nascentes. Em todo o estado da Bahia, em Minas Gerais, estão destruindo, e quem vai lá para impedir? Se houvesse um grupo para impedir, para manifestar, para confiscar os tratores, seria um despertar. Se só um gesto do bispo foi um sinal de alarme, a multiplicação das ações desse tipo vai repercutir. A única coisa que não serve é fazer discursos, palavras, palavras são tão abundantes que não têm efeito. A coisa é organizar ações significativas que sejam capazes de pressionar, efetivamente.

Precisa ter gente para fazer. Isso que é o desafio. Podia se fazer uma campanha vocacional, não para as ordens religiosas ou seminários, mas uma campanha vocacional para uma obra útil, efetivamente útil para o bem da humanidade. Campanha vocacional para juntar vocações para dedicar sua vida em defesa da terra, à promoção da terra e da vida na terra. Tem muita coisa que se pode fazer, mas até agora a preguiça é universal. Só discurso, discurso, na realidade ninguém faz nada. Se ninguém se move não vai acontecer nada.

O tipo de vocação, hoje, é muito diferente do tipo de vocações do século passado, dos séculos anteriores. Antigamente, se fundaram tantas congregações religiosas para ensinar. Hoje, todos os países têm sistema de

ensino, não precisa mais. Este tipo de vocação não é mais necessário. Outros foram fundados para tomar conta de hospitais. Os países já têm uma rede de hospitais, não precisam mais. Para que se precisa de religiosos? É preciso ver quais são as necessidades e os desafios dos dias de hoje. Escola e hospitais eram desafios. Quais são os desafios e as necessidades atuais? Os terrenos não ocupados, onde ninguém se mete, ninguém se compromete, este é o lugar. Rivalizar com escolas quando já tem muita coisa diferente, isso não tem significado. Entrar no terreno abandonado em que ninguém se arrisca, é outra coisa. Até agora não há campanha vocacional para a ecologia. Mas, pode-se começar a fazer alguma coisa porque é urgente e necessário. Vai-se adiando, adiando indefinidamente e continua a destruição da terra, tranquilamente, apesar de todas as leis, reuniões, congressos.

16) Referência Cristã no mundo

No meio da grande fragmentação dos grupos, como criar uma referência? Houve um tempo, em que vários bispos realizaram essa tarefa. Citei D.Leônidas Proaño, no Equador, era referência para todo o povo, todos os grupos e todo mundo. Era referência e com uma afirmação muito simples - a prioridade dos índios, grande massa indígena totalmente marginalizada e perseguida. Isso ficou. Quando morreu, todas as pesquisas o colocaram como um dos 10 equatorianos mais importantes da história. Imediatamente foi reconhecido. É uma das personalidades mais fortes que dá um sinal para toda a sociedade, não só para a igreja católica, mas para toda a sociedade. Hoje em dia, não se precisa esperar que as referências venham de bispos porque a forma como são escolhidos, não permite muito... Um dia, um bispo chileno, aluno meu em outros tempos, me dizia: "*Cada vez que a Conferência Episcopal propõe um sacerdote que já se meteu em questão social, é eliminado*". Ter trabalhado em questão social já basta para eliminar, esse já não pode ser bispo. Esse princípio

⁴ Refere-se a luta contra a transposição do Rio São Francisco.

modifica a fisionomia de bispo e daí já não se pode esperar muito.

Há também leigos; citei Adolfo Esquivel, na Argentina. Naquele momento, quase toda a Conferência Episcopal se identificava com o governo militar, a imensa maioria do clero se identificava com o governo militar, menos os passionistas. Na frente da sua casa ainda tem o buraco em que a polícia botou uma bomba como advertência. Foi também da igreja dos passionistas que tiraram a irmã francesa, Leonie, depois jogada no mar. Há pouco, foi encontrado seu esqueleto, em uma praia argentina; puderam identificar pelo DNA. Fora dos passionistas, todos os religiosos eram alinhados. Tem um livro de um advogado Miglione, defensor dos Direitos Humanos. Ele conta como toda essa igreja se colocou ao lado do regime militar e, mesmo interpelada, não deram nenhuma resposta - não queriam romper a aliança. Quando o Papa esteve na Argentina, no tempo da guerra das Malvinas, ele censurou Nossa Senhora. Estava em Luján, no santuário, a Aparecida da Argentina em uma grande celebração, com toda a Junta Militar, os generais, todas as forças. No seu sermão, o Papa evoca o Magnificat de Nossa Senhora, só que pulou o versículo "*ele depôs os poderosos do seu trono*". Depois se disse que era esquecimento. Claro que recebeu advertência do episcopado de que não era para falar disso, naquele momento. Nossa Senhora, lá no céu, não podia reagir, não podia dizer que um versículo estava esquecido...

17) Unidade de pensamento teológico

Com quem unificar, juntar é bastante imprevisível. Mas, um grupo pode juntar-se com outro, depois um terceiro, um quarto... O principal é o centro do pensamento. As universidades não são centros de pensamento, são centros de emprego. Não adianta pensar nas universidades católicas, pontifícias... Xavier Gorostiaga, um jesuíta, era responsável pelas universidades jesuítas da América do Sul, estava

profundamente preocupado, porque dessas universidades, só a UCA-Universidade Centro Americana, em El Salvador, era centro de pensamento, o resto eram fontes de emprego. Cada um procurando melhorar o nível de emprego. Daí é difícil sair algum pensamento... Para tanto, é preciso pertencer a uma instituição independente, autônoma, que não esteja enquadrada numa estrutura tão forte que tenha que obedecer aos rigores do Ministério de Educação. Só aí já perde metade do tempo em burocracia.

Tem que ser um centro de pensamento autônomo, de reflexão autônoma. Isso não existe porque ninguém tomou a iniciativa. Tomou-se a iniciativa para fazer muitas universidades pontifícias. Fazer mais uma não vai mudar absolutamente nada, na constelação intelectual do país. Serve para aumentar o poder. O Sínodo do Jubileu, Sínodo das Américas, que expulsou os pobres e as CEB's da igreja, propôs dois objetivos para as igrejas latino-americanas: primeiro, as universidades (todos os religiosos fundaram faculdades), um empurrão para as universidades; o segundo objetivo era os meios de comunicação de massa, fundamentalmente a televisão (Rede Vida, Canção Nova). Estas foram as prioridades do Sínodo.

O resultado foi um mundo de faculdades e universidades sem se perguntar qual o testemunho cristão que estão dando, qual a profecia que estão dando na sociedade. Os professores que aí estão, vão dar aula em uma segunda e terceira para ganhar a vida porque o salário é muito baixo. Pode até ser que o diretor seja um religioso, mas os outros... Deveria ser um centro autônomo, independente. Que não seja dirigida por uma diocese, por um bispo, por uma ordem religiosa. Autônoma, com toda liberdade para refletir, propor, tomar atitudes, enfrentar...

Até agora não se conseguiu, como não se conseguiu fazer uma faculdade de teologia para a

América Latina. A consequência é que todas as dioceses mandam estudar em Roma, em uma das inúmeras faculdades de teologia que há em Roma. Aí aprendem o catecismo, aprendem a repetir o catecismo indefinidamente, sem nenhum pensamento crítico. Deveria haver, na América Latina, um centro, uma faculdade autônoma, independente que pudesse juntar os melhores teólogos e reunir jovens para estudar sem necessidade de estudar em Roma. Os teólogos da libertação do século passado, todos estudaram na Europa Central - Alemanha, França, Holanda, Bélgica - porque não havia, na América Latina, nenhum centro de pensamento crítico.

Hoje, ainda não tem. Há pequenas iniciativas melhores e piores; mas alguns grupos querem fazer o jogo, sozinhos. Poderiam sacrificar-se ajudar a projetar uma instituição autônoma que possa reunir toda espécie de leigos, homens e mulheres, a partir de sua capacidade de reflexão crítica. Tem que ser os leigos que tomem essa iniciativa. Com um objetivo básico, fundamental, que seja referência para todos os grupos, movimentos. Uma congregação não é capaz de assumir e sozinhos não têm peso suficiente na América Latina.

18) O sujeito histórico

O problema é: como vão agir as massas dos pobres no contexto atual? Onde estão os profetas? Quais são as formas de articulação entre elas? Na fase da modernidade, depois da Revolução francesa, a economia era simples, as tecnologias simples. As fábricas não precisavam de engenheiros. Hoje em dia, tudo isso mudou. Naquele tempo, os movimentos socialistas pensavam que os trabalhadores poderiam muito bem fazer funcionar as fábricas e que podiam substituir o patrão que só servia para tomar o lucro da empresa.

Hoje, é muito mais complicado. O patrão é múltiplo: é todo o sistema. E nada funciona sem a

intervenção de muitos especialistas. Formou-se uma classe média que é feita de especialistas em todos os domínios dos saberes que intervêm na produção, na distribuição e na administração. O número de operários diminuiu, porque as máquinas fazem cada vez mais trabalho. Mas a máquina não funciona sem a ação de técnicos cada vez mais especializados. Cada técnico conhece apenas um pequeno setor das atividades econômicas. É possível imaginar empresas cooperativas em que toda a direção esteja nas mãos dos trabalhadores, mas isto ainda não resolve o problema social.

Com efeito, hoje, quem trabalha em trabalhos especializados já é um privilegiado. O maior problema social já não é o problema dos trabalhadores e sim o problema dos que não podem trabalhar. Estes não se pode entregar a máquina de produção. O desafio é o que fazer com as massas que não têm qualificação para entrar na economia moderna? Como orientar a economia de tal modo que haja possibilidade de trabalho para todos? No momento, a economia está nas mãos das grandes multinacionais que só querem crescer e aumentar cada vez mais seus capitais, conquistando o mercado e transformando tudo o que existe na terra, num mercado. Vão vender a terra, a água, o ar, os mares; no fim, já não se poderá fazer nada sem ter que pagar.

Em Roma, nos dias de hoje, escolheu-se a política de reforçar a identidade da igreja face à pós-modernidade, face à sociedade contemporânea. Reforçar a identidade da igreja católica, restaurar todos os sinais tradicionais que não vêm das origens, vêm do Concílio de Trento, da herança medieval sintetizada no Concílio de Trento. A finalidade é permanecer fiéis rigorosamente, restaurar o que foi perdido ou que se abandonou com o Concílio Vaticano II. Assim, o católico recupera a sua certeza, confiança, segurança em si mesmo porque

observa todas as regras, normas, observa o Direito Canônico. Se é seminarista, usa a batina, se é padre, compra paramentos de todas as cores, celebra de paramento verde no domingo, como convém, e se é dia de mártir, vermelho. Isso dá uma tranqüilidade, segurança: *sou observante, sou católico*.

Não adianta insistir demais nos sinais de identidade, o evangelho não serve como sinal de identidade: dependente das circunstâncias. Ninguém usa o distintivo "*eu fiz opção pelos pobres*". O evangelho gera insegurança porque nunca se sabe o que vai dar, qual será o resultado, se fazemos certo, se não. Isso é difícil de agüentar, de suportar. Supõe uma preparação espiritual muito forte e, hoje, são poucos os lugares em que se dá uma formação espiritual cristã forte. Fui convidado, no Recife, para uma reunião das formadoras das congregações religiosas: só aceitei duas vezes. É impossível - essas formadoras não têm formação nenhuma, não têm formação humana, cristã, nada. Como ser formadoras se elas mesmas não são formadas?

Nos seminários, o que falta mais é formação espiritual. Um vigário que devia ser nomeado diretor espiritual, põe toda sua preocupação na paróquia. Aparece para fazer uns exercícios espirituais, tudo muito superficial como se os exercícios espirituais pudessem formar. Precisa ter outro nível, outra profundidade. Prefere-se reforçar a identidade católica, as instituições exteriores, sinais exteriores de catolicismo porque o evangelho daria medo, cria insegurança e indisposição, não sabem o que fazer com ele. Há pessoas de grande profundidade espiritual, mas dificilmente ocupam esses lugares onde necessita uma preparação evangélica.

XI. ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO

Antes de tudo, é preciso dizer que a espiritualidade está toda no evangelho. É preciso ler o evangelho, tirá-lo do armário, da biblioteca. Parece que Deus fala. Todas as religiões procuram contato com Deus. Não precisa procurar, Ele já está falando, o problema é que nós não escutamos. Em lugar de se preocupar em como entrar em contato com Deus, primeiro tem que escutar. Deus fala. Toda a vida dos profetas mostra, a vida de Jesus mostra. Deus fala o quê? Fala com o profeta para dizer: "*abra a boca, diga: não tenha medo, vá enfrentar os inimigos, não tenha medo*". Só que a voz de Deus não é tão agradável, é um desafio permanente. A tendência espontânea é: "*por favor, Deus, não fale, não me diga, porque pode constituir um desafio que não quero aceitar, não estou disposto*". É melhor fazer discursos bonitos, uma bonita liturgia para impedir que escutemos o que Deus está falando. Grande parte das celebrações é para impedir. Em lugar de escutar, fazem muito barulho para ocupar o tempo. Deus fala, envia, manda, desperta, acorda os que estão dormindo e quando o profeta Elias está cansado e não agüenta mais "*levanta-te Elias*" e até traz a comida.

Jesus deixou até comida para caminhar, para andar. A última ceia foi para prolongar e dar um caráter definitivo à Páscoa dos judeus. A Páscoa é a comida antes de entrar na grande viagem que vai durar 40 anos. Antes de entrar nessa viagem, tem que comer. A comida dá fortaleza e permite começar a caminhar. Quando Jesus sai desta vida começa a caminhada dos discípulos. Vão ter que comer. Vão precisar de uma Páscoa forte e de uma comida forte porque essa caminhada é difícil, precisa ultrapassar uma série de obstáculos, enfrentar resistências; então tem que ter uma comida forte.

Transformaram a eucaristia e criaram dela a missa. Fizeram da missa um ato de homenagem a Deus. Deus não precisa de homenagens. Nós é que precisamos de comida. Nós é que precisamos de alimentação. Deus não precisa disso, tem tudo à sua disposição. Nós precisamos nos alimentar pensando que estamos na caminhada, estamos viajando; não estamos instalados, mas enviados. Pode ser enviado ao vizinho. Alguém a cavalo pode visitar um vizinho até 30 km. Com bicicleta até 100 km; se tem carro pode fazer 1.000 km, e se tem um pouco mais de dinheiro, pode ir de avião até São Paulo. Não tem importância se é perto ou longe, importa estar caminhando, indo ao encontro, ao encontro de Deus.

Deus está entre os pobres. Não está no templo, na catedral, está dentro dos pobres. É preciso ir ao encontro de Deus que está ali presente. Exteriormente, não é tão evidente, tem que abrir os olhos; não com os olhos vulgares que não descobrem a realidade, mas com os olhos que enxergam que Deus está presente. Não está sentado no trono, no céu. Está presente naquilo que é fraco, que não tem poder, que é vítima, condenado, crucificado; ali está Deus presente. Está presente em todos os crucificados. A nossa caminhada vai por aí. Essas vítimas crucificadas vão se levantar com a voz profética, vão se levantar e descobrir que Deus está neles, que a força de Deus está neles e não se dão conta. Não sabem se não tem alguém para falar, para proclamar. Vão despertando para uma multiplicidade de vocações diferentes, de acordo com as circunstâncias em que estão colocados - condições de saúde, condições financeiras, condições físicas...

Em João Pessoa, há um homem chamado Abílio, deficiente, tem o corpo totalmente desarticulado, vive numa mesa, vai sendo levado de um lugar para outro, os braços não funcionam, as pernas tampouco, não é capaz de comer sozinho. Esse homem dá retiros e tem um

papel de conselheiro; muita gente vem pedir orientação e direção para ele, apesar de uma inferioridade física. Fisicamente se poderia pensar o que ele pode fazer. No entanto, pode fazer muito, mesmo nas piores condições. No interior, não é extraordinário que pessoas doentes, de cama, tenham uma sabedoria que pode fortalecer, dar ânimo aos que têm saúde e que animicamente estão mais fracos. Isso desperta uma multiplicidade de ações e vocações diferentes. Mas, se não tem alguém para falar, se não tem profetas para despertar, não acontece nada.

Por isso, é que Deus manda, envia. No evangelho é assim. Jesus manda, escolhe como chefes das tribos de Israel analfabetos, pescadores, agricultores, gente sem poder, sem força, sem nenhuma posição social, sem reconhecimento social. Não precisa ter uma força social grande, um desenvolvimento cultural muito grande. Se tem voz profética, basta, todo mundo entende.

A mensagem de Jesus é o apelo aos pobres, fazendo dos pobres a fonte e a energia da mudança do mundo. Não se trata da acumulação de forças nas mãos dos pobres, como pensaram muitos revolucionários, pondo armas nas mãos dos pobres. Com isso, já não são mais pobres, são parte de um sistema de poder. Os pobres são os que não têm poder; dispõem apenas dos seus braços, dos seus pés e da sua palavra. A mensagem de Jesus não é para se ter compaixão dos pobres, que é preciso ajudá-los; senão os pobres seriam apenas objetos dos outros. Não seriam fator de mudanças. A mensagem de Jesus é que a força de Deus está com eles e que eles vão mudar o mundo, estabelecendo o reino de Deus, na forma que dissemos.

Por si mesmos, os pobres não se movem, ficam esmagados pelos que os exploram e os dominam. Vivem no medo e no sentimento da sua impotência. Conhecem momentos de revolta que leva a uma repressão, que os deixa numa situação pior ainda. A tarefa dos pobres não

é simplesmente revolta, mas a construção de uma força coletiva que possa enfrentar as forças dominantes. Pois, eles vão ter que construir uma nova forma de sociedade. Temos vários exemplos da força dos pobres unidos na Venezuela, na Bolívia, no Equador, experiências parciais na Argentina e no Brasil. São momentos parciais que nos permitem imaginar como seriam movimentos mais amplos. Também na África do Sul. São os primeiros momentos de uma evolução que irá acumulando forças até derrubar as forças que dominam na atualidade.

Estas lutas precisam ser conduzidas por profetas e não por chefes militares ou líderes ambiciosos de poder como acontece. Os profetas despertam a esperança, o sentimento de missão, o sentimento de capacidade, a vontade de união, a disposição para sofrer e agüentar até o fim, até conseguir. Os profetas são os que sabem que a força de Deus está com os pobres e está presente porque pretende mudar a situação da humanidade. A luta levada pelos pobres, em vista de um mundo novo, é o que na Bíblia se expressa, às vezes, como luta contra o pecado ou libertação do pecado. Os pobres agem por meio da palavra. Uma palavra pronunciada por milhões de vozes reunidas acaba sendo ouvida, perturba, abala e, com perseverança, leva à ruína da dominação injusta e da opressão. Foi o que Gandhi ensinou e praticou quando a Grã Bretanha finalmente sentiu que já não tinha capacidade de dominar esse povo.

Na história da JOC, me lembro um dia quando Cardjin veio ao Brasil, aqui em São Paulo. Houve uma grande reunião de operários e ele não sabia português, falou francês. Falou com uma força, uma intensidade grande. Depois perguntei a um operário: "Você entendeu?" "Entendi tudo". Entendeu tudo, entendeu que para ele os operários eram importantes, que para ele os operários eram grandes, eram dignos, tinham uma vocação especial no Reino de Deus. Pode até nem falar a língua, mas pode ser profeta mesmo assim. São

Francisco Xavier foi evangelizar na Índia e só sabia falar espanhol e português. Não conhecia absolutamente nenhuma das línguas dos nativos. Dizem que batizou 100 mil indianos. Entenderam o principal - que ele estava com muito amor, com muito ardor, com muita caridade e com uma mensagem de esperança. O resto são pormenores sem muita importância. O essencial entenderam, apesar de não saber falar a língua deles. Pode-se ser profeta, não precisa ter muitas qualidades, qualquer um na condição em que está; só tem que obedecer e seguir a vocação que tem.

A tentação de todos nós é a de resistir a Deus porque custa, porque não dá segurança, pelo contrário, abre um período de insegurança e indefinição. Não se sabe em que vai dar, o que pode dar. E o vício principal, como se sabe, da Igreja Católica, hoje, é a segurança, todo mundo procurando segurança. O problema de muitos missionários, hoje, é que querem ter uma certeza prévia. Se alguém vai para a missão já quer saber, de antemão, qual a casa em que vai se hospedar, quem vai receber, aonde vai chegar e quem vai dar comida... senão, não vai. Esse missionário não vai se não tem tudo isso garantido. Desse jeito não funciona; assim nunca se vai ao desconhecido, sempre se fica dentro do mesmo círculo. Mesmo na Ásia e na África, os missionários que evangelizam não chegam a 5%. Os outros administram paróquias, escolas, hospitais. Os que entram em conversa, dirigem-se aos outros, entram em comunicação, em contato, em simpatia, dos chamados missionários, só 5% são realmente missionários. Por causa do princípio da segurança, primeiro a segurança.

Ora, meter-se no meio dos muçulmanos, dos xintoístas não tem segurança. Não se sabe sequer como vai ser acolhido, recebido. O Henrique, em Salvador, na igreja da Trindade, se atreveu a entrar no caminho de Jesus. Nem todo mundo pode tomar essa radicalidade, mas todo mundo podia fazer um pouco mais. Um pouco

mais de insegurança, um pouco mais de risco, um pouco mais para simplesmente sair da rede de relações que dá segurança e tranqüilidade. Saber aonde se vai, já ter alguém para o receber... não vai trazer muita novidade.

A espiritualidade do evangelho tem linhas bastante simples e bastante claras e ao alcance de qualquer sujeito. Não precisa ter cultura, não precisa ter muita coisa disso; em geral, sobrecarregamos o povo com coisas complicadas e palavras inúteis. Tudo é muito mais simples; é insistir e profetizar sobre a simplicidade do evangelho que é feito para ser entendido por qualquer pessoa, não precisa ter muita inteligência nem muita capacidade cultural para entender. As pessoas mais simples podem entender, perfeitamente. É só andar por aí afora para saber, se dar conta, averiguar, é assim - pessoas mais simples são as que melhor entendem, melhor conhecem, melhor interpretam e sabem aplicar melhor.

Alguém perguntou qual o sentido de "*esvaziar-se, aniquilar-se*" que aparece na Bíblia. Aniquilar-se para a Bíblia nunca pode significar a perda de identidade própria. Aniquilar-se é desnudar-se de toda forma ou postura de imposição, de tal modo que alguém se torna semelhante aos pobres; não pode impor nada, tornar-se fraco igual aos mais fracos. O ponto extremo de Cristo é quando está crucificado, não pode nem mexer os braços nem as pernas. Essa é a condição da liberdade. Porque se você tem que defender um poder, é isso que dizia Francisco de Assis, se o seu irmão tem uma casa, vai ter que defender a casa, vai ter medo dos ladrões, vai ter que contar com a polícia para defender a sua casa, se torna, de certo modo, escravo da casa. É a questão de todos os edifícios e patrimônios dentro da igreja católica.

Quem é proprietário é escravo de sua propriedade. Melhor não ser proprietário. Mas nem todo mundo tem possibilidade de não ser proprietário. E se o grupo é

grande, fica mais difícil. Mas, isso sempre muda a mentalidade. Jesus diz que não tinha nem onde reclinar a cabeça. Se tivesse uma pedra iria defender essa pedra contra qualquer outra pessoa que quisesse roubar sua pedra. Daí a necessidade de se defender. Ele não se defende, porque não sente necessidade de se defender. Por isso, pode atacar, pode denunciar e pode dizer tudo, pode falar tudo, pode falar mal do sacerdote, dos juízes, do imperador, de qualquer pessoa, porque não tem nada para defender. Se tem alguma coisa para defender, tem que examinar muito bem até onde pode falar, até onde pode ir, até onde pode se comprometer.

Fazer como Francisco de Assis, somente alguns podem fazer; nem a ordem franciscana pode fazer. Por isso, ele foi excluído e, no seu testamento, amaldiçoou seus seguidores que não foram fiéis. Ser fiel, com radicalismo, não é para todo mundo. É significativo, no entanto, que em toda a história do ocidente, Francisco de Assis aparece como a referência. Se há um cristão, um seguidor de Jesus, sempre é Francisco. Até o Papa João Paulo, quando quis fazer uma reunião ecumênica, não encontrou outra solução senão organizá-la em Assis. Organizar em Roma? Só a basílica de S. Pedro já é uma ofensa tão grande. A personalidade de Francisco de Assis foi, em toda a história do ocidente, a referência suprema - esse é Jesus no nosso continente; no meio dessa cristandade é a representação de Jesus.

Quanto a nós, pobres pecadores, cada um faz o que pode. Poderia fazer um pouquinho mais do que pode. S. Vicente dizia às irmãs que voltavam das visitas aos miseráveis camponeses atingidos pela guerra, após contarem tudo que tinham visto de miséria e perguntavam o que podiam fazer. Respondia S. Vicente *um pouquinho mais*. Transformar toda a sociedade francesa, do século XVII, não tinham capacidade, mas *um pouquinho mais* podiam fazer. Isso vale para todo mundo. Todo mundo poderia fazer *um pouquinho mais*.

Outros podem fazer muito mais; os jovens que têm a vida toda pela frente, estes podem fazer muito mais. Quando vêm os anos, a capacidade vai diminuindo progressivamente, já não se pode fazer tanto, mas *um pouquinho mais*, isto sim se pode fazer.

O segredo de uma igreja libertadora é o redescobrimto do Evangelho e descoberta da realidade. Não é disso que falam os catecismos, a escolástica, o ensino dos seminários. Aí, não se aprende o Evangelho, nem a realidade de exploração que acontece na sociedade, até nas *santas propriedades*. No máximo, se ensina que Jesus nasceu e morreu. A Igreja Povo de Deus fez uma volta ao séc. XIII (Francisco de Assis) dizendo que Jesus viveu, tinha uma mensagem, sugeria um caminho; que ele falava dos pobres; que a Boa Notícia é estabelecer o protagonismo dos pobres, animar a esperança do povo... e dizer que também os profetas combatiam os reis e a elite. E que a má notícia é esse apego aos regimentos, às propriedades, aos templos, é falar mais do amor à igreja do que de Jesus... Pio X praticamente havia condenado qualquer aproximação com os socialistas e estimulou a rejeição da classe operária. Por isso, fica claro, que não é o povo que sai da igreja, é a igreja que abandona o povo. Por que os Pentecostais atraem mais? Ainda que de forma incompleta, eles falam de Jesus. Enquanto um padre convida seu colega visitante para concelebrar, um pastor o convida para visitar os doentes, no hospital...

Que fazer? Aonde vamos? Com quem estaremos no próximo período? A maioria da Igreja perdeu a fé. Na Venezuela, quando se fez um apelo aos médicos, os voluntários católicos foram infinitamente menos generosos que os comunistas. Em toda a história, a hierarquia sempre prefere a defesa da burguesia, gosta da surdez e da cegueira, quer uma *militância sem risco*. Para os clamores que não consegue negar, ela inventa *pastorais da moda* como fachadas para ocultar seu

descompromisso ou, como na cristandade, cria instituições controladas para dizer que é a igreja quem *resolve os problemas*. Enquanto isso, o povo pede voluntários para alimentá-los com sua mística. As 8 (oito) milhões de professoras, onde em cada 6 só 1 é de vocação, clama por educadoras. Quem vai ajudar a buscar caminhos com os 50% dos universitários pobres já que seus diplomas universitários nada garantem? E os sem terra, os sem casa, os sem trabalho, os escravos rurais, os operários explorados, as mulheres violentadas e discriminadas, os índios, os negros... Quem vai até eles?

O Evangelho não chama ninguém para uma instituição; chama para os trabalhos mais sumidos, para a experiência de ser tratada como inferior. Então, a ordem está dada - meter-se no meio do povo, como sal e luz. Ir lá onde o povo está, saber trabalhar com os outros que não são santos. É aí que *se ama sem ficar aflito*, é aí que se examina a coerência com o Evangelho e se celebra a manifestação de Deus. Mas, neste momento da conjuntura latino-americana e mundial, quando o grande império estadunidense desmorona, quando outros impérios emergem e quando a resistência se faz nacionalismo (Chávez, Morales...), onde estaremos? com quem ficaremos?

ANEXOS

Agradecimentos

Agradecimentos do Movimento Sem-Terra-Pernambuco pela solidariedade que receberam por ocasião do assassinato de dois companheiros e pela prisão de suas lideranças.

Nossas mãos agradecidas

No acidentado do dia a dia, entre fumaça e lixo, de crianças e adultos, que se misturam aos animais rastejantes, e a voracidade da fome, não se diz que não se oferece risco desses seres humanos.

Nas periferias e nos engenhos manda a mão pesada do poder sobre a vida e o tempo das pessoas, morte de fome, morte da história e do nome, morte do futuro e das vontades. Quem é o assassino?

Nas escolas sem professores, a juventude espera e se enxerga no espelho do descarte e a rebeldia pede à arte para se transformar em arma de autodestruição. Quem fornece a munição?

Na lei do silêncio e do descarte é proibido perguntar, é proibido dividir a pergunta e multiplicar a força dos Sem Terra, sem direito, sem justiça. Quem precisa ser punido?

A terra nos ensina a acreditar e luta nos permite sonhar o tempo da liberdade, o espaço partilhado com a alegria da fartura e a criação do futuro no campo e na cidade.

Mas só é possível a vida em movimento, só é possível a esperança com a luta, só são possíveis

as vitórias com solidariedade e um amor tão grande que ocupe nossas vidas e as torne fermento na massa, o sal na terra a permitir que a poesia das crianças não se perca, que a juventude não perca a sua força e que a humanidade não se curve à barbárie.

Somos gratos às companheiras e companheiros e organizações que se fizeram presentes nesses momentos tão difíceis para nós de afirmação dos valores do capital, quando perdemos dois companheiros valorosos, Samuel e Josias, e tivemos presos nossos companheiros Jaime Amorim, Paulo Barros e José Paulo como forma de criminalização do MST e de toda a luta camponesa e popular. Sem vossa participação, estaríamos ainda reféns do jugo judiciário viciado em tantas instâncias e processos mais severos de marginalização. A luta dos povos segue seu rumo mas é preciso ter a coragem de dizer que ninguém nasce para ser escravo.

*Um forte abraço, companheirada,
Jaime, Paulo e José já estão em liberdade.
A nossa luta precisa se fortalecer todos os dias.*

MST – Massificar, Organizar, Construir o Poder Popular

VALORES E ÉTICA NA MILITÂNCIA

Anotações de uma palestra do Pe. Comblin, 2005.

★ **Vencer o medo, revoltar-se diante do mundo atual**

A maioria do povo está conformada, vive conformada e humilhada diante da situação atual em que vive a humanidade. *Uma pessoa militante não pode aceitar a exclusão social, não pode ficar conformada.* Muitos escravos se revoltavam com a situação de escravidão, mas a grande maioria se conformava. *A força da classe dominante está na conformação das grandes massas, na resignação das grandes massas.* É da não aceitação da opressão e dominação que nasce a consciência moral, que nasce o ser humano responsável, que nasce o grito da dignidade humana.

O medo é grande no meio do povo: medo de levantar a voz, medo das autoridades, medo dentro de cada pessoa. Medo que está na grande massa de 60 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de miséria - 60 milhões de pessoas que têm medo. Vencer o medo é o começo da vida moral. *Nossa tarefa é levar a grande massa a vencer o medo.*

★ **Vencer a mentira**

Existem muitas formas de democracia; quanto às Leis, só se respeitam as que favorecem a classe dominante. *A democracia é a fachada da mentira dos dominadores e governantes.* A democracia que se divulga só existe para servir aos interesses dos dominadores. Esse sistema foi criado para não haver mudanças, para evitar, impedir e desestimular qualquer tentativa de mudança. *Denunciar essa mentira é ajudar a construir o valor ético e moral.*

★ **Sentir-se responsável pela sociedade**

Ser militante é sentir-se responsável por toda a comunidade humana: *"posso fazer alguma coisa", "sou capaz de agir", "sou capaz de julgar", "tenho capacidade".* Sentir-se capaz e assumir a responsabilidade. Nossa população foi ensinada a repetir que "as coisas sempre foram assim e sempre vão ser assim". A tarefa da militância é *despertar o sentimento de responsabilidade que está adormecido na grande maioria das massas dominadas.*

★ **A força do povo está no próprio povo**

Militante que não respeita a força do povo, não tem povo. É dever da militância meter-se no meio do povo e participar, sentir, ter paciência, respeitar a consciência das grandes massas. Ter paciência é sempre ter muito amor ao povo para poder despertar a consciência do povo. A militância tem que contar com uma paciência infinita. Transmitir a mensagem, a partir da resistência e da paciência insistindo que *é do povo a força.* É do povo o poder da mudança. É preciso de um trabalho imenso, de uma paciência imensa, uma persistência infinita.

Amar o povo é despertar a vida, é despertar a vontade de viver, é a vontade de servir para despertar as massas deste sentimento de impotência que está no meio do povo. Um grupo *voluntarista* não consegue mudança se não estiver com a maioria. É preciso despertar a consciência adormecida das grandes majorias e... *cuidado, para não chegar à conclusão que o povo não quer a mudança!* É preciso despertar no povo sua auto-estima, a confiança em si mesmo.

★ **Uma pessoa sozinha não pode nada**

A força dos pobres está no número, na ação comunitária, na ação do conjunto. Saber juntar as forças sem procurar a própria glória, sem

supervalorizar sua importância, sem procurar seu prestígio em detrimento da ação coletiva, comunitária. A consciência ética nos orienta a construir junto, libertando junto.

A mensagem da cultura dominante é de que *cada pessoa defende a si mesma, cada pessoa se salva como pode, "salve-se quem puder", cuide-se de si mesmo*. Esta mensagem se escuta inúmeras vezes por dia. Inclusive, no meio da militância mais antiga, se escuta repetir, muitas vezes: *"eu tanto que me sacrifiquei, pensei nos outros, agora quero viver a minha vida"; "quando eu era jovem era muito ingênuo por isso me sacrifiquei tanto". Ou "quem não é socialista aos 20 anos não tem coração, quem continua socialista aos 60 anos não tem cabeça"*.

★ **A luta, como consciência moral, manifesta-se na sociedade como pressão**

"A violência não resolve, a violência corrompe, a violência não se desprende, se acostuma, cria vício etc.", repete a classe dominante. No entanto, as leis foram criadas para os pobres ficarem calados. É preciso crer firmemente que, aplicando as Leis, o povo não consegue nada. Para conquistar alguma coisa, é preciso infringir a Lei. *"É no ato de desobediência que aparece a consciência"*.

Se uma pessoa desobedece, vai para a cadeia. Porém, se um milhão de pessoas desobedece, questiona a lei, a lei tem que mudar. Ação coletiva constrói consciência coletiva. *Obedecer a Lei é agir além da Lei. Repetindo*: Toda lei é feita para defender as estruturas estabelecidas. Os sistemas democráticos jamais levaram à mudanças. É preciso ter outras estratégias para denunciar o sistema. Então, *ter consciência moral é agir além da Lei*.

★ **É preciso agir com inteligência**

É preciso estudar as posturas da classe dominante – *não existe poder total e absoluto*. Temos que agir nas brechas, nas fraquezas do sistema. E uma das fraquezas do sistema é a propriedade latifundiária; o sistema de propriedade rural no Brasil é um escândalo mundial. O governo atual poderia aproveitar esta brecha, desta fraqueza do sistema, infelizmente, até agora, parece que Lula não se deu conta disso.

★ **Coragem**

É preciso perseverar, enfrentar e vencer os desânimos, o cansaço, a desilusão. É preciso enfrentar a cumplicidade dos que apostam nas fraquezas. Coragem, perseverança, teimosia, nada se consegue, normalmente, sem coragem. *Somente é derrotado quem se reconhece como derrotado; quem não se reconhece como derrotado não é derrotado; tudo continua – a militância nunca pode declarar-se derrotada*.

★ **Participação na vida dos pobres**

Não basta um bom discurso, é preciso participar da vida coletiva. Ser solidário é estar junto. É insuficiente achar que *"nós somos os conscientes, os justos, os verdadeiros e os outros, o povo são alienados, inocentes úteis"*. Ser consciente é tomar parte nas ações. De nada vale pensar que, *porque eu fiz um curso, sou superior aos outros*. É preciso sentir-se semelhante ao outro. Do contrário, não se cria confiança, não se constrói cumplicidade coletiva. Achar-se superior, mais importante, desperta o ódio na grande maioria.

Ser militante é ser participante na vida dos outros, um companheiro no meio de companheiros. Daí vem o poder de despertar as

energias que estão adormecidas no meio do povo. “*O nosso maior aliado é o povo*”, dizia D. Helder. Por isso, quem estuda e não volta à sua base, às suas raízes, se afasta da realidade e já não sabe mais o que acontece no meio do povo. É verdade que pobre aprendeu a ter horror a pobreza; por isso, quando consegue sair, não quer voltar mais. Acha uma vantagem repetir: “*eu me salvei da pobreza, eu me salvei da ignorância*” e se esquece do seu irmão.

★ **Toda ação supõe organização, ordem, disciplina**

Toda ação coletiva supõe a necessidade da organização e da disciplina. Mas, o valor da disciplina está no fato da disciplina voluntária e consciente da militância. – não a disciplina do medo, a disciplina dos quartéis.

Sobre o Padre Comblin

- ★ José Comblin nasceu em Bruxelas, Bélgica. Foi ordenado sacerdote, em 1947. Veio para o Brasil em 1958, residindo em Campinas-SP. Foi professor, no Seminário Diocesano e na Universidade Católica, e assistente diocesano da JOC – Juventude Operária Católica.
- ★ Em 1959, lecionou na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Santiago, Chile.
- ★ Voltou ao Brasil e, a pedido de D.Helder Câmara, se estabeleceu em Pernambuco, onde assessorou D.Helder na elaboração de posicionamentos, intervenções, documentos que marcaram o cenário nacional da época.
- ★ Lecionou no Seminário Regional do Nordeste, em Camaragibe, a partir de 1965 e no ITER - Instituto de Teologia do Recife, PE, a partir de 1967.
- ★ No início dos anos 70, passou a orientar um grupo de seminaristas que buscava um estudo comprometido com a realidade rural. Criou, então, um modo de estudo que ficou conhecido como “Teologia da enxada”.
- ★ Considerado subversivo pela ditadura militar, foi expulso do Brasil, em 24 de março de 1972. Decidiu ir para o Chile onde voltou a lecionar.
- ★ Com o golpe no Chile em 1973, deixou o ensino e passou a colaborar com o Vicariato da Solidariedade em Santiago, onde enfrentou a ditadura de Pinochet na questão das torturas e desaparecimentos durante o regime militar.
- ★ No Chile, fundou em 1978, o Seminário Rural em Talca, experiência de formação ao

sacerdício de jovens do meio rural, respeitando sua cultura camponesa.

- ★ Em 1980, foi expulso do Chile pela ditadura militar. Retornou ao Brasil com visto de turista, o que o obrigava a sair do país a cada três meses, durante seis anos, para renovação daquele visto. Só em 1986, foi anistiado e recebeu novamente o visto permanente.
- ★ Com o Grupo da "Teologia da enxada" e o apoio de D. José Maria Pires fundou, em 1981, no Avarzeado-PB, o Seminário Rural para a formação de lideranças populares, tarefa a que passou a se dedicar prioritariamente. Em 1987, participou da fundação das "Missionárias do Meio Popular", com o mesmo objetivo.
- ★ Em 1989, fundou o Instituto de Formação Pastoral de Juazeiro, BA, com sucursais em Guarabira, PB e Miracema do Tocantins.
- ★ Desde 1995 passou a residir na Casa de Retiros São José, em Bayeux, Paraíba. É autor de inúmeras obras. Continua a dar assessoria a diversas entidades de formação de lideranças populares no Nordeste, além da assessoria teológica para os mais diversos grupos eclesiais e sociais, no Brasil e na América Latina.